

# DA CHINA-ÁFRICA À ÁFRICA-CHINA



UM PROJETO PARA UMA  
ESTRATÉGIA DE ÁFRICA  
ECOLÓGICA E INCLUSIVA EM  
TODO O CONTINENTE EM  
DIREÇÃO À CHINA

JUNHO 2021



DEVELOPMENT  
REIMAGINED



REPORTERS OF THE  
CONSTITUTION'S RISE



## ÍNDICE

<b>Glossário</b> .....	<b>4</b>
<b>Agradecimentos</b> .....	<b>6</b>
<b>Capítulo 1 - Introdução</b> .....	<b>7</b>
Contexto .....	7
Metodologia.....	11
<b>Capítulo 2 - Como é a relação África / China?</b> .....	<b>14</b>
Ligação 1: Fluxos de mercadorias .....	15
Ligação 2: Fluxos de finanças .....	26
Ligação 3: Fluxos de pessoas .....	36
Conclusão .....	39
<b>Capítulo 3 - Impacto da China no Desenvolvimento Futuro Sustentável da África</b> .....	<b>40</b>
Comparando a contribuição da China para as seis estruturas continentais da UA .....	42
Analisando as lacunas .....	58
<b>Capítulo 4 - Comparando o relacionamento entre a África e a China</b> .....	<b>60</b>
China como parceiro de desenvolvimento da África .....	61
Relação da África versus Ásia com a China.....	63
<b>Capítulo 5 - Insights de representantes do governo africano na China</b> .....	<b>66</b>
Visão do Embaixador sobre o estado atual da cooperação China-África .....	66
Expectativas de oportunidades e desafios do relacionamento .....	72
Insights sobre os processos de envolvimento com a China .....	75
<b>Capítulo 6 - Recomendações estratégicas para aproveitar a oportunidade da China</b> .....	<b>80</b>
Recomendações estratégicas substantivas .....	81
Recomendações sobre processos .....	89
<b>Capítulo 7 - Conclusões e próximos passos</b> .....	<b>92</b>
<b>Referências essenciais</b> .....	<b>95</b>

## GLOSSÁRIO

AfCFTA	Área de Livre Comércio do Continente Africano
AfDB	Banco Africano de Desenvolvimento
AfriExim	Banco Africano de Exportação e Importação
AGOA	Lei de Oportunidades de Crescimento para a África
AIDA	Desenvolvimento industrial acelerado para a África
AMDC	Centro Africano de Desenvolvimento de Minerais
AMV	Visão de mineração africana
AQSIQ	Administração de Supervisão de Qualidade, Inspeção e Quarentena
ARIPO	Organização Regional Africana de Propriedade Intelectual
ATDC	Centros de Demonstração de Tecnologia Agrícola
UA	União Africana
B2B	De empresa para empresa
B2C	De empresa para o consumidor
BIAT	Reforço Do Comércio Intra-Africano
BIT	Tratado de Investimento Bilateral
BRI	Iniciativa cinturão e estrada
CAADP	Programa Abrangente de Desenvolvimento Agrícola da África
CADFund	Fundo de Desenvolvimento China-África
CDC	Centro para Controle de Doenças
CEN-SAD	Comunidade dos Estados do Sahel-Saara
COMESA	Mercado Comum para a África Oriental e Austral
COVID-19	Doença do Coronavírus
CSIS	Centro de Estudos Estratégicos Internacionais
DFQF	Esquema de isenção de direitos aduaneiros
DFQF	Isento de impostos, isento de cotas
DRC	República Democrática do Congo
DSR	Rota da Seda Digital
DTA	Acordo de Dupla Tributação
EAC	Comunidade da África Oriental
ECCAS	Comunidade Econômica dos Estados da África Central
ECOWAS	Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental
EPC	Construção de Aquisições de Engenharia
UE	União Europeia
EXIM	Exportação-Importação (Banco)
FDA	Administração de Alimentos e Medicamentos
IED	Investimento estrangeiro direto
FET	Tratamento justo e equitativo
FOB	Frete a bordo
FOCAC	Fórum de Cooperação China-África
ALC	Acordo de Livre Comércio
FTYIP	Primeiro Plano Decenal de Implementação da Agenda 2063 da UA
PIB	Produto Interno Bruto
IG	Indicações Geográficas
GNI	Renda Nacional Bruta
ICBC	Banco Industrial e Comercial da China

---

ICT	Tecnologia da informação e Comunicação
IGAD	Autoridade Intergovernamental para o Desenvolvimento
ILO	Organização Internacional do Trabalho
FMI	Fundo Monetário Internacional
PI	Propriedade intelectual
ITC	Centro de Comércio Internacional
JCET	Comitê Conjunto de Economia, Comércio, Investimento e Cooperação Técnica
PMD	Países menos desenvolvidos
MOFCOM	Ministério do Comércio da República Popular da China
MOU	Memorando de Entendimento
NEPAD	Nova Parceria para o Desenvolvimento Africano
NGO	Organização não governamental
NTB	Barreira Não Tarifária
OAPI	Organização Africana de Propriedade Intelectual
PEACE	Paquistão Leste da África Conectando a Europa
PIDA	Programa de Desenvolvimento de Infraestrutura na África
PPE	Equipamento de proteção pessoal
PPP	Parceria pública Privada
RBL	Empréstimo com base em recursos
REC	Comunidade Econômica Regional
ROO	Regras de origem
RTA	Acordo Regional de Comércio
SABMiller	Cervejarias sul-africanas
SACU	União Aduaneira da África do Sul
SADC	Comunidade de Desenvolvimento da África Austral
ODS	Objetivos de desenvolvimento sustentável
SDR	Direitos Especiais de Saque
SEZ	Zona Econômica Especial
SGR	Ferrovia de bitola padrão
SOE	Empresa estatal
SPS	Medidas Sanitárias e Fitossanitárias
STISA	Estratégia de inovação em tecnologia e ciência para a África
TRIPS	Acordo de Direitos de Propriedade Intelectual Relacionados ao Comércio
UAE	Emirados Árabes Unidos
UMA	União do Magrebe Árabe
UN	Nações Unidas
UNCTAD	Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento
UNECA	Comissão Econômica das Nações Unidas para a África
UNWTO	Organização das Nações Unidas para o Comércio
WIPO	Organização Mundial da Propriedade Intelectual

## AGRADECIMENTOS

A Development Reimagined gostaria de primeiro agradecer aos Embaixadores Africanos na China pela sua inspiração e apelo para criar uma estratégia como esta durante a celebração e retiro dos primeiros Embaixadores Africanos na China, que organizamos em novembro de 2018. Somos gratos pela sua confiança e apoio contínuos, bem como o do Dr. Amakobe Sande, então Diretor Nacional do UNAIDS na China, que também nos encorajou a iniciar este trabalho.

Somos particularmente gratos a todos os embaixadores e diplomatas na China que participaram especificamente das entrevistas e da pesquisa para este relatório. Suas opiniões foram muito valiosas e esperamos continuar a colaboração com todos.

A Development Reimagined também gostaria de agradecer a todos os líderes e especialistas que forneceram seus insights sobre as recomendações estratégicas deste relatório, incluindo aqueles que compartilharam suas ideias conosco e com o público global durante a série de seminários on-line da África irrestrita, a série de vídeos irrestritos da África e outras entrevistas relacionadas - Dr. Donald Kaberuka, Hadiza Gagara Dagah, Mavis Owusu-Gyamfi, Charles Robertson, Jason Cheng, Ronak Gopaldas, Dr. Yan Wang, Dr. Brian Pinto, Mma Amara Ekeruche, Professor Jiajun Xu, Professor Howard Stein, Kennedy Chesoli, Paolo Gomes, Senhor Suma Chakrabarti, Mama Keita, Gyude Moore, Ann Pettifor, Jason Braganza, Won Kidane, Professor Tang Xiaoyang, Coordenador Residente da ONU na China Siddharth Chatterjee, Dra. Deborah Brautigam, KY Amoako, HE Teshome Toga Chanaka, Malado Kaba, Professor Carlos Lopes, Andrew Ali, Dr. Folashadé Soulé e Professor Landry Signé. Mais uma vez, esperamos ter uma colaboração contínua.

Agradecemos também aos líderes e especialistas que participaram do Diálogo Sino-Africano sobre Desafios e Cooperação em Tempos de Pandemia, organizado pela Development Reimagined juntamente com o Centro para a China e Globalização e a Embaixada de Gana - Wang Huiyao, Amb. Lin Songtian, Carlos Lopes, Prof. Liu Haifan, Paddy Siyanga Knudsen, Yofi Grant, Justina Obaoye-Ajala, Tirera Sourakhata, Constance Swaniker, Dr. Babatunde A. Ahonsi, H.E. Edward Boateng, H.E. Teshome Toga Chanaka, H.E. Isabel Domingos, H.E. Mbelwa Kairuki, H.E. Sarah Serem, Sr. Rahamtalla M. Osman.

Por último, mas não menos importante, agradecimentos especiais aos analistas da Development Reimagined - incluindo Patrick Anam, que pacientemente liderou a elaboração deste relatório, Miriam Oiro Omolo que diligentemente conduziu a análise comercial, bem como Leah Lynch, Rosemary Flowers, Yike Fu, Ovigwe Eguegu, Judith Mwai, Rosie Wigmore, Harry Nicholls e Jade Scarfe, que contribuíram de várias maneiras, mas cruciais para sua entrega, e Hannah Ryder por sua administração geral.

## CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

### Contexto

À medida que a COVID-19 se espalha pelo mundo, incluindo o continente africano, ele expõe uma série de vulnerabilidades e oportunidades que os países africanos têm em seus relacionamentos com parceiros de desenvolvimento, incluindo a China. A pandemia gerou restrições ao comércio e às viagens dentro dos países e através das fronteiras, e resultou na redução drástica dos fluxos de pessoas, serviços, bens e dinheiro. No momento em que escrevemos, isso está sendo agravado pelas tendências de acesso a vacinas

Além disso, embora seja fácil falar de uma relação China-África, o fato é que existem várias relações China-África, porque cada país africano tem uma relação diferente com a China.

Por exemplo, há vários países africanos cujas economias estão altamente ligadas à China. Alguns dependem da China como comprador de suas commodities como fontes de crescimento, enquanto outros contam com as importações chinesas e arriscam a inflação porque não têm estruturas econômicas diversificadas para serem capazes de fabricar facilmente e fornecer empregos para suas populações.<sup>1</sup> Muitos países africanos se voltaram para a China porque não podem (facilmente) obter infraestrutura e financiamento de capital de outro lugar (por exemplo, Sudão do Sul, Etiópia, Zimbábue para empréstimos e Investimento Estrangeiro Direto). Outros países estão tentando construir um relacionamento mais forte com a China de inúmeras maneiras - por exemplo, países como Quênia, Ruanda, Tanzânia e Maurício esperavam, mas lutavam para aumentar o turismo chinês<sup>2</sup>.



Há evidências de que alguns laços mais profundos foram criados por meio de relações mais fortes entre os governos africanos e o governo chinês. Por exemplo, de 2009 a 2018, líderes africanos de 53 países visitaram a China 222 vezes. Isso é aproximadamente três vezes mais do que os líderes chineses visitaram países africanos no mesmo período - e, mais importante, as visitas de líderes africanos parecem estar correlacionadas aos resultados nas decisões de comércio, investimento e finanças<sup>3</sup>.

No entanto, também há evidências de que a grande maioria das nações africanas não foi intencional sobre como se relacionar economicamente com a China (nem necessariamente com outros parceiros de desenvolvimento). Por exemplo, até o momento, nenhum país africano publicou uma “Estratégia da China”. Os países africanos podem atuar como “tomadores de preços”<sup>4</sup>. Isso tem efeitos importantes

<sup>1</sup> Para uma análise mais detalhada, veja: <https://thediplomat.com/2020/03/chinas-coronavirus-slowdown-which-african-economies-will-be-hit-hardest/>

<sup>2</sup> Veja: <https://developmentreimagined.com/2020/05/28/which-african-countries-are-most-vulnerable/>

<sup>3</sup> <https://thediplomat.com/2021/05/agency-bargaining-power-and-african-leadership-visits-to-china/>

<sup>4</sup> <https://thediplomat.com/2021/05/a-new-database-reveals-chinas-secret-loans-think-again/>



sobre os cidadãos. Muitos cidadãos - especialmente em países como Quênia e Zâmbia, que têm algumas das relações econômicas mais desequilibradas com a China - tornaram-se depreciativos e desconfortáveis com a China, com especulações que vão desde as preocupações dos consumidores sobre “arroz falso”<sup>5</sup> até a apreensão de bens nacionais inteiros<sup>6</sup>.

Além disso, embora um escritório de Representação da União Africana na China esteja em funcionamento desde o final de 2018 e haja um Grupo de Embaixadores Africanos de longa data e ativo na China com 51 representantes, não há atualmente nenhuma estratégia intercontinental ou discussão estratégica apenas na África da política coletiva de África em relação à China, por exemplo na Sede da União Africana (UA) na Etiópia.

Em contraste, a China planeja cooperação com a África dentro de estratégias mais amplas de "sair", o Fórum de Cooperação China-África (FOCAC) criado em 2000 a pedido de líderes africanos<sup>7</sup> (veja **Quadro 1**), e, mais recentemente, a Belt and Road Initiative (BRI) lançada em 2013. Desde 2015, a China tem um escritório separado em Adis Abeba para se envolver diretamente com a UA, e há 27 agências membros na China envolvidas na formulação e implementação de políticas do FOCAC, liderado por vice-ministros de Assuntos Africanos no Ministério dos Negócios Estrangeiros (atualmente Deng Li) e no Ministério do Comércio (Qian Keming)<sup>8</sup>. Há também um “Comitê de Ação de Acompanhamento do FOCAC”, que tem o mandato de implementar os acordos e políticas do FOCAC, e para o qual o atual secretário-geral é o Diretor de Assuntos Africanos do Ministério das Relações Exteriores (Wu Peng)<sup>9</sup>.

### Quadro 1: Visão geral do Fórum de Cooperação China-África (FOCAC)

O Fórum de Cooperação China-África (FOCAC) foi estabelecido em conjunto pela China e países africanos em 2000, e 53 países africanos com relações diplomáticas são agora membros do FOCAC. A União Africana é membro formal desde 2012. Os mecanismos de acompanhamento do FOCAC são construídos em três níveis:

- a Conferência Ministerial (agora geralmente elevada a uma Cúpula) realizada a cada três anos;
- a reunião de acompanhamento de altos funcionários e a reunião preparatória de altos funcionários para a Conferência Ministerial são realizadas no ano e poucos dias antes da realização da Conferência Ministerial, respectivamente;
- as consultas entre o Corpo Diplomático Africano na China e o Secretariado do Comitê de Acompanhamento Chinês são realizadas pelo menos duas vezes por ano.

Existem vários subfóruns temáticos no FOCAC, incluindo o Fórum do Povo China-África, Fórum de Jovens Líderes China-África, Fórum Ministerial sobre Cooperação em Saúde China-África, Fórum sobre Cooperação de Mídia China-África, Redução da Pobreza China-África e Conferência de Desenvolvimento, FOCAC-Fórum Legal, Fórum sobre Cooperação entre Governos Locais China-África e Fórum de Think Tanks China-África.

<sup>5</sup> <https://www.bbc.com/news/world-africa-38391998>

<sup>6</sup> <https://www.scmp.com/economy/china-economy/article/2180026/will-china-seize-prized-port-if-kenya-cant-pay-back-its-belt>

<sup>7</sup> FOCAC Twelve Years Later: Achievements, Challenges and the Way Forward (FOCAC Doze Anos Depois: Conquistas, Desafios e o Caminho a Seguir), Anshan et al. (2012): <https://www.files.ethz.ch/isn/151831/FULLTEXT01-4.pdf>

<sup>8</sup> <https://baijiahao.baidu.com/s?id=1685701222723727588&wfr=spider&for=pc>

<sup>9</sup> <http://dz.china-embassy.org/chn/zt/zfzh/t40336.htm>



Esses mecanismos de cooperação são respaldados por substância. Em 2006, quando o FOCAC sediou sua primeira cúpula em Pequim, a China publicou sua primeira política para a África<sup>10</sup>. O documento de política mais recente de 2015 para a África objetivou estabelecer e desenvolver uma "parceria estratégica e cooperativa abrangente" com a África na política, economia e cultura, mas também na cooperação para o desenvolvimento, militar, redução da pobreza, tecnologia, bem como mudanças climáticas<sup>11</sup>. Estes Livros Brancos desempenham um papel fundamental na orientação de departamentos baseados em assuntos, bem como governos locais e provinciais, sobre como e em que se envolver com a África e as principais áreas estratégicas nas quais se concentrar. Existem ligações consideráveis entre várias províncias chinesas para vários países africanos<sup>12</sup>.

Esses robustos planos e mecanismos estratégicos da China para a África destacam a importância do continente africano trabalhar em conjunto para desenvolver uma estratégia sustentável de longo prazo para a China que complemente os documentos e estratégias de orientação em curso da China.

Existem várias razões para esperança a este respeito.

Há evidências de que os líderes africanos estão indicando mais disposição para afirmar a agência vis-à-vis outros parceiros de desenvolvimento<sup>13</sup>. Além disso, eles estão coordenando mais do que nunca - incluindo através do Centro Africano para Controle de Doenças (CDC) para as diretrizes de saúde, através da Comissão Econômica das Nações Unidas para a África (UNECA) vis-à-vis gestão da dívida, através da UA para equipamentos médicos compras, e através da Área de Comércio Livre Continental da África (AfCFTA) para a política comercial.

Existem também meios claros para o fazer, por exemplo, usando a Agenda 2063 da UA - um quadro estratégico continental<sup>14</sup> que reúne os objetivos de desenvolvimento sustentável da África e planos de redução da pobreza, com base no Tratado que Estabelece a Comunidade Econômica Africana (Tratado de Abuja) (veja o **Quadro 2**).

### Quadro 2: Objetivos-chave da Agenda 2063 da União Africana

- Elevado padrão de vida, qualidade de vida e bem-estar para todos os cidadãos.
- Cidadãos bem formados e uma revolução de competências sustentada pela ciência, tecnologia e inovação.
- Economias transformadas.
- Agricultura moderna para aumento da produtividade e produção.
- Economia azul / oceânica para crescimento econômico acelerado.
- Economias e comunidades ambientalmente sustentáveis e resilientes ao clima.
- Plena igualdade de gênero em todas as esferas da vida.
- Jovens e crianças engajados e capacitados.
- África como um grande parceiro nos assuntos globais e coexistência pacífica.

Com a redefinição das relações globais que a COVID-19 está apresentando, os governos africanos têm uma oportunidade distinta de alavancar uma mudança no relacionamento com a China.

<sup>10</sup> "China's Africa Policy Paper. (2006)." Janeiro 2006. [http://www.gov.cn/gongbao/content/2006/content\\_212161.htm](http://www.gov.cn/gongbao/content/2006/content_212161.htm)

<sup>11</sup> "China's Africa Policy Paper. (2015)." Dezembro 2015. <http://www.focac.org/chn/zywx/zywj/t1321590.htm>

<sup>12</sup> [https://media.africaportal.org/documents/SAILA\\_Occasional\\_Paper\\_no\\_22.pdf](https://media.africaportal.org/documents/SAILA_Occasional_Paper_no_22.pdf)

<sup>13</sup> Veja: <https://www.csis.org/analysis/seat-table-african-leadership-post-covid-19-world>

<sup>14</sup> <https://au.int/en/agenda2063/overview>

Uma relação estratégica clara com a China ajudará os governos africanos a se coordenarem entre si e a fortalecer a responsabilidade perante os cidadãos em relação a essa relação, bem como a aproveitar o “momento” da COVID-19. Usando a estratégia continental, os governos podem desenvolver estratégias mais específicas de cada país que se alinham com seus próprios objetivos e planos de desenvolvimento nacional.

Além disso, o 8º FOCAC está previsto para ser realizado no final de 2021 em Dakar, no Senegal. Agora é a hora de traçar uma estratégia abrangente para ancorar essas negociações e acordos China-África para os próximos três anos.

Esta estratégia, destinada principalmente a informar os decisores políticos africanos, organizações da sociedade civil e cidadãos em toda a África, fornece um "plano" ou "roteiro" inicial para uma estratégia continental africana abrangente para a China com uma ênfase subjacente na recuperação verde e inclusiva.

A estratégia também pode informar a China, como um grande parceiro de desenvolvimento, a melhor forma de trabalhar com a África para alcançar os ODS e a Agenda 2063 em todo o continente. Esta estratégia também será de interesse para os parceiros de desenvolvimento africanos - especialmente em termos de obtenção de percepções sobre futuras oportunidades de cooperação.

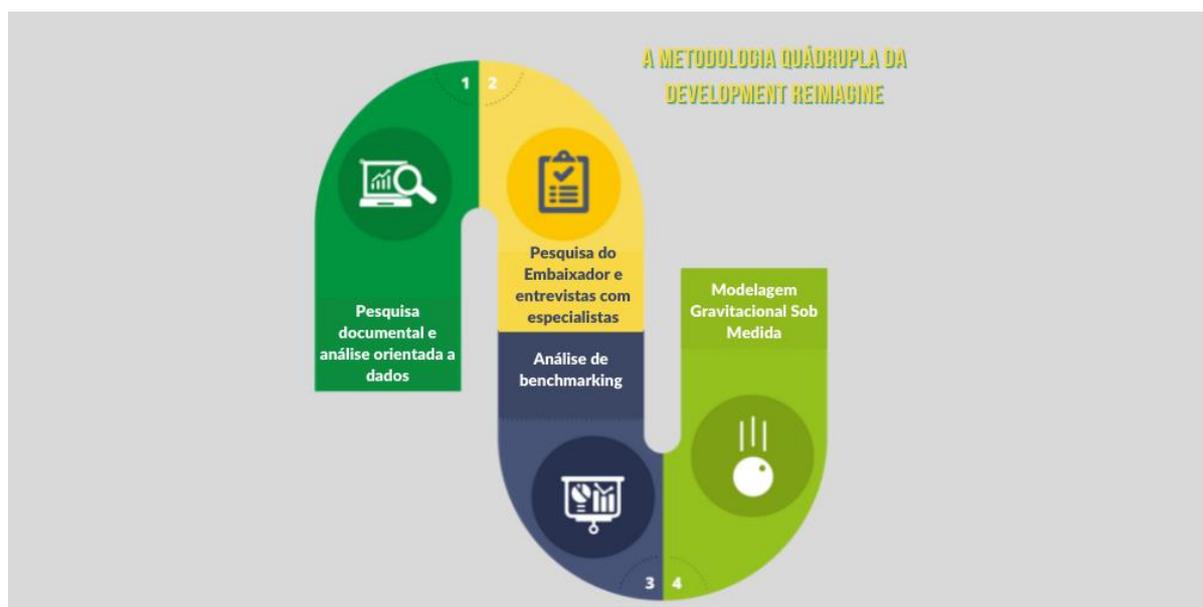
No entanto, é importante notar que o objetivo deste relatório não é destacar a China em comparação com outros parceiros de desenvolvimento da África. Também não é para sugerir que a África tenha uma relação pior com a China do que outras, ou vice-versa. No entanto, dada a nossa proximidade, redes e experiência, e o potencial da relação África-China, este relatório é o nosso ponto de partida. Encorajamos a consideração de análises semelhantes em relação a outros doadores da África e organizações internacionais.



## Metodologia

Este relatório emprega uma abordagem de método misto para aproveitar os insights, com quatro métodos específicos, conforme mostrado na **Figura 1**.

**Figura 1: A metodologia de quatro etapas do projeto**



Em primeiro lugar, uma extensa pesquisa documental e análise são realizadas para compreender o contexto atual da relação África-China no que diz respeito ao comércio (fluxos de bens como importações e exportações), finanças (incluindo ajuda, empréstimos e capital ou Investimentos Estrangeiros Diretos (IED)) e fluxos de pessoas (incluindo estudantes, turismo e negócios) e oportunidades e desafios atuais.

Essas três áreas, ilustradas na **Figura 2**, são escolhidas especificamente por três razões.

1. Primeiro, eles se concentram no envolvimento com os países e ativos regionais.
2. São um meio de garantir um quadro imparcial de avaliação da relação, porque podem ser avaliados quantitativamente. Outros tipos de estruturas, como “soft power”<sup>15</sup>, “hard power”<sup>16</sup>, que têm um foco mais geopolítico pode ser mais normativo na natureza, embora eles são importantes por si só;
3. Eles são um meio de garantir uma estrutura holística para a avaliação da relação, além da ajuda, que é importante, mas não uma panaceia para o desenvolvimento sustentável<sup>17</sup>.

Esses dados, coletados de várias fontes externas, bem como especialmente para este relatório, estão resumidos no **Capítulo 2**.

<sup>15</sup> Por exemplo, veja o trabalho de L. Bellabdallah: <https://www.foreignaffairs.com/reviews/capsule-review/2020-12-08/shaping-future-power-knowledge-production-and-network-building>

<sup>16</sup> Por exemplo, veja o trabalho de P. Nantulya: <https://africacenter.org/spotlight/chinese-hard-power-supports-its-growing-strategic-interests-in-africa/>

<sup>17</sup> <https://developmentreimagined.com/our-values/>

**Figura 2: Uma estrutura de avaliação imparcial, holística e qualitativa para a relação África-China**



Em segundo lugar, a análise de benchmarking é usada para primeiro analisar a contribuição da China para a realização dos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) na África por meio das seis estruturas continentais da União Africana (**Capítulo 3**), e então comparar a relação da África com a China com outros parceiros de desenvolvimento e a relação da China com a Ásia em comparação com a África (**Capítulo 4**).

Em terceiro lugar, o relatório usa os resultados de uma pesquisa destinada a compreender as perspectivas dos embaixadores / embaixadas africanas sobre a relação China-África. A pesquisa utiliza a grande rede da Development Reimagined na China e foi realizada por um conjunto confiável de embaixadores anônimos de sete países africanos (**Capítulo 5**). O relatório também se baseia em entrevistas importantes com outras partes interessadas africanas, como outros diplomatas e especialistas e formuladores de políticas africanos, para compreender melhor as percepções de progresso e desafios.

Por último, a modelização econômica sob medida é utilizada para uma avaliação preliminar dos diferentes tipos de acordos comerciais entre a África e a China – por exemplo, um Acordo de Livre Comércio (ALC), cujos resultados são destacados juntamente com recomendações sob medida para a futura direção estratégica da relação África-China (**Capítulo Seis**).



## CAPÍTULO 2 - COMO É A RELAÇÃO ÁFRICA / CHINA?

### Capítulo dois em um relance

#### Fluxos de comércio

- A China é atualmente o maior parceiro comercial bilateral do continente africano.
- A balança comercial da África com a China tem mostrado uma tendência de queda desde 2000, com exceção de 2008 e 2012.
- As exportações da África se concentram principalmente em recursos naturais e produtos agrícolas com pouco ou nenhum acréscimo de valor.
- Há subutilização do Esquema Duty-Free Quarter Free da China pelos países africanos, em parte devido aos rigorosos desafios de acesso ao mercado.
- A China está cada vez mais entrando em acordos SPS com diferentes países africanos para permitir que os produtos agrícolas da África acessem o mercado chinês.
- Alguns países africanos, como Ruanda, estão aproveitando a infraestrutura de comércio eletrônico para acessar o mercado chinês.

#### Fluxos Financeiros

- Os fluxos de capital da China para a África incluem doações, empréstimos e IDE.
- De 2013 a 2018, a China alocou um total de US \$ 18,25 bilhões para assistência externa aos países africanos.
- O volume de empréstimos chineses aumentou significativamente de US \$ 129 milhões em 2000 para US \$ 7,0 bilhões em 2019.
- Desde 2001, a China incentiva o investimento chinês a ir para o exterior, inclusive para países da África. No entanto, embora tenha aumentado de US \$ 74,8 milhões em 2003 para US \$ 5,4 bilhões em 2018, os fluxos anuais para a África têm sido bastante voláteis.
- O impacto das finanças da China, bem como os fluxos de IDE para o continente africano são importantes, por exemplo, através do seu potencial de criação de empregos

#### Fluxos de pessoas

- Todos os anos, mais de 200.000 trabalhadores chineses viajam para países africanos para ajudar a entregar projetos de construção, e a maioria retorna para a China.
- Há uma tendência geral de flexibilização dos requisitos de entrada para cidadãos chineses em todo o continente.
- Embora haja muito poucos jovens chineses que viajam para os países africanos para estudar, o número de estudantes africanos na China cresceu rapidamente.

A relação China-África é frequentemente discutida em termos muito amplos ou muito específicos - desde ser parte de grandes estratégias a bolsas de estudo ou centros de comércio agrícola.

Este capítulo tem como objetivo fornecer uma abordagem mais holística, explorando a literatura existente, os acordos em nível de governo existentes quando relevantes, bem como os dados-chave no que diz respeito a três ligações mais amplas que existem entre todos os países: os fluxos de bens (comércio), finanças (capital) e pessoas (migração em várias formas).

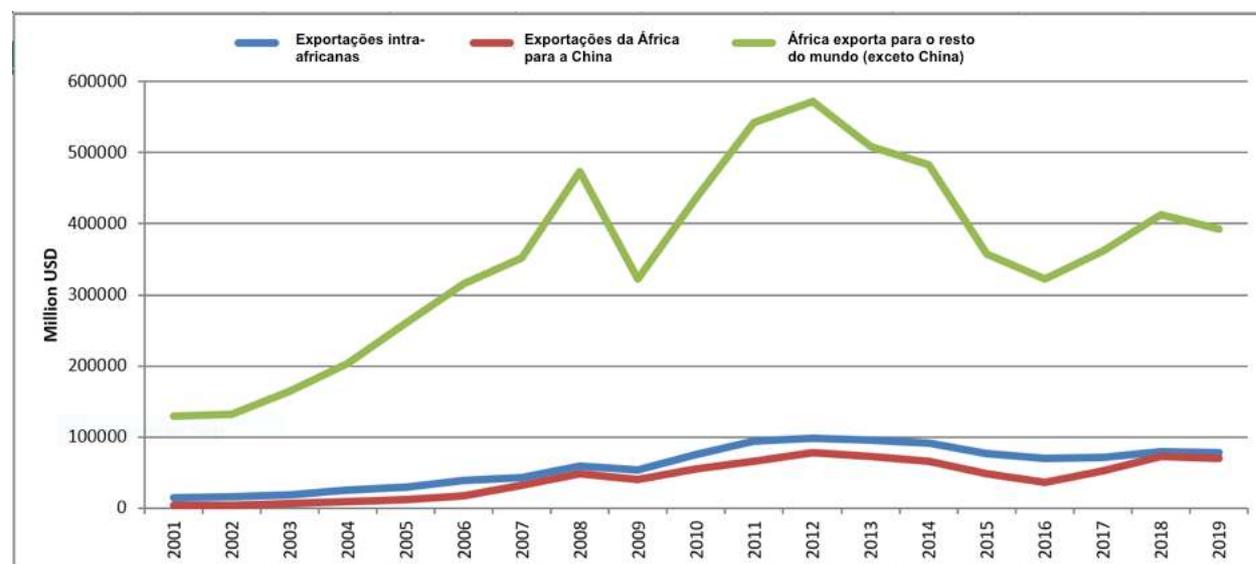
O capítulo se propõe a fornecer as tendências nessas três áreas, incluindo a identificação de onde as oportunidades estão sendo aproveitadas e / ou os desafios estão sendo atendidos.

## Ligação 1: Fluxos de mercadorias

### As tendências gerais no comércio China-África

Embora apoiasse a UE como região, a China é agora o maior parceiro comercial bilateral dos países africanos. Em outras palavras, as exportações atuais da África para a China são tão importantes quanto as exportações intra-africanas atuais, conforme mostrado na **Figura 3**.

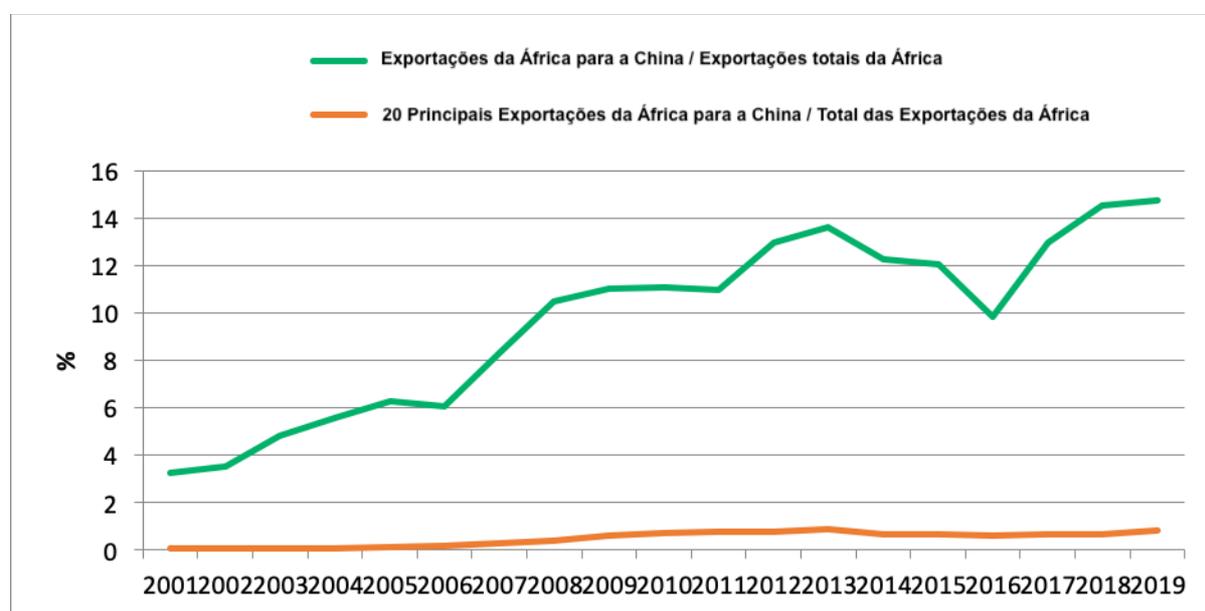
**Figura 3: Crescimento do comércio China-África em comparação com crescimento do comércio da África com outras regiões<sup>18</sup>**



<sup>18</sup> Fonte: Banco de dados de mapas comerciais

Além disso, em geral, as exportações da África para a China em relação às exportações da África para o mundo têm aumentado constantemente desde 2000 (**Figura 4**). As exportações também têm se diversificado - no mesmo período, não houve aumento significativo nas 20 principais exportações da África para a China em relação ao total das exportações. A diversificação está alinhada com uma China em mudança. Por exemplo, as exportações etíopes de café, chá e especiarias para a China foram de US \$ 8,45 milhões em 2017<sup>19</sup>. A demanda por chá preto, chá especial e outros produtos de saúde e cosméticos relacionados está aumentando na China<sup>20</sup>.

**Figura 4: Exportações da África para a China como % do total das exportações da África para o mundo<sup>21</sup>**



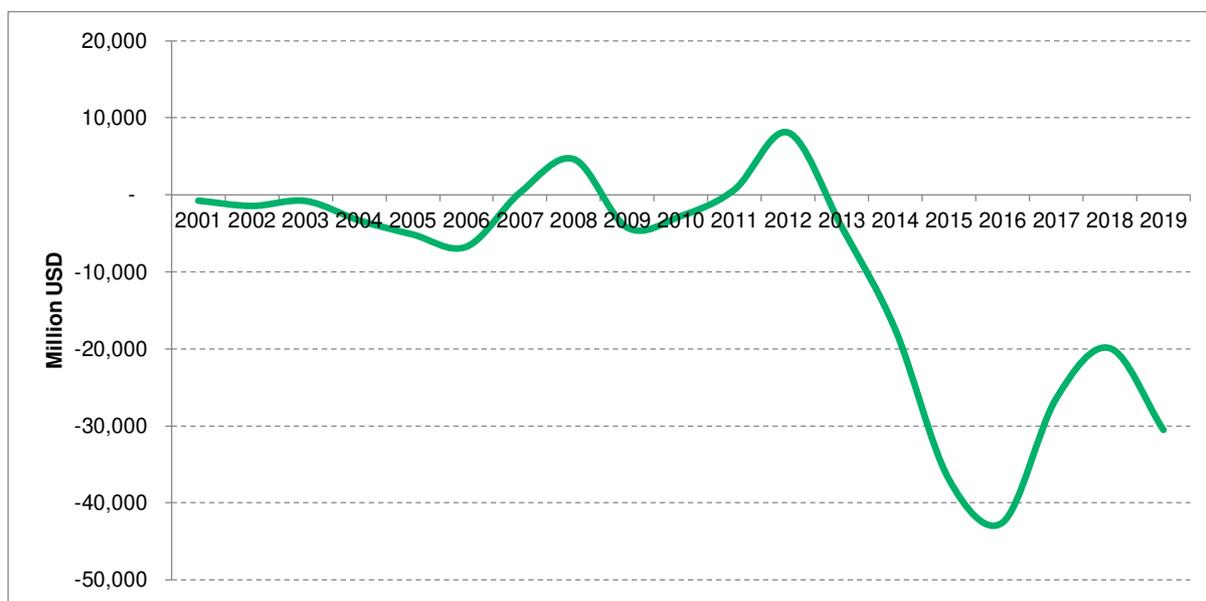
No entanto, conforme mostrado na **Figura 5**, em geral, a balança comercial da África com a China tem mostrado uma tendência de queda desde 2000, com exceção de 2008 e 2012, onde um pequeno superávit comercial foi registrado.

<sup>19</sup> UN Comtrade

<sup>20</sup> <http://www.fao.org/economic/est/est-commodities/tea/tea-meetings/en/>

<sup>21</sup> Fonte: Banco de dados de mapas comerciais

**Figura 5: Balança comercial da África com a China (todos os produtos) entre 2001-2019<sup>22</sup>**



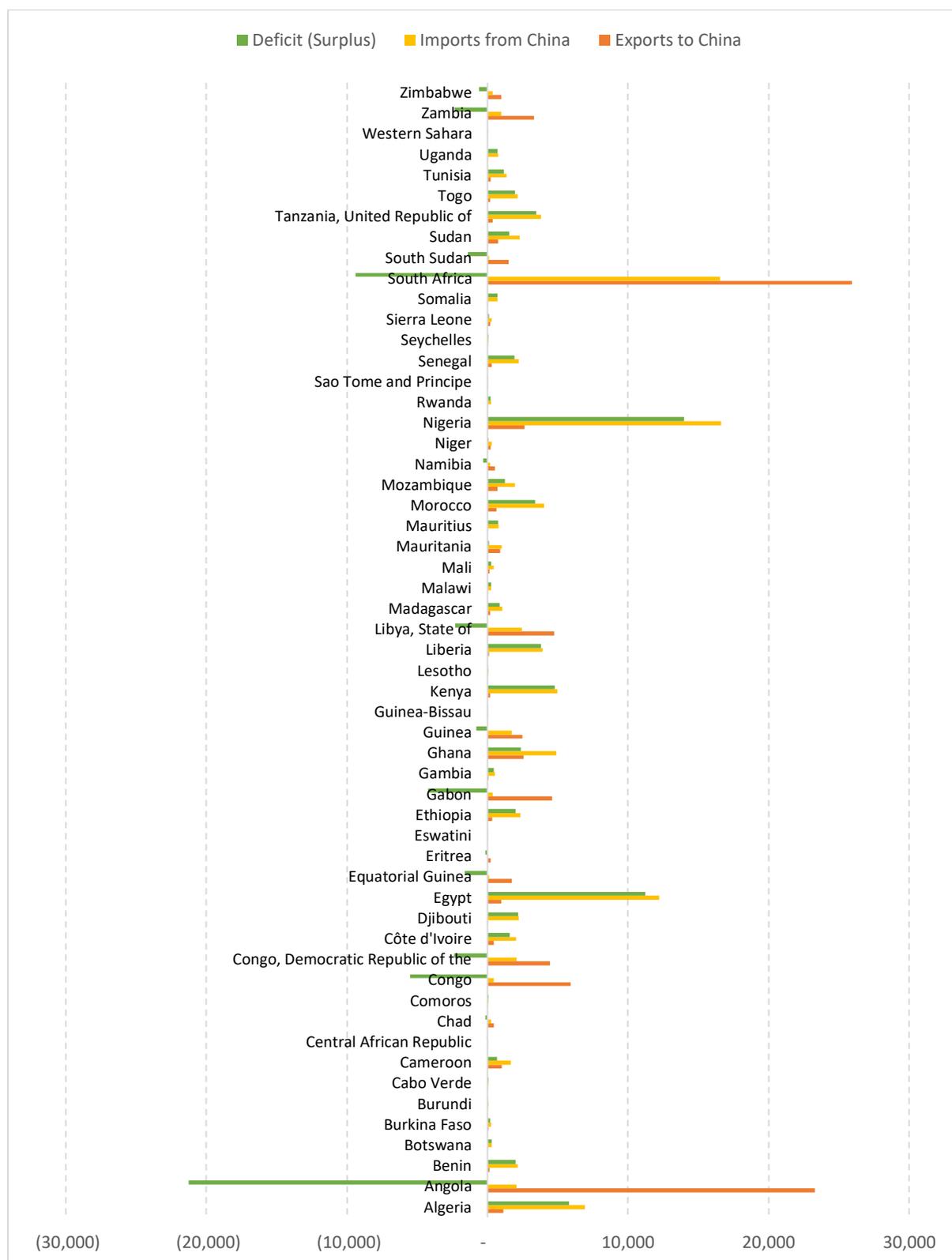
Na verdade, a grande maioria dos países africanos tem um déficit comercial com a China (ou seja, suas importações da China são maiores do que suas exportações para a China). Em 2018 e 2019, apenas 15 países da África tiveram superávit comercial com a China. O maior superávit em 2019 foi para Angola com 21 bilhões, seguido pela África do Sul e a República do Congo, e o menor superávit foi o Chade (11 milhões). Em contraste, os países africanos com maiores déficits foram a Nigéria, com 14 bilhões, seguida do Egito e da Argélia (**Figura 6**).

Esta relação desequilibrada está ligada a quatro outras tendências subjacentes.



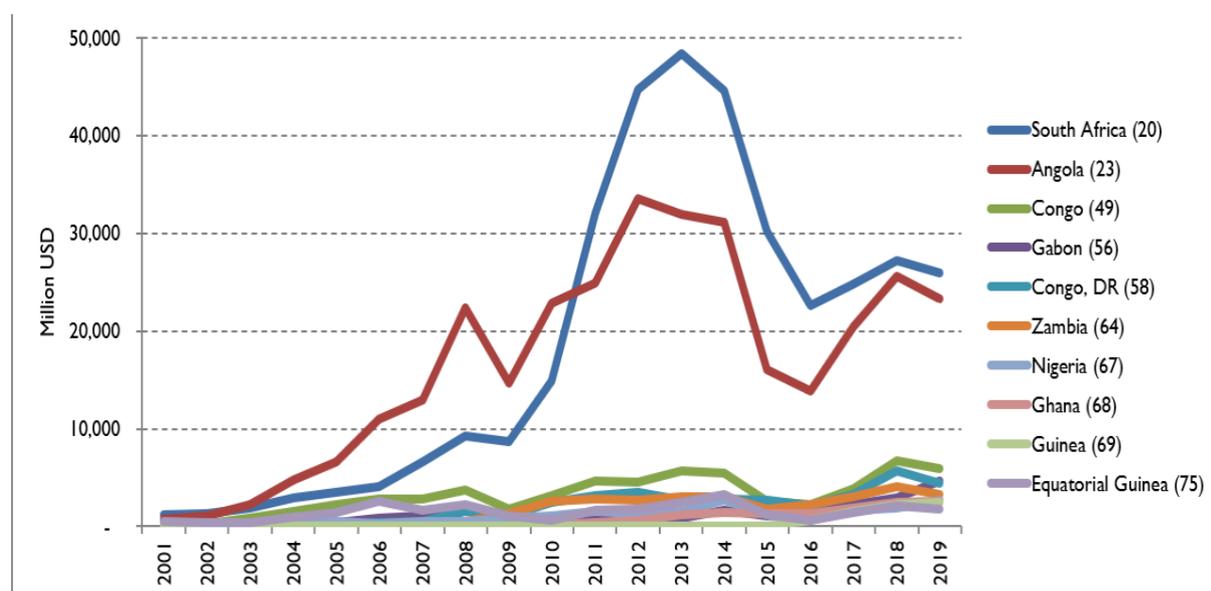
<sup>22</sup> Fonte: Banco de dados de mapas comerciais

**Figura 6: Países africanos com superávits comerciais com a China em 2019 ('milhões de dólares)<sup>23</sup>**



Em primeiro lugar, os 10 principais fornecedores africanos para a China em todos os produtos são países que têm economias relativamente mais desenvolvidas ou são ricos em recursos naturais, conforme mostrado pela **Figura 7**<sup>24</sup>.

**Figura 7: Os 10 principais fornecedores da África para a China (todos os produtos por classificação)**<sup>25</sup>



Em segundo lugar, o tipo de exportação - e o foco nas matérias-primas - quase não mudou ao longo do tempo.<sup>26</sup> Entre 2001 e 2019, as principais exportações da África para a China incluíram produtos de petróleo, cobre e outros metais básicos e madeira, com um aumento constante sendo observado em produtos de petróleo (**Figura 8**). Isso contrasta com as exportações de frutas, lã e algodão, que ocupam as três últimas posições nas dez principais exportações da África para a China.

Este padrão também é visto a nível regional se os países africanos forem classificados de acordo com as várias Comunidades Econômicas Regionais (RECs).

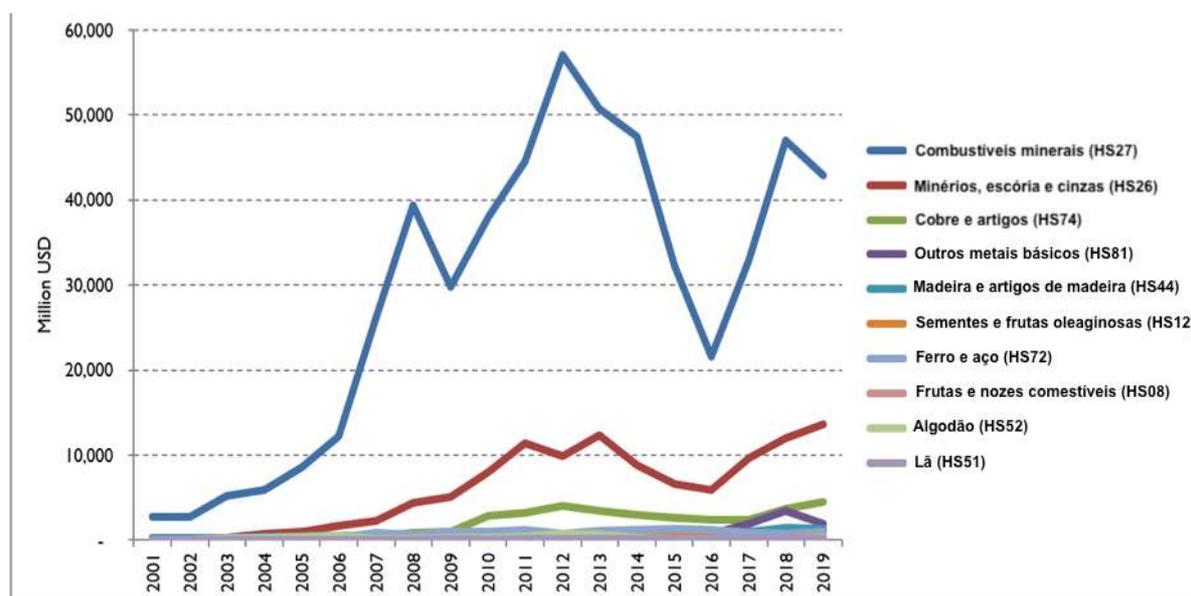
<sup>23</sup> Fonte: Banco de dados de mapas comerciais

<sup>24</sup> Obuah. (2012). *Trade between China and Africa: Trends, Changes, and Challenges* (Comércio entre a China e a África: tendências, mudanças e desafios). 15.

<sup>25</sup> Fonte: Banco de dados de mapas comerciais

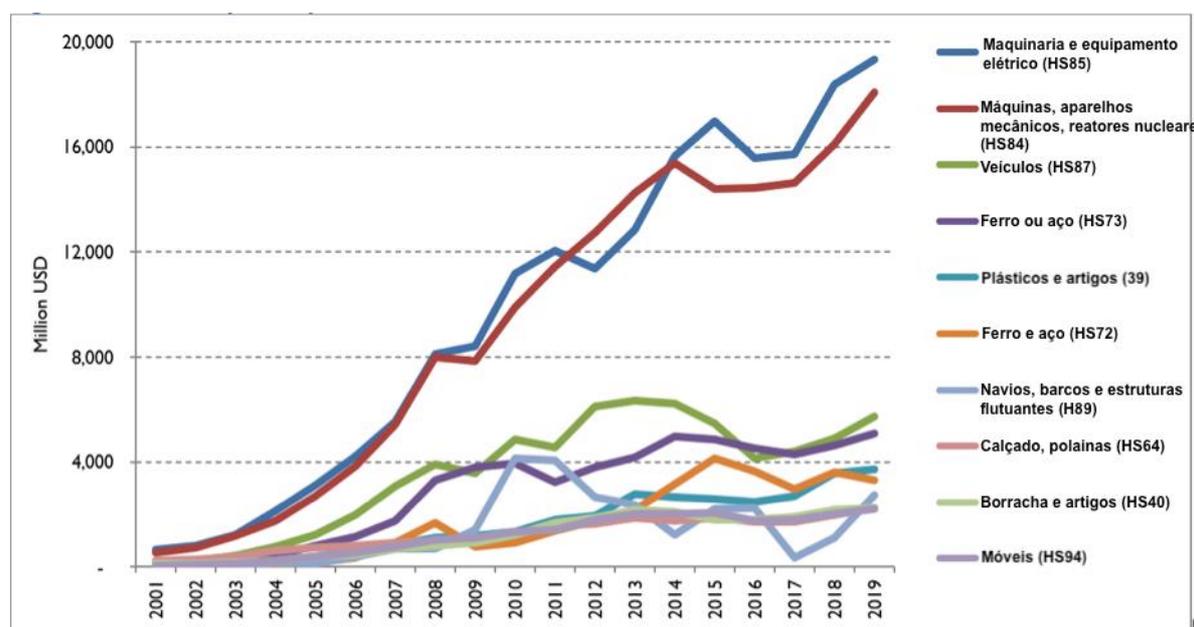
<sup>26</sup> Coface. (2017). Comunicado de imprensa. <https://www.coface-usa.com/News-and-Publications/News/China-Sub-Saharan-Africa-Trade-Relations-Still-Unbalanced>

**Figura 8: As 10 principais exportações da África para a China<sup>27</sup>**



Terceiro, as tendências são impulsionadas pelo crescimento da China como uma potência manufatureira e, em certo grau, pelo crescimento dos mercados consumidores africanos. Por exemplo, as importações da China para a África de equipamentos elétricos aumentaram de forma constante entre 2001-2019, seguidas por máquinas (ver **Figura 9**). Parte disso pode estar associado a projetos de infraestrutura (consulte a próxima seção sobre finanças).

**Figura 9: As 10 principais importações da África da China<sup>28</sup>**

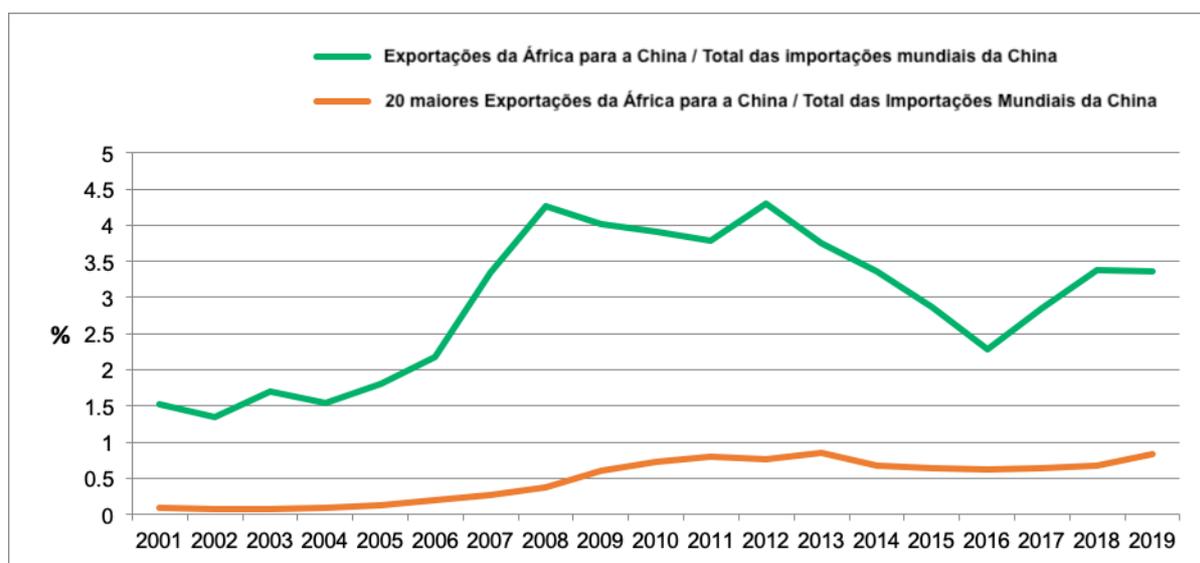


<sup>27</sup> Fonte: Banco de dados de mapas comerciais

<sup>28</sup> Fonte: Banco de dados de mapas comerciais

Por fim, embora as rendas mais altas na China tenham levado ao crescimento do consumo doméstico, essa demanda não se espalhou para as nações africanas. As exportações da África para a China, em comparação com o total global das exportações mundiais para a China nos últimos 20 anos, flutuaram com uma margem entre 2% a 4% desde 2006 (**Figura 10**).

**Figura 10: Exportações da África para a China como% das importações totais da China<sup>29</sup>**



### O papel dos acordos comerciais no comércio China-África

Em 2010, a China concordou em permitir as importações de países menos desenvolvidos (LDCs) sob um regime de isenção de direitos aduaneiros (DFQF). Este esquema foi renovado em 2015 e estima-se que cubra 97% das linhas tarifárias. No entanto, ele teve um impacto limitado até agora. Por exemplo, enquanto 99% de todas as importações dos PMDs para a China em 2011 estavam sob o esquema DFQF, a China importou pouco além dessas commodities dos PMDs africanos<sup>30</sup>. A OMC atribui amplamente a subutilização desses esquemas de preferência a regras de origem complexas (ROOs)<sup>31</sup>, desafios de acesso ao mercado e requisitos de transporte direto<sup>32</sup>.

Além do esquema DFQF, até agora, todos os outros acordos comerciais com a China na África foram negociados entre países individuais. Mais amplamente, em 2019 a China e as Maurícias assinaram o primeiro Acordo de Comércio Livre (ALC) completo com um país africano<sup>33</sup>. **O Quadro 3** apresenta alguns fatos interessantes sobre o acordo, que entrou em vigor em 1º de janeiro de 2021.

<sup>29</sup> Fonte: Banco de dados de mapas comerciais

<sup>30</sup> IISD.org – <https://ictsd.iisd.org/bridges-news/bridges-africa/news/duty-free-quota-free-market-access-what%E2%80%99s-in-it-for-african-lDCs>

<sup>31</sup> Os países atualmente cobertos pelo esquema na África são os 33 PMDs na África - a saber: Angola, Benin, Burundi, Burkina Faso, República Centro-Africana, Chade, Comores, República Democrática do Congo (RDC), Djibouti, Eritreia, Etiópia, Gâmbia, Guiné, Guiné-Bissau, Lesoto, Libéria, Madagascar, Malawi, Mali, Mauritânia, Moçambique, Níger, Ruanda, São Tomé e Príncipe, Senegal, Serra Leoa, Somália, Sudão do Sul, Sudão, Tanzânia, Togo, Uganda e Zâmbia

<sup>32</sup> WTO [https://www.wto.org/english/news\\_e/news19\\_e/roi\\_16may19\\_e.htm](https://www.wto.org/english/news_e/news19_e/roi_16may19_e.htm)

<sup>33</sup> O Artigo XXIV do Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio da OMC (GATT) permite que os Membros da OMC concluam acordos que levem à formação de Áreas de Livre Comércio e União Aduaneira. No caso de um FTA, a condição é que o acordo elimine tarifas e outras restrições de comércio sobre "substancialmente todo o comércio entre os territórios constituintes de produtos originários de tais territórios. Veja também [https://www.wto.org/english/docs\\_e/legal\\_e/gatt47\\_02\\_e.htm#articleXXIV](https://www.wto.org/english/docs_e/legal_e/gatt47_02_e.htm#articleXXIV)



### Quadro 3: Key facts about the China-Mauritius FTA

- O acordo inclui uma cota tarifária (na cota de 15%) para 50.000 toneladas de açúcar a ser implementada de forma progressiva ao longo de 8 anos, começando com 15.000 toneladas em 2021.
- Espera-se que a China acabe atingindo tarifas zero sobre 96,3% dos itens comercializados (ou seja, 8547 produtos), com 88% das tarifas da China para as importações de Maurício sendo imediatamente zero e 5% liberalizadas em 5 anos, e 3% liberalizadas em 7 anos. Os produtos nessas duas categorias incluem uma ampla gama de produtos agrícolas, bem como calçados, motocicletas e diamantes montados; veículos, peças e acessórios; tecidos de lã; e filme.
- As 313 linhas tarifárias excluídas da liberalização incluem barbatanas de tubarão, chá, arroz, grãos de soja, óleos de sementes, suco de tomate, resíduos de tabaco, charutos e cigarros, ureia, papel higiênico, a maioria dos tipos de papel, lã, algodão, máquinas de costura e ferramentas de mão.
- Espera-se que as Maurícias acabem por atingir tarifas zero sobre 94,2% dos itens comercializados
- As Regras de Origem (ROO) excluem produtos exportados de Maurício que contenham materiais não originários das Ilhas Maurício que excedam 10% do valor do Frete a Bordo (FOB) do produto. Isso é mais restrito do que, por exemplo, Acordo de comércio preferencial das Maurícias ao abrigo da Lei de Oportunidades de Crescimento para a África dos EUA (AGOA).
- O FTA também permite o acesso da China a mais de 40 setores de serviços e 130 subsectores nas Maurícias, incluindo serviços financeiros, telecomunicações, TIC, serviços profissionais, construção e serviços de saúde.

Os países africanos também têm Acordos Sanitários e Fitossanitários (SPS) com a China para produtos agrícolas frescos específicos e / ou Memorandos de Entendimento (MOUs) para exportar certos volumes de tais produtos. Isso é necessário porque a China tem seu próprio sistema de certificação de produtos agrícolas / crus desde a década de 1990<sup>34</sup>, administrado pela Administração de Supervisão de Qualidade, Inspeção e Quarentena da China (AQSIQ) - equivalente à Food and Drug Administration (FDA) dos EUA ou ao escritório de Auditorias e Análise de Saúde e Alimentos da UE. Os países são autorizados pela OMC a impor requisitos SPS - embora possam ser vistos como "discriminatórios" porque podem ser aplicados a todos os países, independentemente da capacidade de um determinado país para os cumprir<sup>35</sup>.

Existem pelo menos 11 países africanos que assinaram acordos SPS com a China, a partir de 1998, conforme estabelecido na Tabela 1. Além desses acordos oficiais, memorandos de entendimento com empresas chinesas também foram assinados entre governos e empresas da Etiópia<sup>36</sup>, Ruanda e Uganda para o café, e se discute a abertura do mercado chinês para o cacau (Gana)<sup>37</sup>.

<sup>34</sup> Veja: <https://www.files.ethz.ch/isn/100675/42.pdf>

<sup>35</sup> Wood et al. (2017).

<sup>36</sup> <https://qz.com/africa/1432178/ethiopia-garden-of-coffee-to-open-100-cafes-in-china/>

<sup>37</sup> <https://agrighanaonline.com/ghanas-ambassador-to-china-calls-for-tariff-free-entry-of-ghanas-cocoa-products-into-chinese-market/>



**Tabela 1: Acordos SPS e MOUs existentes entre a China e os países africanos**

Zimbábue	1998	Folhas de tabaco <sup>38</sup>
África do Sul	2000	frutas cítricas (1 <sup>a</sup> remessa 2004), Uvas (1 <sup>a</sup> remessa 2006) <sup>39</sup>
Etiópia	2002	Gergelim
Marrocos	2008	frutas cítricas <sup>40</sup>
Namíbia	2015	Carne bovina <sup>41</sup> (1 <sup>a</sup> remessa 2019) <sup>42</sup>
África do Sul	2015	Maçãs Royal Beaut <sup>43</sup>
Egito	2016	Uvas <sup>44</sup>
Quênia	2018	Abacates (cortado e congelado apenas, 1 <sup>a</sup> remessa 2020) <sup>45</sup> , Stevia, entre outras flores cortadas, feijão francês e nozes de macadâmia. <sup>46</sup> (todas ainda para entrar)
Etiópia	2018	Soja <sup>47</sup>
Egito	2019	Tamareira <sup>48</sup>
Seicheles	2019	Peixe e produtos do mar, óleo / essência de côco e essência de canela <sup>49</sup>
Botsuana	2020	Carne e subprodutos da carne <sup>50</sup>
Ruanda	2021	Pimenta desidratada não processada <sup>51</sup>
Tanzânia	2021	Soja <sup>52</sup>

O baixo número de acordos existentes é possivelmente um fator que contribui para os baixos volumes de exportação. No entanto, em muitos casos, um aumento significativo e consistente nos produtos cobertos pelas SPSs não foi observado até o momento ou teve atrasos significativos. Por exemplo, cerca de 9.000 toneladas de carne bovina da Namíbia entram na UE todos os anos, enquanto, até agora, apenas 3.000 toneladas entraram na China. Em 2020, a Namíbia também se tornou o primeiro exportador africano de carne bovina para os EUA, com a ambição de exportar 5.000 toneladas anuais até 2025. Em alguns casos, os requisitos técnicos são muito rigorosos, mesmo sob acordos SPS, por exemplo, condições exigidas para congelamento e corte abacates do Quênia têm dificultado o fluxo de comércio, reduzindo os benefícios para os agricultores

<sup>38</sup> <http://220.163.128.46/Front/StatuteContent.aspx?StatuteID=3944>

<sup>39</sup> <https://agritrade.cta.int/Agriculture/Commodities/Horticulture/Good-progress-reported-in-South-Africa-China-SPS-dialogue-in-citrus-and-apple-sector.html>

and [https://www.nda.agric.za/docs/ngposa/protocol\\_of\\_phytosanitary\\_requir.htm](https://www.nda.agric.za/docs/ngposa/protocol_of_phytosanitary_requir.htm)

<sup>40</sup> <http://ma.mofcom.gov.cn/article/ddfg/waimao/201408/20140800689880.shtml>

<sup>41</sup> <http://na.mofcom.gov.cn/article/jmxw/201510/20151001126889.shtml>

<sup>42</sup> Protocolo da Namíbia, 29 de março de 2018, sobre inspeção, quarentena e requisitos veterinários e sanitários sobre carne bovina a ser exportada para a China. See <https://www.nbc.com/news/namibia-china-sign-various-trade-agreements.16826> and <http://na.mofcom.gov.cn/article/jmxw/201905/20190502862471.shtml>

<sup>43</sup> <https://www.freshplaza.com/article/2137415/south-africa-first-apples-to-china/>

<sup>44</sup> <http://news.afrindex.com/zixun/article7799.html>

<sup>45</sup> [https://www.sohu.com/a/339734694\\_291959](https://www.sohu.com/a/339734694_291959), and <http://www.fruitnet.com/asiafruit/article/178558/kenya-china-avocado-deal-signed;seealso>

<https://africa.cgtn.com/2020/11/07/kenya-to-prioritize-avocado-exports-to-china/> (accessed on 10th January 2021)

<sup>46</sup> [http://www.xinhuanet.com/english/africa/2019-09/12/c\\_138384812.htm](http://www.xinhuanet.com/english/africa/2019-09/12/c_138384812.htm)

<sup>47</sup> <https://www.reuters.com/article/us-china-soybeans-imports-idUSKCN1LN0VL>

<sup>48</sup> <http://www.customs.gov.cn/customs/302249/302266/2480148/2622503/index.html>

<sup>49</sup> O Acordo SPS das Seychelles com a China cobre os requisitos de inspeção, quarentena e sanitários veterinários para produtos aquáticos da pesca marinha selvagem a serem exportados das Seychelles para a República Popular da China. See <http://www.nation.sc/articles/2338/seychelles-and-the-peoples-republic-of-china> [acesso 10 jan. 2021]

<sup>50</sup> [http://www.xinhuanet.com/english/2020-12/18/c\\_139600727.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2020-12/18/c_139600727.htm)

<sup>51</sup> <https://www.newtimes.co.rw/news/rwandas-dry-chili-debut-chinese-market>

<sup>52</sup> <https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3107445/china-start-buying-soybeans-tanzania-it-seeks-new-suppliers>



Tem sido argumentado que qualquer acordo comercial em que os países africanos negociem com outros atores como um bloco comercial, como o RECS da África<sup>53</sup>, pode aumentar a capacidade de negociação dos países africanos e, simultaneamente, garantir a capacidade de implementar e monitorizar as políticas de forma eficaz.<sup>54</sup>

No entanto, alguns fóruns de coordenação regional foram criados, mas dificilmente utilizados. Por exemplo, em novembro de 2011, a EAC criou o Acordo-Quadro da China sobre Economia, Comércio, Investimento e Cooperação Técnica, que deveria promover o comércio de commodities, troca de visitas de empresários, cooperação em investimento, infraestrutura e desenvolvimento e treinamento de recursos humanos. Esperava-se que um Comitê Conjunto de Economia, Comércio, Investimento e Cooperação Técnica (JCET) acompanhasse a implementação, no entanto, ele se reuniu apenas algumas vezes antes de se dissipar. A China reiterou recentemente sua disposição de negociar um ALC em toda a região com a EAC, e um novo parque de demonstração na província de Hunan visa promover o comércio e a cooperação com a EAC.<sup>55</sup>

Da mesma forma, as negociações foram iniciadas em um TLC entre a China e a União Aduaneira da África do Sul (SACU) em 2004, mas atualmente nenhum acordo foi assinado.<sup>56</sup> A SADC tem uma relação de trabalho com a China na sequência do Seminário de Investimento em Infraestruturas da SADC China que teve lugar em 2015, mas o foco está na infraestrutura e não diretamente no comércio.<sup>57</sup> Além disso, um fundo de US \$ 1 bilhão destinado a impulsionar o comércio e os laços econômicos entre a China e os países africanos de língua portuguesa foi lançado em 2010<sup>58</sup> e um fórum comercial China-CEDEAO criado em 2012, mas nada foi registrado desde o progresso em qualquer um deles.

Além desses acordos diretos relacionados ao comércio, há dois outros pontos importantes a serem observados sobre a relação comercial China-África.

Em primeiro lugar, parece que o foco até agora dos governos africanos tem sido o aumento do volume do comércio com a China, ao invés do valor do comércio. Isso é demonstrado pela falta de reconhecimento de Indicações Geográficas Africanas (IG) na China.

IGs são signos usados em produtos que possuem qualidades ou reputação devido a uma origem geográfica específica. Quando usados, podem aumentar o valor desses produtos nos mercados e evitar a existência de cópias ruins<sup>59</sup>. Como tal, IGs podem fazer parte das estratégias de promoção comercial<sup>60</sup>.

Até agora, há um total de 186 IGs africanas documentados. Em termos gerais, eles se enquadram em duas categorias: produtos alimentícios e não alimentícios (**Figura 11**) e são muito diversos. Os vinhos representam a maioria dos produtos não alimentares protegidos

<sup>53</sup> Atualmente, existem 8 blocos regionais reconhecidos pela União Africana (UA) - União do Magrebe Árabe (UMA), Mercado Comum para a África Oriental e Austral (COMESA), Comunidade dos Estados do Sahel-Saara (CEN-SAD), Comunidade da África Oriental (EAC), Comunidade Económica dos Estados da África Central (CEEAC), Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), Autoridade Intergovernamental para o Desenvolvimento (IGAD) e Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC)

<sup>54</sup> [http://www.ccs.org.za/wp-content/uploads/2015/11/CCS\\_PB\\_REC\\_DB\\_BT\\_2015\\_02.pdf](http://www.ccs.org.za/wp-content/uploads/2015/11/CCS_PB_REC_DB_BT_2015_02.pdf)

<sup>55</sup> <https://baijiahao.baidu.com/s?id=1684123648821985664&wfr=spider&for=pc>

<sup>56</sup> China MFA <http://fta.mofcom.gov.cn/topic/ensacu.shtml>

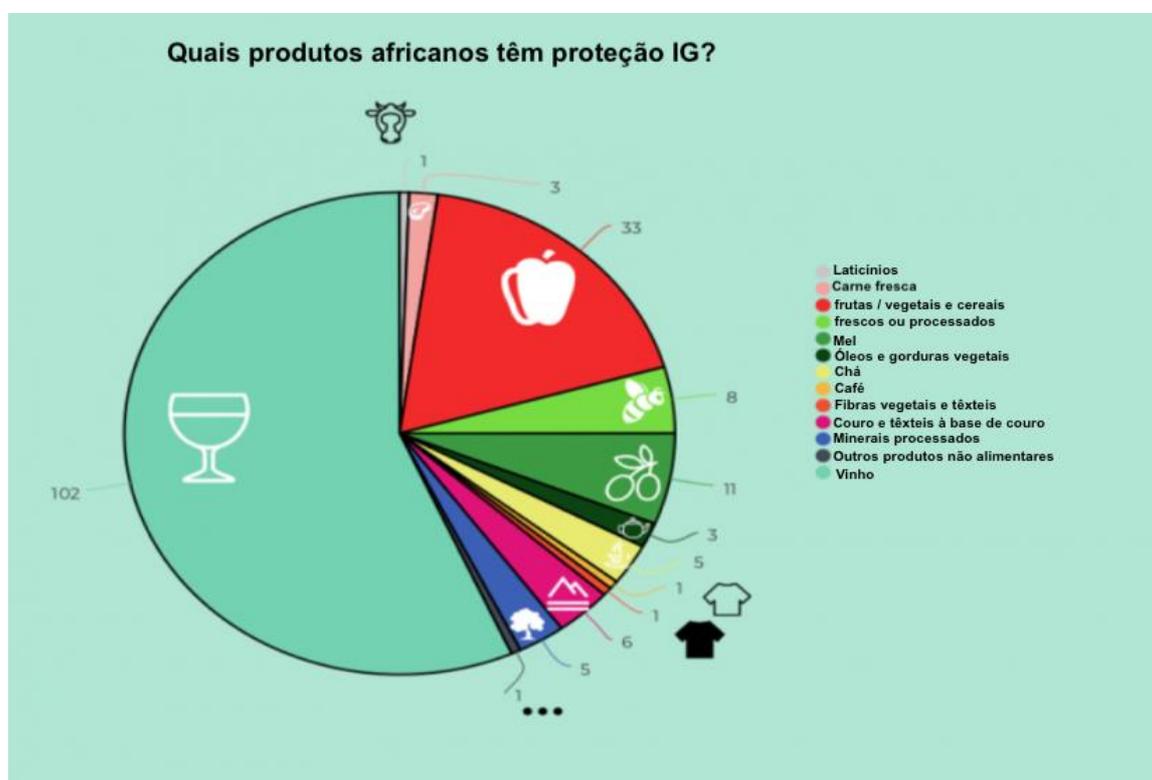
<sup>57</sup> <https://www.sadc.int/news-events/news/sadc-china-infrastructure-investment-seminar/>

<sup>58</sup> <https://www.gov.mo/en/news/52418/>

<sup>59</sup> [https://www.wipo.int/geo\\_indications/en/](https://www.wipo.int/geo_indications/en/)

<sup>60</sup> [https://unctad.org/topic/least-developed-countries/geographical-indications#:~:text=Geographical%20Indications%20\(GIs\)%20are%20tools,an%20overall%20trade%20promotion%20strategy.](https://unctad.org/topic/least-developed-countries/geographical-indications#:~:text=Geographical%20Indications%20(GIs)%20are%20tools,an%20overall%20trade%20promotion%20strategy.)

Figura 11: Produtos africanos com proteção GI<sup>61</sup>



No entanto, nenhum produto africano tem proteção gastrointestinal na China. No entanto, alguns, como vinhos sul-africanos, chá rooibos sul-africano e chás quenianos,<sup>62</sup> pode enfrentar alta demanda na China.

Em segundo lugar, a logística transfronteiriça - incluindo comércio digital ou e-commerce - está se tornando um foco de governos africanos e partes interessadas chinesas como um facilitador para o comércio. Em serviços de transporte e infraestrutura, a China agora tem acordos de transporte de aviação civil com a Etiópia, Angola, Zâmbia, África do Sul, Seicheles, Líbia e Uganda.

Vários países africanos assinaram acordos para promover produtos de seu país em plataformas de e-commerce chinesas, tanto no atacado (B2B) quanto no varejo (B2C). Em 2018, Ruanda e China assinaram um MOU sobre cooperação em comércio eletrônico. Desde 2020, o Embaixador de Ruanda na China transa cinco vezes para promover o café ruandês, pimenta e outros produtos locais e turísticos na loja online chinesa Tmall.<sup>63</sup> Da mesma forma, no final de 2019, o governo da Etiópia e o Grupo Alibaba firmaram uma parceria.<sup>64</sup> Em 2020, o café da Etiópia foi oficialmente lançado no Tmall do Alibaba, com Gera YirgaCheffe e Sidamo Coffee da Etiópia assinando contratos para vender mercadorias.<sup>65</sup>

<sup>61</sup> Fonte: Development Reimagined

<sup>62</sup> <https://developmentreimagined.com/2020/01/24/geographical-indications/>

<sup>63</sup> Rwanda Coffee <https://baijiahao.baidu.com/s?id=1679245976487796459&wfr=spider&for=pc>

<sup>64</sup> People's Daily <http://en.people.cn/n3/2020/1107/c90000-9777678.html>

<sup>65</sup> China New <https://www.chinanews.com/business/2020/11-06/9332299.shtml>

No entanto, a maioria das plataformas de comércio eletrônico chinesas não possui lojas operadas por africanos para vender produtos diretamente da África para a China. Alguns produtos notáveis vendidos em lojas online chinesas são o chá Kericho Kenya, o chá Rooibos da África do Sul, o gel Alcare Aloe da África do Sul, o café Yirgacheffe da Etiópia e a manteiga de côco Queen Elisabeth.

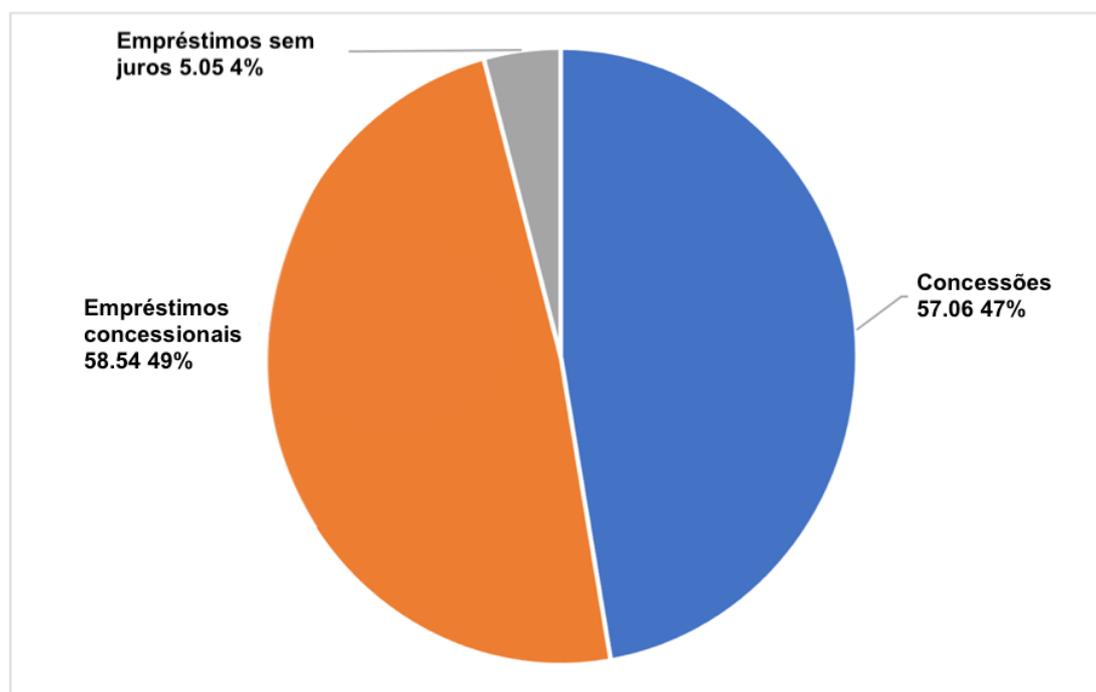
## Ligação 2: Fluxos de finanças

Esta seção se concentra em três tipos de fluxos financeiros, ou seja, doações (ajuda), empréstimos e Investimento Estrangeiro Direto (IED).<sup>66</sup> Exploramos as tendências gerais para cada um, bem como as diferenças de país, onde os dados estão disponíveis. Para IED, também exploramos as tendências de investimento africano na China.

### Doações ou ajuda da China para a África

Os subsídios para a África têm sido usados para “construir projetos de bem-estar social de pequeno e médio porte e para financiar projetos de cooperação em desenvolvimento de recursos humanos, cooperação técnica, assistência material e assistência humanitária de emergência, bem como projetos no âmbito do Fundo de Assistência à Cooperação Sul-Sul.”<sup>67</sup> De acordo com o Livro Branco mais recente da China, de 2013 a 2018, a China alocou um total de RMB120,6 bilhões (US \$ 18,25 bilhões) aos países africanos, ou seja, aprox. US \$ 3 bilhões por ano, incluindo doações de US \$ 1,4 bilhão por ano (47%),<sup>68</sup> como mostrado na **Figura 12**.

**Figura 12: Ajuda da China para a África, 2013-2018<sup>69</sup>**



<sup>66</sup> <https://www.cgdev.org/sites/default/files/chinas-foreign-aid-primer-recipient-countries-donors-and-aid-providers.pdf>

<sup>67</sup> República Popular da China, o Conselho de Estado. "China's International Development Cooperation in the New Era." 10 de janeiro, 2021.

<sup>68</sup> *ibid* [http://english.www.gov.cn/archive/whitepaper/202101/10/content\\_WS5ffa6bbbc6d0f72576943922.html](http://english.www.gov.cn/archive/whitepaper/202101/10/content_WS5ffa6bbbc6d0f72576943922.html)

<sup>69</sup> Fonte: *White Paper 2021 "China's International Development Cooperation in the New Era"*

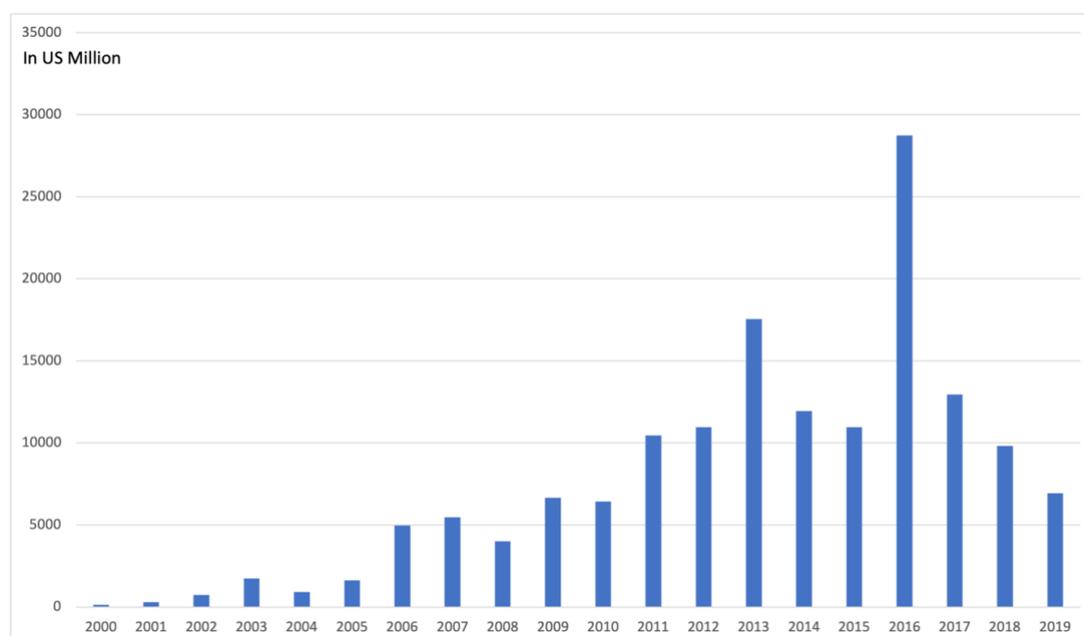
Não há dados abrangentes sobre a distribuição dessas bolsas por país africano. A repartição por setor para os diferentes tipos de subvenções também não é clara. Por exemplo, uma certa proporção da ajuda à África é gasta na agricultura (por exemplo, na forma de Centros de Demonstração Agrícola e treinamento de especialistas), na saúde (por exemplo, na forma de equipes médicas permanentes e de emergência, ou doações de equipamentos médicos ou construção hospitais) e assim por diante. Portanto, é um desafio entender se certos setores africanos receberam mais investimentos da China ao longo do tempo do que outros.

### Empréstimos africanos tomados emprestados da China

Devido às preocupações internacionais em torno dos níveis de dívida, os países africanos enfrentam pressões para evitar contrair novas dívidas. Essas preocupações são contestadas. Desde 2000, embora a dívida tenha aumentado em termos absolutos, a dívida como porcentagem do rendimento nacional bruto diminuiu. Em 2019, o rácio entre a dívida externa e o rendimento nacional bruto para o continente era de 44% - relativamente próximo do rácio em 1978, de 43%. Existem apenas três países africanos com níveis de dívida próximos ou maiores do que o tamanho atual de suas economias - Djibouti, Mauritânia e Moçambique - e cinco países africanos (Cabo Verde, Maurício, Moçambique, África do Sul e Tunísia) estão atualmente previstos para ver rácios da dívida em relação ao PIB acima dos observados no início dos anos 1990 "Crise da dívida Africana"<sup>70</sup>.

Os países africanos contraíram empréstimos significativos da China como parte disso. Estima-se que os governos africanos emprestaram um total de US \$ 153 bilhões da China entre 2000-2019 - ou seja, em média US \$ 7,6 bilhões por ano, com um aumento significativo no período, com pico em 2016 (Figura 13).<sup>71</sup>

**Figura 13: Empréstimos tomados por países africanos da China, 2000-2019<sup>72</sup>**



<sup>70</sup> <https://developmentreimagined.com/2020/06/12/is-africa-drowning-in-debt/>

<sup>71</sup> China Africa Research Initiative and Boston University Global Development Policy Center. 2021. Banco de dados de empréstimos chineses para a África, Versão 2.0. Disponível em <https://chinaafricaloandata.bu.edu/>.

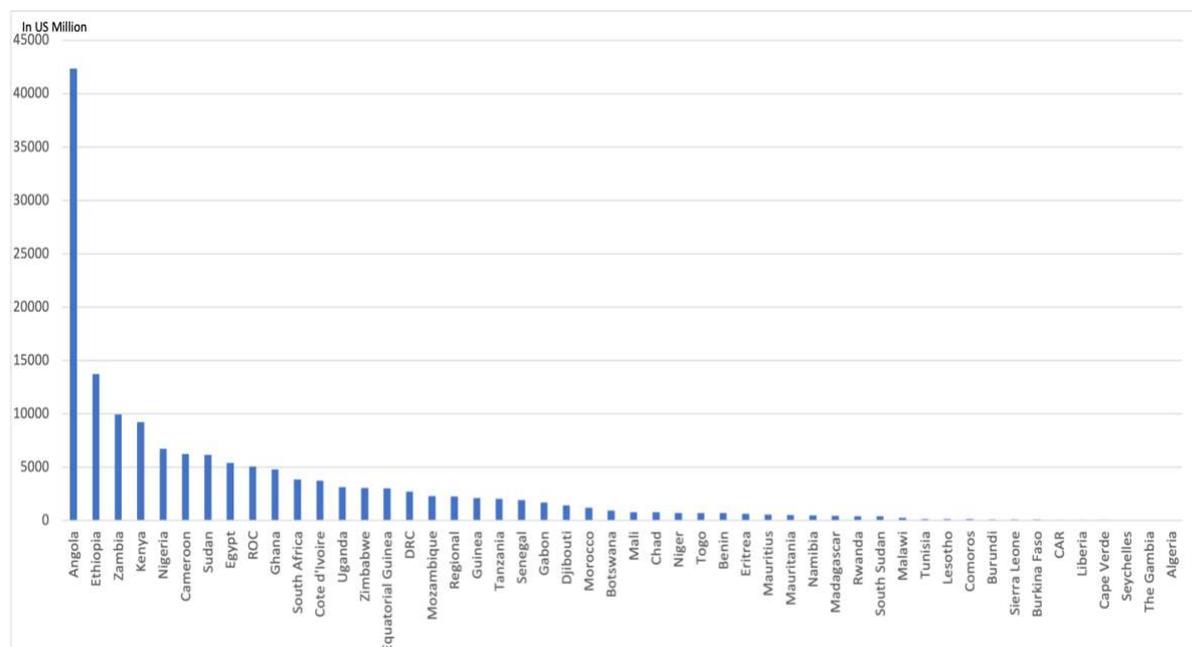
<sup>72</sup> Fonte: China Africa Research Initiative e Boston University Global Development Policy Center 2021. Banco de dados de empréstimos chineses para a África, Versão 2.0.

Os empréstimos estão distribuídos de forma muito desigual pelo continente - com 28% do total emprestado só por Angola (**Figura 14**).

No geral, um estudo de 2018 de 48 países africanos sugeriu que 20% de sua dívida era devida à China, em comparação com 35% a instituições multilaterais, 32% a credores privados e os 13% restantes ao "Clube de Paris" de credores<sup>73</sup>. No entanto, outros sugerem que os empréstimos da China são maiores porque estão "ocultos"<sup>74</sup>. A nossa própria análise sugere que apenas três países africanos têm mais de 40% da sua dívida com a China (República do Congo, Djibouti e Angola), enquanto três outros países africanos têm 40% da sua dívida com o sector privado (Maurícias, Nigéria e Zâmbia) . Outros países têm uma combinação mais ampla de credores<sup>75</sup>.

**Figura 14: Distribuição de empréstimos da China para países africanos**

(valor total entre 2000-2019)<sup>76</sup>



Transporte, energia e mineração são os três principais setores em que os africanos mais buscaram empréstimos da China<sup>77</sup>. Alguns empréstimos estão vinculados a recursos naturais (e, portanto, às tendências de comércio identificadas anteriormente neste capítulo). Por exemplo, a fim de obter acesso ao financiamento, dada uma base de ativos muito baixa, alguns países africanos (por exemplo, Sudão, República do Congo, etc.) usaram fluxos de recursos como petróleo e minerais para fornecer garantias para poder obter empréstimos da China - conhecido como Resource Based Loans (RBLs). Os RBLs podem garantir que as receitas dos recursos naturais sejam totalmente dedicadas (ou seja,

<sup>73</sup> Campanha Jubileu da Dívida, [https://jubileedebt.org.uk/wp/wp-content/uploads/2018/10/Who-is-Africa-debt-owed-to\\_10.18.pdf](https://jubileedebt.org.uk/wp/wp-content/uploads/2018/10/Who-is-Africa-debt-owed-to_10.18.pdf)

<sup>74</sup> Horn, S., Reinhart, C. R. e Trebesch, C., 2019. *China's Overseas Lending*. National Bureau of Economic Research, Working Paper No. 26050, [https://www.nber.org/system/files/working\\_papers/w26050/revisions/w26050.rev0.pdf](https://www.nber.org/system/files/working_papers/w26050/revisions/w26050.rev0.pdf)

<sup>75</sup> <https://www.africaunconstrained.com/the-african-debt-guide/>

<sup>76</sup> **Fonte:** China Africa Research Initiative and Boston University Global Development Policy Center. 2021. Banco de dados de empréstimos chineses para a África, Versão 2.0.

<sup>77</sup> Brautigam, Deborah, Jyhjong Hwang, Jordan Link, e Kevin Acker (2020) Banco de dados de empréstimos chineses para a África.



hipotecadas) a projetos de infraestrutura e oferecem menos chances de perda de fundos devido à corrupção ou paraísos fiscais. Se bem negociados, eles também podem ser projetados para fornecer uma proteção para os mutuários contra os baixos preços dos recursos naturais<sup>78</sup>.

No entanto, o impacto da China na construção geral de infraestrutura na África vai além desses empréstimos, porque as próprias empresas chinesas também licitam e frequentemente ganham a entrega de projetos comissionados / financiados inteiramente por governos africanos e / ou outros parceiros de desenvolvimento<sup>79</sup>. As empresas chinesas costumam concorrer a projetos em setores como transporte, engenharia de energia e até mesmo habitação. Esses projetos africanos contribuíram com 27% do faturamento da China de projetos em todo o mundo.

### Tendências em projetos de infraestrutura financiados pela China

Os projetos construídos na China vêm diminuindo desde 2016, assim como, ao que parece, os empréstimos da China. Uma das razões para o primeiro é que muitos países africanos, como Zâmbia, Argélia, Egito e Marrocos, começaram a implementar políticas que visam aumentar o uso de materiais e equipamentos locais, contratando funcionários locais e assim por diante. A mão de obra chinesa também se tornou relativamente mais cara. Isso pode reduzir as margens que as empresas chinesas podem obter e, portanto, os incentivos para licitar projetos. Além disso, as empresas chinesas são cautelosas quanto a certos desafios, incluindo inadimplência nos pagamentos de projetos e outras questões contratuais e fiscais. Por exemplo, nos Camarões, a maioria dos projetos estava atrasada há mais de meio ano<sup>80</sup>. Dito isso, como é explicado na **Quadro 4**, os empréstimos emitidos para a África como um todo são uma pequena proporção da emissão de empréstimos da China global e internamente, portanto, a "avaliação de risco" geral não deve ser exagerada.

#### Quadro 4: Empréstimos para a África como uma proporção dos empréstimos totais da China

Para entender o grau de aversidade ao risco que os bancos chineses têm quando se trata de empréstimos para a África, é importante entender se esses empréstimos representam uma grande ou pequena proporção da atividade bancária da China. O Banco de Exportação e Importação da China (EXIM) emite a maioria dos empréstimos para projetos chineses no exterior. Em 2019, o saldo devedor do EXIM para empréstimos de contratação no exterior era de RMB788,864 bilhões (US \$ 122 bilhões), representando 21% da carteira total de empréstimos do EXIM, o restante dos quais era doméstico. Destes \$ 122 bilhões, a proporção específica para empréstimos africanos não é clara. No entanto, no passado, o EXIM disse que durante um período não especificado até 2018, eles forneceram mais de 600 projetos na África com saldos de empréstimos de mais de RMB340 bilhões (US \$ 52,7 bilhões), em 47 países africanos. Se esse período fosse, digamos, 10 anos, isso indicaria US \$ 5,7 bilhões por ano sendo emitidos. Isso indica que a África é uma pequena proporção da atividade geral de empréstimos domésticos e no exterior da China, o que pode indicar

<sup>78</sup> [https://carnegieendowment.org/2021/06/02/what-do-we-know-about-chinese-lending-in-africa-pub-84648?mkt\\_tok=MDk1LVBQVi04MTMAAAF9hn9ZMcv\\_xmbciP5BMIA\\_2C2kyq1Ce2ivWqmZiJgp1r1CrI46eBcDM3kFV8hi\\_i8JgK1DCbPnFACXxiMZPcyTEk\\_MzHMmu3gQeC8cNv417QJ8Cg](https://carnegieendowment.org/2021/06/02/what-do-we-know-about-chinese-lending-in-africa-pub-84648?mkt_tok=MDk1LVBQVi04MTMAAAF9hn9ZMcv_xmbciP5BMIA_2C2kyq1Ce2ivWqmZiJgp1r1CrI46eBcDM3kFV8hi_i8JgK1DCbPnFACXxiMZPcyTEk_MzHMmu3gQeC8cNv417QJ8Cg)

<sup>79</sup> Ministério do Comércio da República Popular da China. *Releções na administração de projetos de contratação internacional* (对外承包工程管理条例). 2017. <http://file.mofcom.gov.cn/article/gkml/201810/20181002799147.shtml>

<sup>80</sup> Ministério do Comércio da República Popular da China. *Relatório Anual sobre Contratação de Projeto Internacional da China 2019-2020*. 20 de janeiro, 2021. <http://www.mofcom.gov.cn/article/ijyj/e/202101/20210103032457.shtml>

potencial para baixas e / ou aumento de empréstimos. A disseminação por vários países africanos também indica uma estratégia diversificada de gestão de risco.

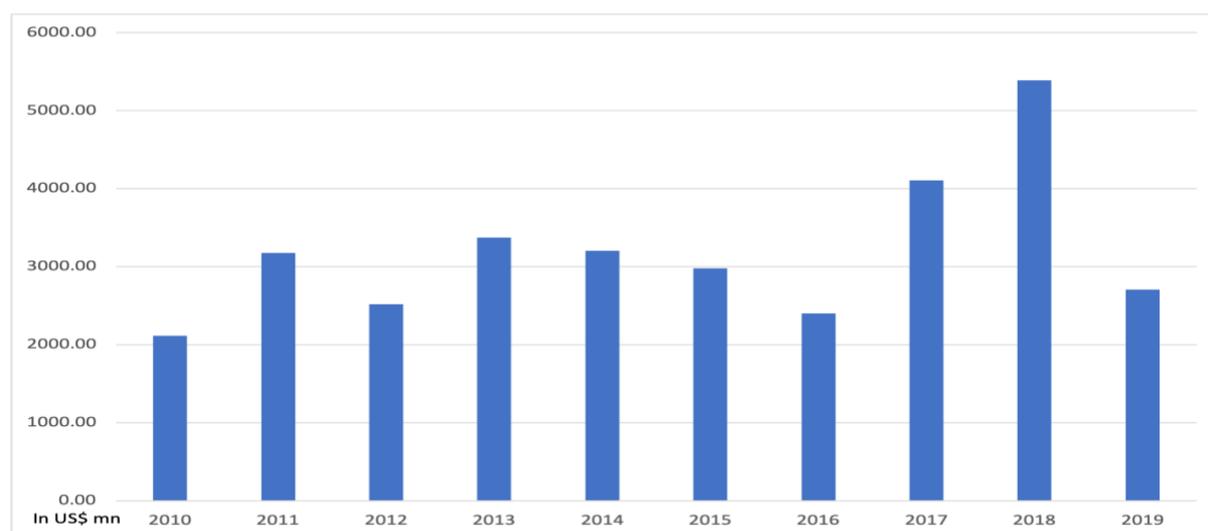
### Tendências em alívio da dívida

De 2000 a 2018, a China cancelou dívidas de pelo menos 20 países africanos, o equivalente a 1,5% de todos os empréstimos contraídos na China na África. A maioria dos cancelamentos foi para valores inferiores a US \$ 100 milhões<sup>81</sup>. As estimativas de cenário revelam que até 40% do financiamento gasto em COVID-19 até agora pelos países africanos poderia ser coberto pela suspensão do pagamento da dívida aos credores oficiais chineses.<sup>82</sup>

### Investimento Estrangeiro Direto da China na África

Os fluxos anuais de Investimento Estrangeiro Direto Chinês (IED) para a África têm sido consistentemente positivos, mas bastante voláteis nos últimos dez anos, conforme mostrado na **Figura 15**.<sup>83</sup> Os fluxos atingiram o pico durante a compra no valor de US \$ 5,5 bilhões em 2008 de 20% das ações do Standard Bank da África do Sul pelo Banco Industrial e Comercial da China (ICBC).

**Figura 15: FDI chinês para a África entre 2010-2019<sup>84</sup>**



Os 5 principais destinos africanos para IED não financeiro chinês em 2019 foram África do Sul, República Democrática do Congo, Angola, Zâmbia e Etiópia (**Figura 16**)<sup>85</sup>. Muitos desses são países ricos em recursos<sup>86</sup>.

<sup>81</sup> <https://developmentreimagined.com/2020/12/11/chinadebtreliefimpact/>

<sup>82</sup> <https://developmentreimagined.com/2020/12/11/chinadebtreliefimpact/>

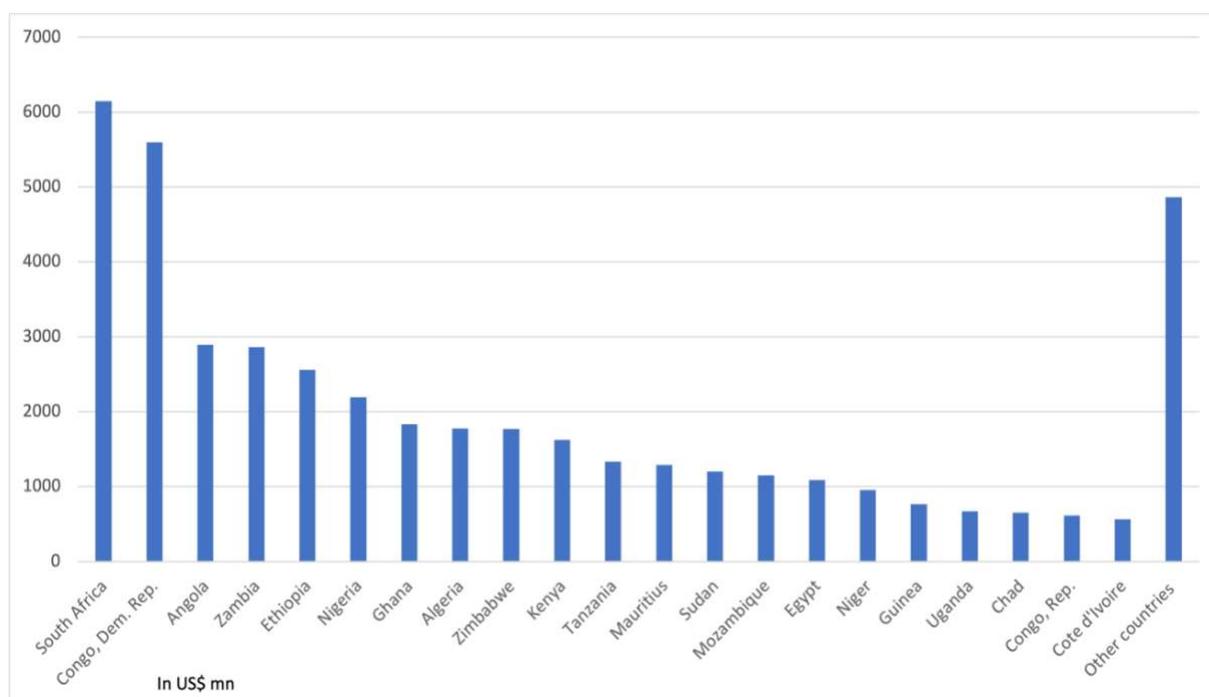
<sup>83</sup> Dados não disponíveis anteriores a 2010.

<sup>84</sup> Fonte: Boletim de estatísticas de 2019 da China MOFCOM

<sup>85</sup> <http://www.sais-cari.org/chinese-investment-in-africa>

<sup>86</sup> [http://faculty.buffalostate.edu/qianx/index\\_files/ChinaODIafrica.pdf](http://faculty.buffalostate.edu/qianx/index_files/ChinaODIafrica.pdf)

Figura 16: Principais destinos de FDI da China na África<sup>87</sup>

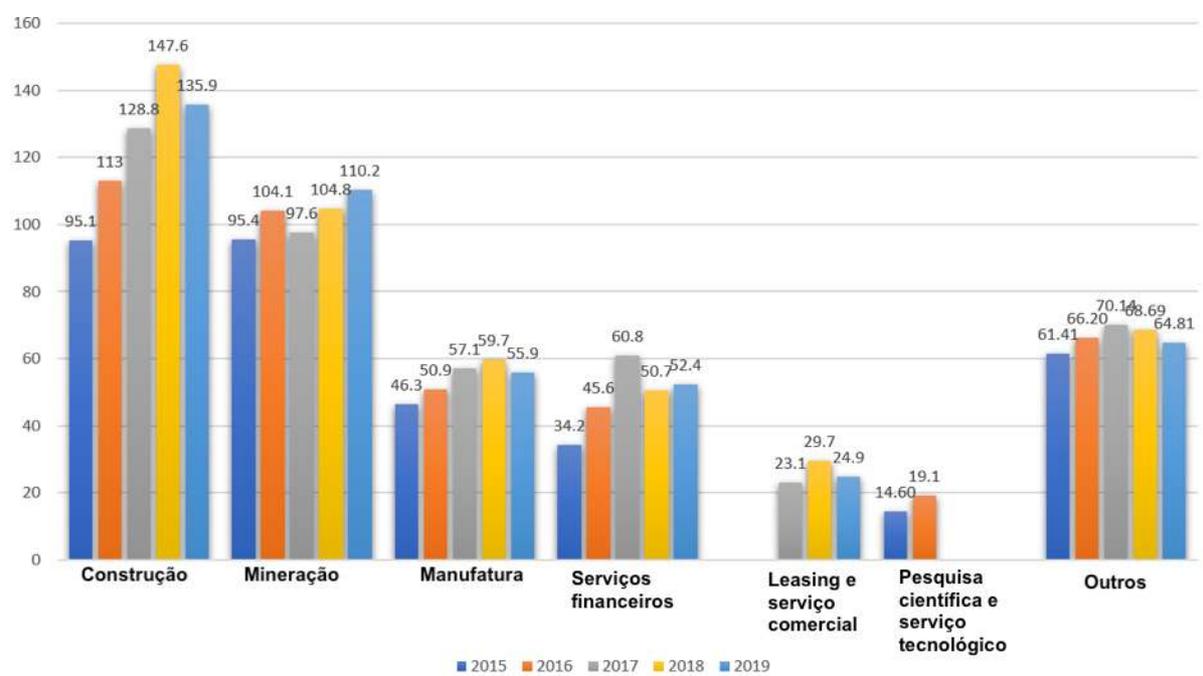


Esse foco ocorre porque os setores de construção e mineração continuam sendo os destinos de investimento dominantes para o FDI chinês (**Figura 17**), seguidos pela indústria, em países com Zonas Econômicas Especiais, alto crescimento econômico ou grandes mercados domésticos. Alguns FDI também estão se movendo para países com projetos chineses contratados - por exemplo, vinculados a Parcerias Público-Privadas (PPPs)<sup>88</sup>.

<sup>87</sup> Fonte: Escritório Nacional de Estatísticas da China

<sup>88</sup> [https://pedl.cepr.org/sites/default/files/PEDL\\_Synthesis\\_Papers\\_Piece\\_No.\\_2.pdf](https://pedl.cepr.org/sites/default/files/PEDL_Synthesis_Papers_Piece_No._2.pdf)

**Figura 17: Top 5 indústrias: estoque de FDI Chinês na África entre 2015-2019<sup>89</sup>**



Várias empresas de manufatura chinesas escolheram a África como destino para a transferência de indústrias de mão de obra intensiva desde 2015<sup>90</sup>. Um estudo de 2017 da McKinsey revelou que existem mais de 10.000 empresas chinesas operando na África, representando cerca de 12% da produção industrial da África.<sup>91</sup> No entanto, é importante que o impacto do financiamento da China, bem como os fluxos de FDI para o continente africano sejam avaliados, por exemplo, através do seu potencial de criação de empregos e entrega, incluindo um foco na indústria<sup>92</sup>. Exemplos bem conhecidos dessa tendência incluem o Grupo Huajian, com sede na Etiópia<sup>93</sup>, Humanwell em Mali e Etiópia<sup>94</sup>, e mais recentemente BGI na Etiópia<sup>95</sup>.

Dito isso, é importante notar que o FDI chinês na África representa uma parcela muito pequena de suas saídas totais de IED, uma média de 3% das saídas totais de 2010 a 2019, conforme mostrado na **Figura 18**.<sup>96</sup>

<sup>89</sup> Fonte: Boletim de estatísticas de 2019 da China MOFCOM

<sup>90</sup> McKinsey & Company. *Dance of the lions and dragons*. Junho 2017.

<https://www.mckinsey.com/~/media/mckinsey/featured%20insights/middle%20east%20and%20africa/the%20closest%20look%20yet%20at%20chinese%20economic%20engagement%20in%20africa/dance-of-the-lions-and-dragons.ashx>

<sup>91</sup> McKinsey & Company. *Dance of the lions and dragons*. Junho 2017.

<sup>92</sup> [http://eprints.lse.ac.uk/108455/1/Paper\\_22\\_the\\_impact\\_of\\_chinese\\_fdi\\_in\\_africa.pdf](http://eprints.lse.ac.uk/108455/1/Paper_22_the_impact_of_chinese_fdi_in_africa.pdf)

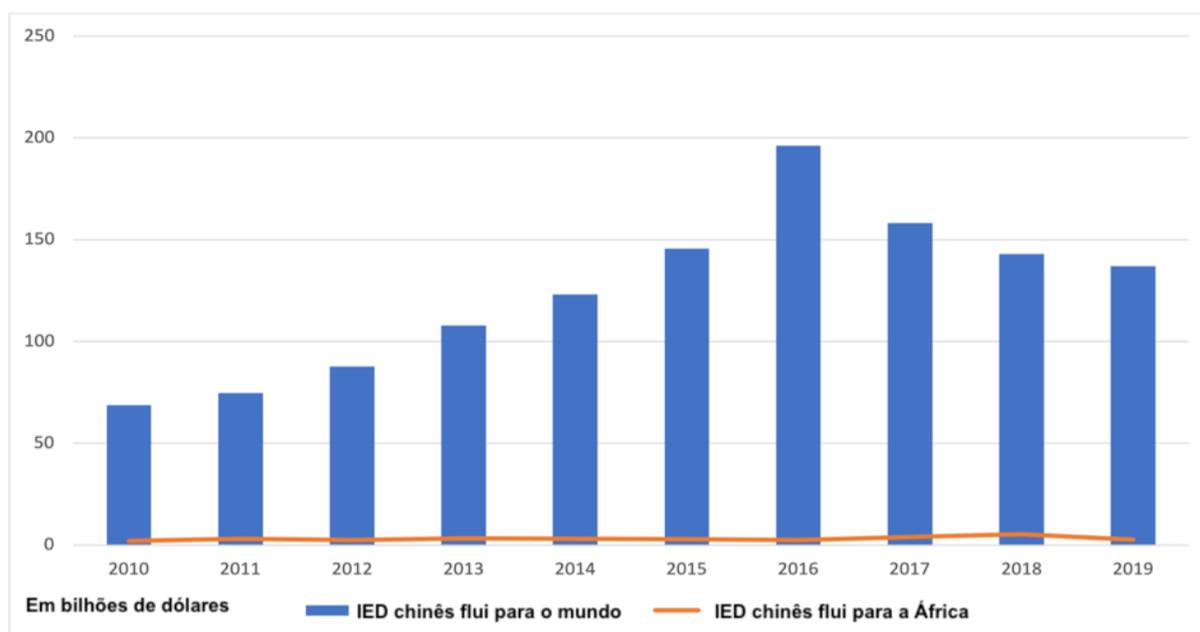
<sup>93</sup> China Daily. "Huajian Group puts its best foot forward." (O Grupo Huajian dá o melhor de si) 27 de Junho, 2019. [http://www.chinadaily.com.cn/cndy/2019-06/27/content\\_37485271.htm](http://www.chinadaily.com.cn/cndy/2019-06/27/content_37485271.htm)

<sup>94</sup> <https://developmentreimagined.com/2021/04/23/qa-how-the-chinese-private-sector-can-help-develop-pharmaceutical-production-capacity-in-africa/>

<sup>95</sup> [http://www.xinhuanet.com/english/2020-10/21/c\\_139454811.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2020-10/21/c_139454811.htm)

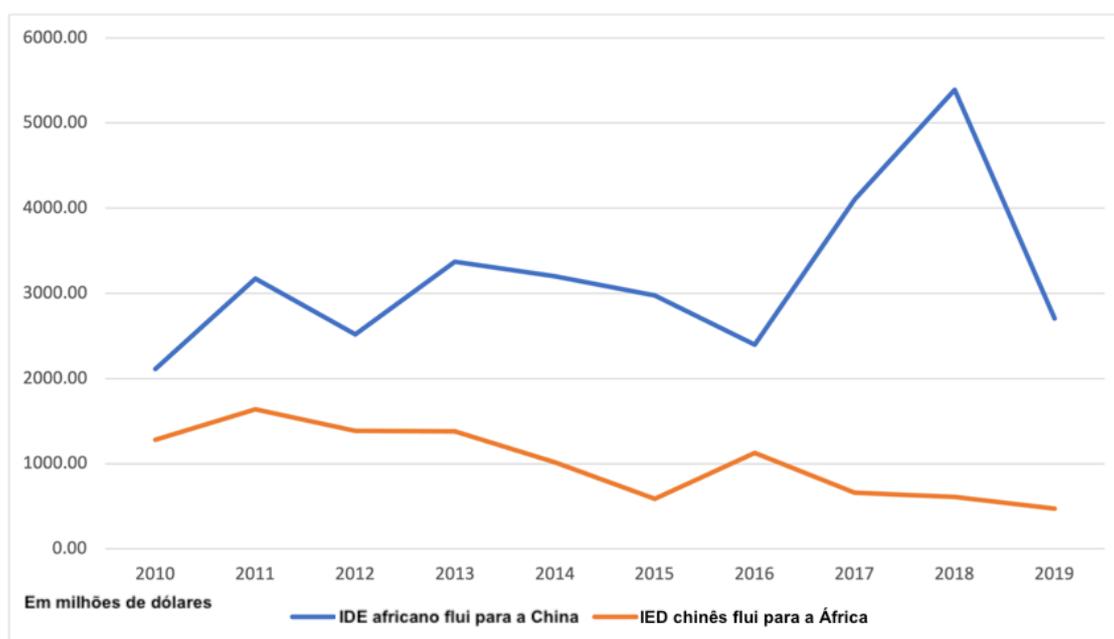
<sup>96</sup> [https://pedl.cepr.org/sites/default/files/PEDL\\_Synthesis\\_Papers\\_Piece\\_No.\\_2.pdf](https://pedl.cepr.org/sites/default/files/PEDL_Synthesis_Papers_Piece_No._2.pdf)

**Figura 18: Fluxos de FDI da China entre 2010-2019<sup>97</sup>**



Finalmente, o FDI também flui da África para a China, embora a uma taxa inferior, como mostra a **Figura 19**. Os níveis aumentaram de 2000 e atingiram o pico em 2008. Houve um declínio bastante constante desde 2011<sup>98</sup>.

**Figura 19: Comparação dos fluxos de investimento de FDI da China e da África<sup>99</sup>**



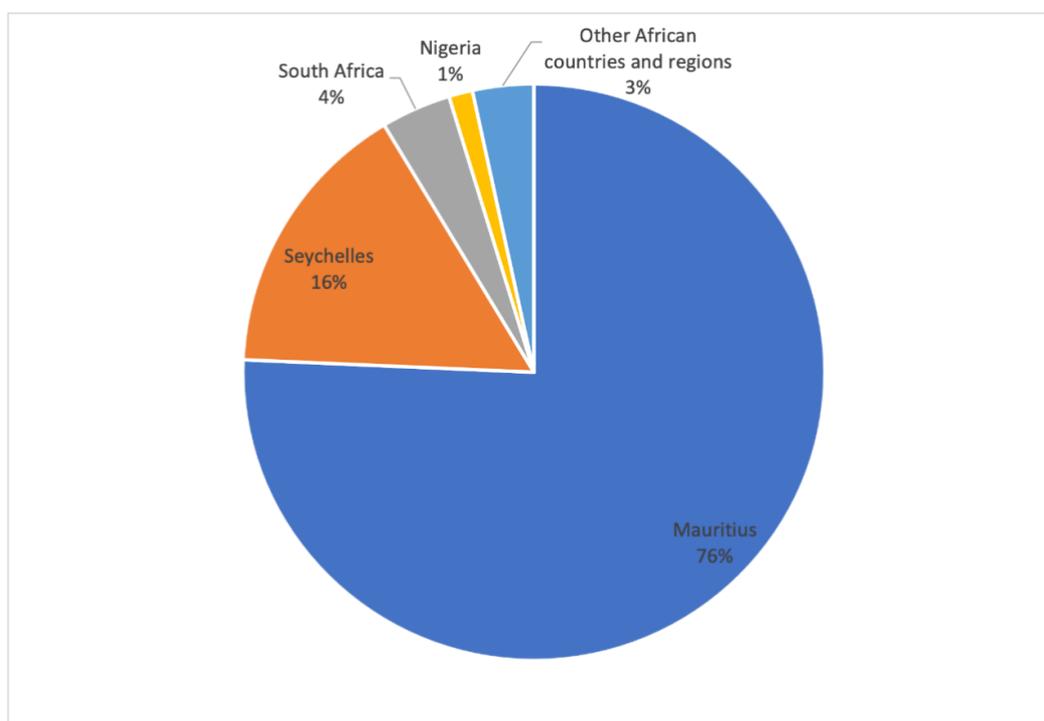
<sup>97</sup> Fonte: Escritório Nacional de Estatísticas da China

<sup>98</sup> <https://data.stats.gov.cn/easyquery.htm?cn=C01>

<sup>99</sup> Fonte: Escritório Nacional de Estatísticas da China

IED da África para a China<sup>100</sup> tem sido principalmente nos setores de petroquímica, manufatura, atacado e varejo.<sup>101</sup> Conforme mostrado na **Figura 20**, as principais fontes de IED da África incluem Maurício e Seychelles.

**Figura 20: FDI africano na China**<sup>102</sup>



Há pouca informação sobre as empresas por trás dessas tendências, em parte devido à indisponibilidade de dados centralizados na China e também porque muitas grandes empresas usam joint-ventures com empresas chinesas para navegar pelas restrições do Estado (ver **Quadro 5**).

#### **Quadro 5: Estudos de caso de investimento africano na China**

O IED cumulativo das Ilhas Maurício para a China foi de US \$ 14,7 bilhões em 2019, representando 75% do IED total de países africanos para a China<sup>103</sup>. Maurício assinou um acordo de dupla tributação com a China e permite que terceiros invistam em empresas totalmente estrangeiras nas Ilhas Maurício, que por sua vez podem investir na China.<sup>104</sup>

As Seychelles investiram cumulativamente cerca de US \$ 3 bilhões na China em 2019, representando 15% do IED total africano na China.

<sup>100</sup> [http://www.focac.org/eng/zfgx\\_4/jmhzt832788.htm](http://www.focac.org/eng/zfgx_4/jmhzt832788.htm)

<sup>101</sup> <https://www.un.org/africarenewal/magazine/august-2015/africans-also-investing-china>

<sup>102</sup> Fonte: Escritório Nacional de Estatísticas da China

<sup>103</sup> Escritório Nacional de Estatísticas da China. *China Actual Use of FDI from Africa*. <https://data.stats.gov.cn/easyquery.htm?cn=C01>

<sup>104</sup> Shinn, David H. and Joshua Eisenman. *China and Africa: A Century of Engagement* (China e África: Um Século de Engajamento). 1ª ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2012. Print.

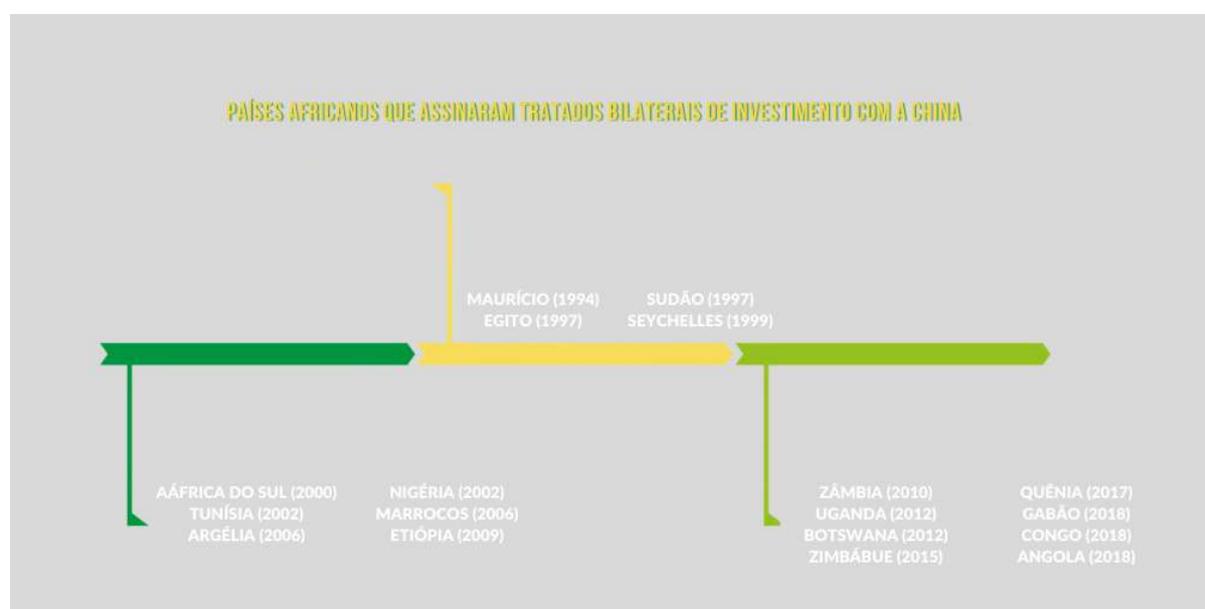
A África do Sul é outro grande investidor africano na África. Em 2019, o IED sul-africano acumulado ultrapassou US \$ 752 milhões. A South African Breweries (SABMiller) investiu mais de US \$ 400 milhões na China desde 1994<sup>105</sup>, por meio de uma joint venture com a China Resources Enterprises, conhecida como China Resources Snow Breweries. É a maior cervejaria da China em volume de vendas e capacidade cervejeira, com uma participação de mercado de 23%<sup>106</sup>.

Alguns outros exemplos de africanos investindo na China incluem o investimento da Tunísia na produção de fertilizantes da China por meio da joint venture, a Sino-Arab Chemical Fertilizers Company<sup>107</sup>.

### O papel dos acordos oficiais relacionados a finanças

Até o momento, 33 países africanos - tanto PMDs quanto países de renda média - têm Tratados Bilaterais de Investimento (TBIs) com a China (**Figura 21**). Enquanto 18 países africanos - também uma mistura de níveis de renda - têm Acordos de Dupla Tributação (DTAs) com a China (**Figura 22**)<sup>108</sup>.

**Figura 21: Países africanos que assinaram tratados bilaterais de investimento com a China**<sup>109</sup>



<sup>105</sup> Shinn, David H. and Joshua Eisenman. *China and Africa: A Century of Engagement (China e África: Um Século de Engajamento)*.

<sup>106</sup> Bo Li. *Africans also investing in China*. United Nations Africa Renewal. Agosto 2015. <https://www.un.org/africarenewal/magazine/august-2015/africans-also-investing-china>

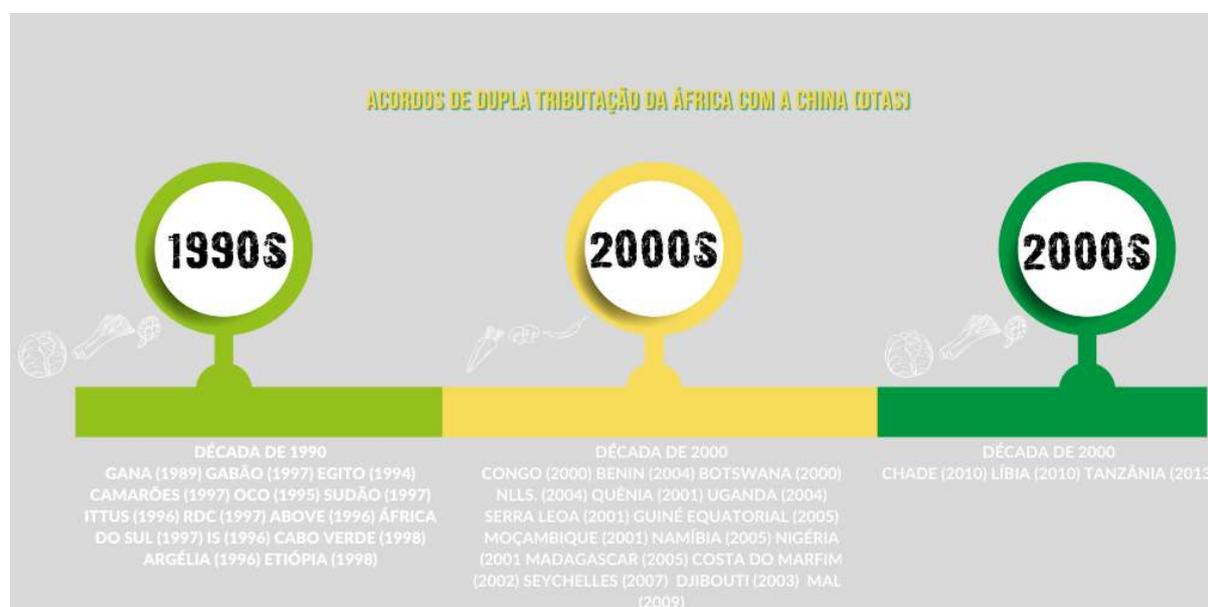
<sup>107</sup> Bo Li. *Africans also investing in China*. United Nations Africa Renewal.

<sup>108</sup> UN.org- <https://www.un.org/sustainabledevelopment/wp-content/uploads/2019/07/UN-SG-Roadmap-Financing-the-SDGs-July-2019.pdf>

<sup>109</sup> [www.un.org/sustainabledevelopment/wp-content/uploads/2019/07/UN-SG-Roadmap-Financing-the-SDGs-July-2019.pdf](https://www.un.org/sustainabledevelopment/wp-content/uploads/2019/07/UN-SG-Roadmap-Financing-the-SDGs-July-2019.pdf)

<sup>109</sup>Fonte: <https://investmentpolicy.unctad.org/international-investment-agreements/countries/42/china>

Figura 22: Países africanos que assinaram acordos de dupla tributação com a China<sup>110</sup>



Os BITs com a China tendem a apresentar obrigações de oferecer tratamento justo e equitativo (FET) aos investidores estrangeiros, garantir ou assegurar o devido processo em caso de expropriação e determinar fóruns para solução de controvérsias internacionais<sup>111</sup>.

Não está claro se os BITs afetaram a forma e o volume do FDI da China. Por outro lado, os DTAs parecem ter alguma correlação com os volumes / áreas de enfoque do FDI - como os fluxos para as ilhas da África Oriental na década de 1990. No entanto, a correlação não implica causalidade. Ado (2020) observa que os investidores chineses parecem se importar menos do que outros investidores estrangeiros sobre os índices de corrupção ou direitos humanos em países africanos, dada a diversidade dos fluxos chineses<sup>112</sup>.

### Ligação 3: Fluxo de pessoas

Embora o aumento da interação econômica entre a África e a China receba muita atenção, o estudo dos fluxos humanos - migração - entre os condados africanos e a China é menos explorado<sup>113</sup>, , embora não seja um fenômeno novo.<sup>114</sup> No FOCAC, os fluxos de pessoas são descritos principalmente como um meio de aumentar o intercâmbio cultural<sup>115</sup>, fluxo de habilidades e ideias entre os países africanos

<sup>110</sup>Fonte: <https://ins-globalconsulting.com/china-tax-system-guides/china-double-taxation-treaties-guide-countries/>

<sup>111</sup> [https://www.wto.org/english/res\\_e/reser\\_e/ersd200801\\_e.pdf](https://www.wto.org/english/res_e/reser_e/ersd200801_e.pdf)

<sup>112</sup> <https://asq.africa.ufl.edu/ado-oct-2020/>

<sup>113</sup> Dankwah & Amoah, 2019. *Gauging the Dispositions between Indigenous, Chinese and other Immigrant Traders in Ghana* (Avaliando as disposições entre indígenas, chineses e outros comerciantes imigrantes em Gana).

<sup>114</sup> Li, 2015. *Diáspora africana na China*.

<sup>115</sup> <https://core.ac.uk/download/pdf/229009061.pdf>



e a China. No entanto, os fluxos de pessoas também impulsionam e são impulsionados por fatores econômicos<sup>116</sup>.

Os dados sugerem que os fluxos de curto prazo de pessoas entre a África e a China são consideravelmente maiores do que os fluxos de longo prazo. Os fluxos de curto prazo incorporam viajantes de negócios, turistas e estudantes. Todos têm vindo a aumentar ao longo do tempo e, embora as tendências e os equilíbrios difiram amplamente, sugerem um movimento transfronteiriço de mais de 1 milhão de pessoas a cada ano.

### Viajantes de negócios

Todos os anos, mais de 200.000 trabalhadores chineses viajam para países africanos para ajudar a entregar projetos de construção, e a maioria retorna para a China. O número de trabalhadores chineses que viajam para a África anualmente atingiu o pico em 2015, com os dados mais recentes para 2019 colocando o número em 182.745<sup>117</sup>. Em 2019, os cinco principais países a receber trabalhadores chineses foram Argélia, Angola, Nigéria, Zâmbia e Quênia, respondendo por 52% de toda a mão de obra chinesa contratada na África. Essas tendências estão fortemente associadas a contratos de projeto em declínio. A análise também sugere que os países africanos estão cada vez mais exigindo o uso local de mão de obra em vez de mão de obra chinesa para projetos, o que pode indicar reduções contínuas de trabalhadores qualificados de baixa a média no futuro.<sup>118</sup>

Atualmente, não há dados oficiais sobre empresários africanos e funcionários do governo que viajam para a China para missões comerciais ou cursos de treinamento de curta duração. No entanto, agora existem exposições comerciais específicas destinadas a nações africanas, e os acordos FOCAC incluem alguns alvos relacionados com viagens de negócios - por exemplo treinar 1.000 elites africanas e fornecer 50.000 cursos de pesquisa e treinamento para africanos.<sup>119</sup>

### Turistas

De acordo com a OMC e vários sites do governo, a África hospedou 585.211 turistas chineses em 2018,<sup>120</sup> Isso representa apenas 1,4% dos turistas da China em todo o mundo<sup>121</sup>.

No entanto, a taxa de crescimento tem sido alta - uma média de mais de 40% nos últimos anos. Os países africanos foram responsáveis por 30% dos dez destinos preferidos dos turistas chineses<sup>122</sup>. Nos primeiros sete meses de 2018, a agência de viagens chinesa Trip.com relatou um aumento de 70% na compra de produtos turísticos relacionados à África. Mais tarde, em 2018, o The Chinese Luxury Traveller 2018, do Relatório Hurun, mostrou que a África foi o destino com o maior aumento no interesse de turistas chineses de alto patrimônio líquido, após um aumento de 15% em 2017 para 29% em 2018.<sup>123</sup>

No geral, os países africanos com o maior número de chegadas de chineses em 2018 foram Egito e Marrocos<sup>124</sup>, África do Sul, Quênia e Maurício.

<sup>116</sup> [https://www.fmprc.gov.cn/mfa\\_eng/ziliao\\_665539/3602\\_665543/3604\\_665547/t18035.shtml](https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/ziliao_665539/3602_665543/3604_665547/t18035.shtml)

<sup>117</sup> <http://www.sais-cari.org/data-chinese-workers-in-africa>

<sup>118</sup> <https://developmentreimagined.com/wp-content/uploads/2020/10/fdi-localisation-1.pdf>

<sup>119</sup> <http://www.focac.org/chn/zywx/zywj/t1592247.htm>

<sup>120</sup> Turistas chineses na África- <https://data.iimedia.cn/page-category.jsp?nodeid=13124991>

<sup>121</sup> <https://www.e-unwto.org/doi/suppl/10.5555/unwto/tfb0156250119952019202009>

<sup>122</sup> [https://www.sohu.com/a/251277872\\_280657](https://www.sohu.com/a/251277872_280657)

<sup>123</sup> Relatório Hurun, 2018. *The Chinese Luxury Traveller* (O viajante chinês de luxo). 2018.

<sup>124</sup> <https://www.tourism-review.com/travel-tourism-magazine-chinese-tourists-discover-african-sights-in-greater-numbers-article2727>

Há uma tendência geral de flexibilização dos requisitos de entrada para cidadãos chineses em todo o continente. Os cidadãos chineses agora podem chegar a 27 países africanos sem antes solicitar um visto. Alguns países, incluindo Angola e África do Sul - ambos com populações migrantes chinesas particularmente significativas - também tornaram mais fácil para os viajantes de negócios chineses obter vistos de entradas múltiplas de longo prazo.

Na direção oposta, os africanos enfrentam desafios significativos ao viajar para a China para turismo, no entanto, como observado acima, um número crescente de funcionários do governo e outros profissionais podem viajar para a China para treinamento de curto prazo ou missões comerciais.

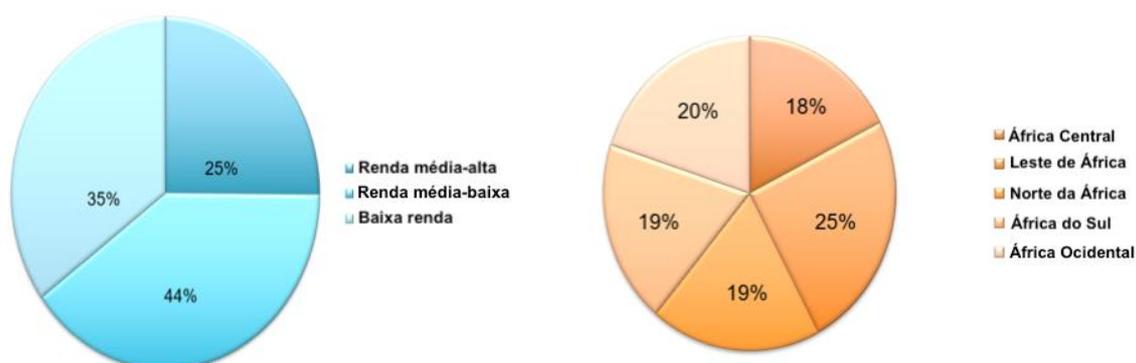
## Estudantes

Embora haja muito poucos jovens chineses que viajam para os países africanos para estudar, o número de estudantes africanos na China cresceu rapidamente. Entre 1976 e 2015, quase um quarto de milhão de estudantes africanos viajou para estudar na China<sup>125</sup>. Entre 2011 e 2016, o número de estudantes africanos que estudam na China aumentou a uma taxa média de 24%. Em 2018, com mais de 80.000 estudantes africanos, a China tornou-se o segundo destino principal para africanos que estudam no exterior, depois da França.

Essa tendência geral é bastante consistente na maioria dos países, conforme a Figura 23 ilustra o uso de várias métricas. Em 2017, estudantes de 25 países africanos agora escolheram a China como seu principal destino para estudos no exterior, ao contrário de qualquer outro país. Isso é mais do que 10 países africanos em 2011, com apenas 5 países<sup>126</sup> tendo diminuído os números durante esse período. Em 2017, os ganenses eram a maior população de estudantes africanos estudando na China, respondendo por 9% do total, tendo crescido 272% desde 2011. Os nigerianos podem em breve se tornar a maior população de estudantes da China<sup>127</sup>.

Parte disso é sustentado por compromissos do FOCAC, incluindo mais recentemente em 2018 um compromisso de fornecer 50.000 bolsas para africanos, mas também pode ser explicado por custos de estudo mais baratos do que em outros lugares.<sup>128</sup> No entanto, pouco se sabe ou é publicado sobre os cursos que os africanos estão escolhendo / financiados para estudar, e há algumas restrições - por exemplo, diplomas de medicina podem ser desafiadores.

**Figura 21: Proporções de estudantes africanos na China 2011-2017<sup>129</sup>**



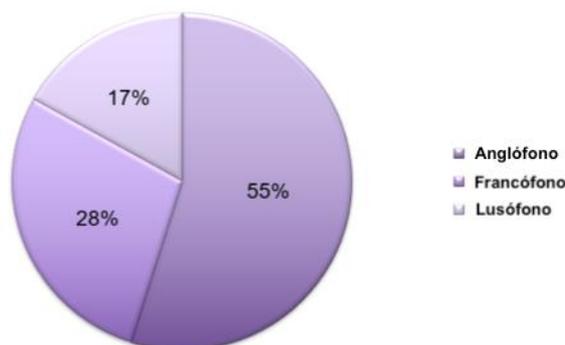
<sup>125</sup> <https://chinapower.csis.org/china-international-students/>

<sup>126</sup> Burkina Faso, República Centro-Africana, Eswatini, Maurício e Seychelles

<sup>127</sup> <https://developmentreimagined.com/2020/09/08/where-africans-study-abroad-post-covid19/>

<sup>128</sup> [http://www.focac.org/eng/zywx\\_1/zywj/t1594297.htm](http://www.focac.org/eng/zywx_1/zywj/t1594297.htm)

<sup>129</sup> Fonte: <http://en.moe.gov.cn>



### Migrantes de longa data

Os chineses estão cada vez mais viajando para países africanos para viver ou trabalhar e vice-versa. O povo chinês na África, por exemplo, pode ser associado à ajuda estrangeira chinesa, por exemplo, professores em Institutos Confúcio, aqueles em Centros de Demonstração Agrícola ou equipes médicas<sup>130</sup>. Algumas estimativas em 2014 apontaram cerca de um milhão de chineses na África<sup>131</sup>, mas isso não foi verificado desde então.

As estimativas de africanos que vivem permanentemente na China também não são claras. Alguns cidadãos africanos encontram oportunidades de trabalho na China devido às suas qualificações, especialmente em empresas "saindo" ou fazendo marketing para destinos africanos, bem como para o ensino (embora haja atualmente restrições para muitos cidadãos africanos - como o Ministério da Educação da China não reconhece alguns nacionais como "falantes nativos" de inglês / francês, etc. para ensino). Em 2018, uma mudança nas regras de imigração permitiu que todos os alunos de mestrado pudessem converter vistos de estudante em autorizações de trabalho se empregados dentro de seis meses após a conclusão dos estudos.<sup>132</sup>

### Conclusão

A análise neste capítulo é importante, mas apresenta duas limitações.

Primeiro, falta contexto. Por exemplo, é frequentemente citado que a China "ajudou a construir mais de 10.000 km de estradas e 6.000 km de ferrovias" com os fluxos financeiros explicados acima. Mas o que isso realmente significa em comparação com as atuais e planejadas redes rodoviárias ou ferroviárias da África?

Em segundo lugar, não tem um cenário contrafactual - incluindo no que diz respeito a externalidades negativas, por exemplo, os impactos da infraestrutura construída pelos chineses no meio ambiente ou os impactos do comércio na pesca ou na vida selvagem.

Os capítulos a seguir têm como objetivo explorar essas questões.

<sup>130</sup> Sun, 2014. *Africa in China's Foreign Policy* (África na política externa da China), p. 28.

<sup>131</sup> <https://qz.com/217597/how-a-million-chinese-migrants-are-building-a-new-empire-in-africa/>

<sup>132</sup> <https://thepleneews.com/news/china-eases-post-study-work-foreign-graduates/>

## CAPÍTULO 3 - IMPACTO DA CHINA NO FUTURO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA ÁFRICA

### Capítulo Três em resumo

- A cooperação anterior China-África apoiou a realização das aspirações da Agenda 2063 e, portanto, teve um impacto nos ODS de África.
- A contribuição da China para os seis quadros da UA no âmbito da Agenda 2063 foi significativa, mas varia consideravelmente e é principalmente impulsionada bilateralmente. Apenas duas das estruturas foram mencionadas no FOCAC 2018.
- Mais trabalho dos países africanos para vincular a cooperação da China às estruturas poderia ajudar a alcançar escala, valor para o dinheiro, diversificação, agregação de valor e metas verdes / limpas:
  - No CAADP, as contribuições da China exigem aumento de escala, vínculos mais fortes com as políticas de acesso ao mercado da China e lições aprendidas com a experiência de redução da pobreza na China;
  - No PIDA, as contribuições da China podem ser melhor direcionadas para a infraestrutura verde transfronteiriça, e mais coordenação africana para valorizar o dinheiro será útil;
  - Para o AMV, as contribuições da China exigem direcionamento para a agregação de valor e, novamente, a coordenação entre os países africanos prioritários pode ajudar a obter valor para o dinheiro, bem como salvaguardas ambientais (e sociais);
  - Para a STISA, as contribuições da China para a infraestrutura digital devem novamente (como o PIDA) ser mais focadas nas fronteiras, e as contribuições para ciência e tecnologia temáticas específicas modeladas no sucesso do CDC da UA.
  - Para o BIAT, os países africanos precisam avaliar as opções de comércio livre ou preferencial com a China e se concentrar na expansão do comércio eletrônico e da eficiência logística transfronteiriça.
  - Na AIDA, as contribuições da China poderiam ser mais impactantes ao diversificar e aumentar o IED, ao mesmo tempo em que buscam um alinhamento mais chinês com a adição de valor africano e objetivos verdes / limpos.

Conforme estabelecido no **Capítulo 2**, não há dúvida de que a China contribuiu de muitas maneiras para o desenvolvimento sustentável da África e os objetivos de redução da pobreza. Mas isso é suficiente?

Compreender os planos de desenvolvimento sustentável de África é crucial para desenvolver um plano para o continente. Com o slogan 'A África que Queremos', os países africanos através da União Africana (UA) definiram as suas aspirações para alcançar o crescimento e a prosperidade através do projeto emblemático de desenvolvimento da UA conhecido como Agenda 2063<sup>133</sup> por meio de uma série de aspirações (**Quadro 6**)<sup>134</sup>.

<sup>133</sup> <https://au.int/en/agenda203/aspirations>

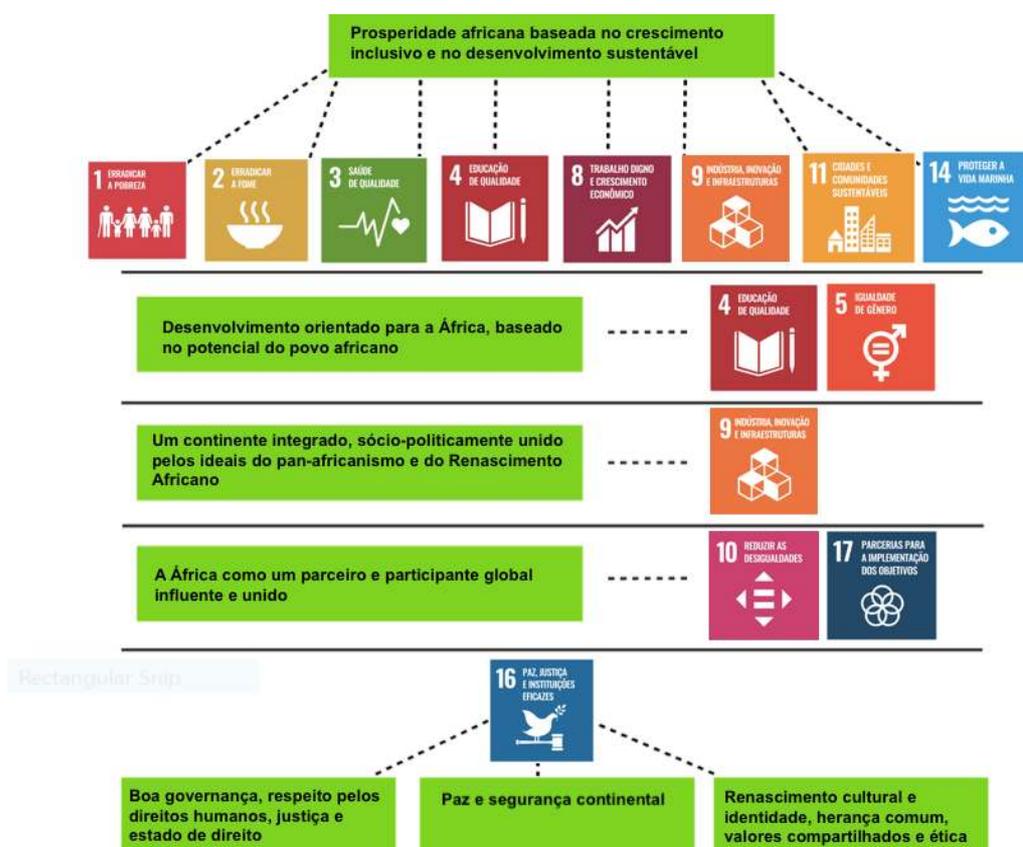
<sup>134</sup> [https://au.int/sites/default/files/pages/33794-file-au-ilo\\_5ypp\\_-english.pdf](https://au.int/sites/default/files/pages/33794-file-au-ilo_5ypp_-english.pdf)

### Quadro 6: Aspirações da Agenda 2063

- Aspiração 1: Prosperidade africana baseada no crescimento inclusivo e Desenvolvimento Sustentável
- Aspiração 2: Um continente integrado, sócio-politicamente unido pelos ideais do pan-africanismo e do Renascimento Africano.
- Aspiração 3: Boa governança, respeito pelos direitos humanos, justiça e estado de direito
- Aspiração 4: paz e segurança continental
- Aspiração 5: Renascimento cultural e identidade, herança comum, valores compartilhados e ética
- Aspiração 6: Desenvolvimento impulsionado pela África, baseado no potencial do povo africano
- Aspiração 7: África como um parceiro e participante global influente e unido

Cada aspiração da Agenda tem uma ligação correspondente para os ODS, conforme mostrado na **Figura 24** abaixo

**Figura 24: A ligação entre a Agenda 2061 e os ODS<sup>135</sup>**



<sup>135</sup> Fonte: Development Reimagined



Funcionalmente, a Agenda 2063 estabelece os principais objetivos a serem concluídos em um primeiro plano de implementação decenal (FTYIP), como um meio de ligar as metas da agenda às áreas prioritárias destinadas à implementação em níveis nacionais. O objetivo é garantir resultados mensuráveis para os africanos a nível qualitativo e qualitativo.

Dentro do Plano Decenal, seis estruturas continentais específicas foram desenvolvidas. Estas áreas de atividade econômica são consideradas vitais para permitir que os estados membros da UA atinjam os ODS<sup>136</sup>.

É importante analisar em que grau a atividade existente entre os países africanos e a China - ou, nesse caso - todos os parceiros de desenvolvimento - está impactando a Agenda 2063 e os ODS.

Por exemplo, quando se trata de estradas, é importante entender que 10.000 km de estradas construídas na China na África equivale a pouco menos de um quinto (20%) do comprimento das nove rodovias da rede de rodovias transafricanas, ou apenas maior do que o comprimento de toda a rede rodoviária da Libéria. Da mesma forma, 6.000 km de ferrovias construídas na China equivalem a pouco

menos de 10% da atual rede ferroviária da África, ou pouco menos de um terço de toda a rede ferroviária da África do Sul.

Este contexto é importante para os africanos serem capazes de obter uma imagem clara do que aconteceu até agora e do que pode ser necessário daqui para frente.

Os seis quadros do plano de dez anos da UA podem ser usados para formar a base de tal benchmarking ou avaliação dentro de um contexto africano.

## **Aferindo a contribuição da China para os seis quadros continentais da UA**

As tabelas abaixo procuram sistematicamente analisar até que ponto as partes interessadas chinesas têm, ou não, contribuído para essas seis estruturas continentais até agora, como isso aconteceu e o que mais pode ser feito - especialmente do lado africano - para garantir que as partes interessadas chinesas contribuam ainda mais.

Ao fazer isso, as tabelas também estabelecem especificamente quais ODSs cada estrutura é susceptível de impactar, com vista a ser capaz de analisar as lacunas posteriormente.

<sup>136</sup> <https://au.int/en/agenda2063/continental-frameworks>

<b>Comprehensive Africa Agricultural Development Program (CAADP)</b>	
<b>1. Nome do plano e a partir de que data o plano está em vigor e se aplica a:</b>	CAADP was first declared in Maputo, Mozambique in <b>2003</b> at the AU Summit as an integral part of the New Partnership for African Development (NEPAD). Current version applies from 2015-2025.
<b>2. O que o plano da UA envolve?</b>	Envolve eliminar a fome e reduzir a pobreza, aumentando o crescimento econômico por meio do desenvolvimento liderado pela agricultura.
<b>3. Existem países ou setores prioritários identificados neste plano no futuro?</b>	As áreas prioritárias do CAADP são: a) Gestão Sustentável de Terra e Água b) Acesso ao mercado c) Abastecimento de Alimentos e Fome d) Pesquisa agrícola
<b>4. Para quais ODS este plano da UA contribui?</b>	O Plano contribui para os seguintes 3 ODS: 
<b>5. O plano tem metas quantificadas?</b>	As metas quantificadas são: <ul style="list-style-type: none"> <li>• a alocação de pelo menos 10% dos orçamentos nacionais para a agricultura e desenvolvimento rural pelos governos africanos e;</li> <li>• alcançar taxas de crescimento agrícola de pelo menos <b>6%</b> ao ano.</li> </ul>
<b>6. Este plano foi mencionado na Declaração e / ou Plano de Ação do FOCAC 2018?</b>	Sim

<p><b>7.</b></p>	<p><b>As partes interessadas chinesas já fizeram ajuda / empréstimos / investimentos nesta área em África antes? Em caso afirmativo, quais foram os principais componentes</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Existem agora 23 Centros de Demonstração de Tecnologia Agrícola (ATDCs) apoiados pelos chineses na África, cobrindo arroz, mandioca, vegetais, bicho-da-seda, cultivo de sementes, aquicultura, milho e trigo, bem como maquinário e irrigação.<sup>137</sup></li><li>• Existem outros projetos relacionados com o processamento agrícola em que as Empresas Estatais Chinesas (SOEs) estão envolvidas, por exemplo, um centro de processamento em Cabo Verde, uma fábrica de produção de farinha de milho na Zâmbia, etc.<sup>138</sup> Um projeto notável ainda iniciado devido a disputas de aquisição é a construção de uma barragem de US \$ 200 milhões no cinturão agrícola de cultivo de arroz em Kisumu.<sup>139</sup></li></ul>
<p><b>8.</b></p>	<p><b>Até que ponto as contribuições chinesas até agora ajudaram a alcançar o plano da UA?</b></p> <p>Embora o CAADP faça parte do FOCAC, a contribuição chinesa ainda não foi sentida. Em grande parte, isso ocorre porque os investimentos não têm uma perspectiva regional ou continental, mas se concentram nos países individuais e também são de escala relativamente pequena.</p>
<p><b>9.</b></p>	<p><b>Por que / como os países africanos trabalharam com a China para alcançar este impacto?</b></p> <p>A China é um parceiro natural dos países africanos na obtenção do impacto do CAADP por duas razões. Em primeiro lugar, a maioria dos projetos requer grande conhecimento tecnológico e técnico e de política que pode vir mais facilmente para a China em comparação com outros parceiros de desenvolvimento da África, especialmente dada a experiência da China com a agricultura familiar e os sucessos na redução da pobreza rural. Em segundo lugar, a China oferece um novo potencial de acesso ao mercado para produtos agrícolas africanos.</p>
<p><b>10.</b></p>	<p><b>O que mais os países africanos poderiam fazer para encorajar a China a ajudar a cumprir este plano? Existem quaisquer prioridades / lacunas propostas?</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Os países africanos precisam de uma estratégia comum, como a seleção de projetos prioritários que tenham maior impacto quando realizados por meio da cooperação com a China.</li><li>• A UA, RECs e países individuais podem procurar conceber e estabelecer um programa com a China para explorar as políticas implementadas pela China para compreender os sucessos e fracassos em áreas-chave, tais como estabelecer ou renovar os serviços de extensão agrícola, lidar com subsídios de fertilizantes,</li></ul>

<sup>137</sup> Esses programas são executados na República de Benin, Camarões, Congo (Brazzaville), Etiópia, Libéria, Madagascar, Moçambique, Ruanda, Sudão, África do Sul, Tanzânia, Togo, Uganda, Zâmbia e Zimbábue. Veja também Pietro Dionisio *China-Africa Agricultural Cooperation: for the Sake of Whom? (Cooperação agrícola China-África: para o bem de quem?)* 2015 <http://www.peah.it/2015/05/1263/>

<sup>138</sup> <http://epaper.chinadaily.com.cn/a/202101/11/WS5ffb7d83a31099a23435323b.html>

<sup>139</sup> *Business Daily Kenya eyes Beijing to resolve Sh20bn dam row* (Quênia quer que Pequim resolva disputa com barragem de Sh20bn). 2021 <https://www.businessdailyafrica.com/bd/economy/kenya-eyes-beijing-resolve-sh20bn-dam-row-3411478>

etc. Isso contribuiria melhor para a ambição do CAADP de aumentar as taxas de crescimento agrícola.

#### The Program for Infrastructure Development in Africa (PIDA)<sup>140</sup>

- 1. Nome do plano e a partir de que data o plano está em vigor e se aplica a.**  
PIDA foi lançado em 2010 (aplica-se a 2030) para o desenvolvimento de infraestrutura regional e continental.
- 2. O que o plano da UA envolve?**  
Envolve a promoção do desenvolvimento socioeconômico e a redução da pobreza em África através da melhoria do acesso a redes e serviços de infraestruturas regionais e continentais integrados.
- 3. Existem países ou setores prioritários identificados neste plano no futuro?**
  - Os setores prioritários do PIDA são energia, transporte, tecnologias de informação e comunicação (TIC), bem como recursos hídricos transfronteiriços.
  - Os resultados esperados do PIDA incluem custos de energia reduzidos e maior acesso, custos de transporte reduzidos e um aumento do comércio intra-africano, água e segurança alimentar e aumento da conectividade global.
- 4. Para quais ODS este plano da UA contribui?**

O Plano contribui diretamente para os seguintes 3 ODS:



O Plano contribui indiretamente para os seguintes 4 ODS:



<sup>140</sup> <https://au.int/en/ie>

<p><b>5.</b></p>	<p><b>O plano tem metas quantificadas?</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>A implementação de longo prazo do PIDA até 2040 é atualmente estimada em mais de US \$ 360 bilhões. Além disso, esperava-se que o custo geral de capital para a entrega do plano de ação prioritário do PIDA de 2012 a 2020 fosse de quase US \$ 68 bilhões, ou cerca de US \$ 7,5 bilhões anuais.</li><li>Atualmente tem um total de 409 projetos, dos quais 54 (13%) são no setor de energia, 114 (28%) no setor de TIC, 232 (57%) são projetos de transporte e 9 (2%) são água projetos, todos em diferentes estágios de desenvolvimento.<sup>141</sup> Até o momento, 76 (19%) das obras foram concluídas e estão em operação. Os dados não estão disponíveis para 80 dos projetos. Outros 78 (19%) estão sendo construídos no momento.</li></ul>
<p><b>6.</b></p>	<p><b>Este plano foi mencionado na Declaração e / ou Plano de Ação do FOCAC 2018?</b></p> <p>Não.</p>
<p><b>7.</b></p>	<p><b>As partes interessadas chinesas já fizeram ajuda / empréstimos / investimentos nesta área em África antes? Em caso afirmativo, quais foram os principais componentes?</b></p> <p>A China é conhecida por concordar em financiar projetos de infraestrutura em países africanos e em outros lugares. Por exemplo, a pesquisa sugere que entre 2010 e 2015, a China financiou US \$ 13 bilhões no setor de energia africano, responsável por pelo menos 30% da nova capacidade produtiva<sup>142</sup>. Alguns desses projetos são baseados em combustíveis fósseis, alguns são renováveis.</p> <p>Existem também numerosos exemplos de projetos de transporte africano (ferrovias, estradas e portos) construídos com empréstimos da China e quantidades variáveis de trabalhadores chineses / conteúdo chinês. A infraestrutura digital e espacial também se tornou um foco, assim como outros projetos menores de infraestrutura construídos com empréstimos ou subsídios chineses, como estádios, hospitais, escolas e museus.</p>
<p><b>8.</b></p>	<p><b>Até que ponto as contribuições chinesas até agora ajudaram a alcançar o plano da UA?</b></p> <p>Dos projetos PIDA concluídos até agora (76), estimamos que apenas 9 (12%) tiveram envolvimento de partes interessadas chinesas até agora em três formas:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>As partes interessadas chinesas têm licitado para construir projetos de infraestrutura sob contratos de Engenharia-Aquisição e Construção (EPC). Estimamos 4 dos 9 projetos nesta categoria.</li><li>O China Exim Bank forneceu financiamento para certos projetos que são construídos por empresas selecionadas da China. Estimamos 4 dos 9 projetos nesta categoria.</li></ul>

<sup>141</sup> Veja detalhes dos projetos na União Africana, *PIDA Projects Dashboard 2021* <https://www.au-pida.org/pida-projects/>

<sup>142</sup> Luke Powanga and Irene Giner-Reichl *China's Contribution to the African Power Sector: Policy Implications for African Countries* (Contribuição da China para o Setor Energético Africano: Implicações de Políticas para os Países Africanos). *Journal of Energy* 2019 <https://www.hindawi.com/journals/jen/2019/7013594/>

- As partes interessadas chinesas construíram projetos de infraestrutura operados integralmente ou em conjunto. 1 dos 9 projetos está nesta categoria - Standard Gauge Railway (SGR) do Quênia de Nairóbi a Mombaça.

Os setores dos projetos variam - 3 são TIC (linhas de fibra ótica), 1 é energia (hidrelétrica), 2 são para construção de estradas, 1 é ferroviário e 2 são relacionados a portos (dragagem e modernização de terminais).

**9. Por que / como os países africanos trabalharam com a China para alcançar este impacto?**

O processo pelo qual as partes interessadas chinesas estão envolvidas no PIDA não é particularmente coordenado, ele tem sido conduzido principalmente bilateralmente. Por exemplo, embora algumas instalações de cabos de fibra óptica PIDA tenham sido realizadas por partes interessadas chinesas, foram por diferentes empresas, sujeitas a diferentes processos de aquisição em países africanos individuais, o que também significa que os termos de envolvimento nesses projetos variam amplamente (por exemplo, uso de conteúdo local / mão de obra, taxas de juros, requisitos ambientais, etc.). Questões como a relatada eventual falta de acordo do China Exim Bank para financiar totalmente extensões coordenadas do SGR do Quênia em Uganda e Ruanda agravam o desafio<sup>143</sup>. Além disso, as partes interessadas chinesas estiveram envolvidas em vários outros projetos de infraestrutura fora do plano PIDA, o que implica que os projetos PIDA não recebem prioridade especial quando se trata de apoio chinês.

**10. O que mais os países africanos poderiam fazer para encorajar a China a ajudar a cumprir este plano? Existem quaisquer prioridades / lacunas propostas?**

- Trabalho mais forte por parte dos governos africanos para apresentar propostas de projetos transfronteiriços conjuntos para as partes interessadas chinesas, juntamente com os termos básicos e regionais de negociações para financiamento concessional chinês (por exemplo, via Exim Bank) para esses projetos, incluindo períodos de carência, taxas de juros, conteúdo local e as condições de trabalho são cruciais para garantir o valor pelo dinheiro e outras realizações dos ODS à medida que esta infraestrutura é construída.
- Trabalho mais forte para garantir o investimento renovável da China como parte de projetos de construção e / ou acesso a projetos de energia contribuirá muito para este plano.

<sup>143</sup> CGTN Africa "Uganda, Kenya continue talks about SGR extension" (Uganda e Quênia continuam conversando sobre a extensão do SGR) 2019 <https://africa.cgtn.com/2019/01/09/uganda-kenya-continue-talks-about-sgr-extension/>

<b>The African Mining Vision (AMV) 2009-2050</b>	
<b>1. Nome do plano e a partir de que data o plano está em vigor e se aplica a.</b>	O AMV foi criado pela União Africana em <b>2009</b> (com duração até 2050) para garantir que a África utilize seus recursos minerais estrategicamente para um desenvolvimento abrangente e inclusivo. A sua implementação está a cargo do Centro Africano de Desenvolvimento de Minerais (AMDC) na Etiópia. <sup>144</sup>
<b>2. O que o plano da UA envolve?</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>O Plano prevê um setor de mineração africano que se afasta da estratégia dependente de IED e centrada no aluguel de recursos, incluindo melhor gestão ambiental.</li> <li>Adaptação e implementação de programas de reforma em nível de país, conhecidos como Visões de Mineração nos Países, de acordo com as políticas nacionais.</li> </ul>
<b>3. Existem países ou setores prioritários identificados neste plano no futuro?</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>As áreas prioritárias são (a) Sustentabilidade ambiental na mineração de pequena escala, (b) Desenvolvimento de ciclos econômicos locais, (c) Negociações de contratos justas e (d) Capacitação administrativa e de governança.</li> <li>Os países prioritários são: Gana, Burkina Faso, Mali e Costa do Marfim.</li> </ul>
<b>4. Para quais ODS este plano da UA contribui?</b>	<p>O Plano contribui diretamente para os seguintes 3 ODS:</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;"> <p><b>1</b> ERRADICAR A POBREZA</p> </div> <div style="text-align: center;"> <p><b>8</b> TRABALHO DIGNO E CRESCIMENTO ECONÔMICO</p> </div> <div style="text-align: center;"> <p><b>9</b> INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURAS</p> </div> </div> <p>O Plano contribui indiretamente para os seguintes 3 ODS:</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;"> <p><b>10</b> REDUZIR AS DESIGUALDADES</p> </div> <div style="text-align: center;"> <p><b>11</b> CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS</p> </div> <div style="text-align: center;"> <p><b>12</b> PRODUÇÃO E CONSUMO SUSTENTÁVEIS</p> </div> </div>
<b>5. O plano tem metas quantificadas?</b>	AMV visa uma estrutura transformadora <sup>145</sup> . É implementado através de um plano de ação de três fases (curto prazo até 5 anos; médio prazo 5-20 anos; e longo prazo entre 20-50 anos) a nível nacional, sub-regional e continental e inclui ações específicas para cada termo especificado. <sup>146</sup>
<b>6. Este plano foi mencionado na Declaração e / ou Plano de Ação do FOCAC 2018?</b>	

<sup>144</sup> União africana, AMV – África Mining Vision (Visão de Mineração na África ) <https://au.int/en/ti/amv/about>

<sup>145</sup> Kojo Busia and Charles Akong. *The African mining vision: perspectives on mineral resource development in Africa (The Visão de mineração africana: perspectivas sobre o desenvolvimento de recursos minerais na África)*. Journal of Sustainable Development Law and Policy 2017 [10.4314/jsdlp.v8i1.7](https://doi.org/10.4314/jsdlp.v8i1.7)

<sup>146</sup> União Africana. *African Mining Vision*. 2009 [https://au.int/sites/default/files/documents/30995-doc-africa\\_mining\\_vision\\_english\\_1.pdf](https://au.int/sites/default/files/documents/30995-doc-africa_mining_vision_english_1.pdf) p.31

Não.	
<b>7.</b>	<b>As partes interessadas chinesas já fizeram ajuda / empréstimos / investimentos nesta área em África antes? Em caso afirmativo, quais foram os principais componentes?</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Entre 2005-2017, as empresas chinesas forneceram cerca de US \$ 58 bilhões para as indústrias de mineração e extração mineral no continente (que por sua vez representou um terço do IED chinês em operações de mineração global entre 2005-2007)<sup>147</sup>.</li><li>• Existem alguns projetos fora dos países prioritários da AMV, por exemplo, Weziwe Platinum da África do Sul em 2018, fornecido com um empréstimo de US \$ 650 milhões do Banco de Desenvolvimento da China, com foco na Mina Bakubung, que está projetada para ter uma produção de 350.000 onças de metais do 'grupo da platina' em 2023.</li><li>• Mais recentemente, um acordo foi fechado entre o Tsingshan Holding Group e o Ministério de Mineração do Zimbábue em abril de 2019, no valor de US \$ 2 bilhões com a chance de aumentar para US \$ 10 bilhões com a inclusão da mineração de lítio<sup>148</sup>.</li></ul>
<b>8.</b>	<b>Até que ponto as contribuições chinesas até agora ajudaram a alcançar o plano da UA?</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• As partes interessadas chinesas estão abertas a vincular empréstimos a recursos naturais do setor extrativo (RBLs) para atender às necessidades de financiamento africanas em países AMV prioritários, por exemplo, Bauxita de Gana para acordo de infraestrutura assinado com a Sinohydro em 2018<sup>149</sup>. No entanto, pouco se sabe ou foi analisado se esses contratos são "justos" ou "custo-benefício".</li><li>• Alguns analistas argumentam que a China está tornando o AMV mais difícil de alcançar, devido a controvérsias em torno dos impactos ambientais da empresa chinesa e impactos na mineração de pequena escala, por exemplo, em Gana e RDC<sup>150</sup>.</li><li>• O Global Environmental Institute (Instituto Ambiental Global), uma ONG chinesa, já em 2013 publicou as diretrizes<sup>151</sup> para responsabilidades sociais e ambientais dos investidores chineses, incluindo mineração.</li></ul>

<sup>147</sup> Instituto Sul-Africano de Assuntos Internacionais. *Development strategies and Chinese investment in Africa's mining sector (Estratégias de desenvolvimento e investimento chinês no setor de mineração da África)*. 2018 <https://saiia.org.za/research/development-strategies-and-chinese-investment-in-africas-mining-sector/>

<sup>148</sup> Indaba Mining. *Chinese Investment in African Mining: What You Need To Know (Investimento chinês na mineração africana: o que você precisa saber)*. 2019 <https://miningindaba.com/Articles/chinese-investment-in-african-mining-what-you>

<sup>149</sup> Jevans Nyabiage *Ghana's bauxite for infrastructure deal with China's Sinohydro faces environmental concerns (Bauxita de Gana para acordo de infraestrutura com a chinesa Sinohydro enfrenta preocupações ambientais)*. 2021 <https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3126260/ghanas-bauxite-infrastructure-deal-chinas-sinohydro-faces>

<sup>150</sup> Eric Olander and Cobus van Staden. *China's Controversial Trade in Africa's Natural Resources (Controverso comércio da China em recursos naturais da África)*. 2015 <https://www.chinafile.com/library/china-africa-project/chinas-controversial-trade-africas-natural-resources>; Eric Olander and Cobus van Staden *What should be on the China-Africa environmental agenda? (O que deve estar na agenda ambiental China-África?)* 2021 <https://supchina.com/podcast/what-should-be-on-the-china-africa-environmental-agenda/>

<sup>151</sup> Instituto Ambiental Global. *Environmental Protection Guidelines for Overseas Investment and Cooperation (Diretrizes de proteção ambiental para investimento e cooperação no exterior)*. 2013 [http://www.geichina.org/upload/file/201303\\_MOPMOCguideline/Translation\\_of\\_the\\_Guideline.pdf](http://www.geichina.org/upload/file/201303_MOPMOCguideline/Translation_of_the_Guideline.pdf)

**9. Por que / como os países africanos trabalharam com a China para alcançar este impacto?**

Países africanos individuais com setores de mineração têm trabalhado para atrair investimento chinês para o setor, mas tem havido pouca coordenação entre os países neste ou em outros aspectos do AMV e dos investimentos chineses. Por exemplo, uma sugestão recente da DRC para garantir maior valor pelo dinheiro dos contratos não foi coordenada com outros países<sup>152</sup>.

**10. O que mais os países africanos poderiam fazer para encorajar a China a ajudar a cumprir este plano? Existem quaisquer prioridades / lacunas propostas?**

- Os governos africanos devem alavancar o crescente interesse de mineração deste importante parceiro comercial para promover os objetivos de desenvolvimento estratégico do continente. Em particular, um objetivo chave deve ser garantir mais valor agregado no continente do investimento chinês neste setor, ligando-o à manufatura e SEZs (ver BIAT).
- países nos países do “cinturão” mineral, por ex. RDC, Botswana, Tanzânia e outros países prioritários da AMV poderiam coordenar e usar o poder de seu valor mineral para negociações eficazes com a China.
- A África e a China devem levar a transição energética global para um planejamento de longo prazo. À medida que a transição verde progride, a competição por minerais de bateria se intensifica e os países africanos podem exercer uma agência nesse sentido.
- Para abordar questões em torno da mineração em pequena escala, a cooperação técnica e científica poderia ser usada para promover a pesquisa e o processamento local de minerais africanos, bem como melhorar a governança do setor de mineração de acordo com o AMV e STISA (ver abaixo).

**Estratégia de inovação em tecnologia e ciência para a África (STISA)**

**1. Nome do plano e a partir de que data o plano está em vigor e se aplica a.**

A Estratégia foi criada em 2014 (com duração até 2024) para atender a demanda por ciência, tecnologia e inovação.<sup>153</sup>

**2. O que o plano da UA envolve?**

- Construção e / ou atualização de infraestruturas de pesquisa;
- Valorizar as competências profissionais e técnicas;
- Promoção do empreendedorismo e inovação, e;
- Proporcionar um ambiente propício para o desenvolvimento de CTI no continente africano.

**3. Existem países ou setores prioritários identificados neste plano no futuro?**

<sup>152</sup> South China Morning Post *China's cobalt mines in spotlight as DRC seeks to renegotiate deals* (Minas de cobalto da China em destaque enquanto a RDC busca renegociar acordos). 2021 <https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3134430/chinas-cobalt-mines-spotlight-drc-seeks-renegotiate-deals>

<sup>153</sup> União Africana “Science, Technology and Innovation Strategy for Africa 2024” (Estratégia de Ciência, Tecnologia e Inovação para a África 2024) 2014 [https://au.int/sites/default/files/newsevents/workingdocuments/33178-wd-stisa-english\\_-\\_final.pdf](https://au.int/sites/default/files/newsevents/workingdocuments/33178-wd-stisa-english_-_final.pdf)

Possui 6 áreas prioritárias para a aplicação de ciência, tecnologia e inovação: (1) Erradicação da Fome e Alcance da Segurança Alimentar; (2) Prevenção e Controle de Doenças; (3) Comunicação (Mobilidade Física e Intelectual); (4) Proteção do nosso espaço; (5) Viver juntos em paz e harmonia para construir a sociedade; e (6) Criação de Riqueza.

**4. Para quais ODS este plano da UA contribui?**

O Plano contribui para os seguintes 7 ODS:



**5. O plano tem metas quantificadas?**

O plano é formulado por meio de um programa de 5 estágios ao longo de 10 anos, abordando as 6 áreas prioritárias mencionadas acima. O plano tem uma meta geral de uma alocação de 1% do PIB para o desenvolvimento de recursos de cada estado membro.

**6. As partes interessadas chinesas já fizeram ajuda / empréstimos / investimentos nesta área em África antes? Em caso afirmativo, quais foram os principais componentes?**

- As empresas chinesas estão ativamente envolvidas no projeto e instalação de conectividade à Internet e infraestrutura digital em toda a África. Por exemplo, empresas de tecnologia chinesas colaboraram com o governo tunisiano em sua estratégia “Tunísia Digital 2020”. Estima-se que US \$ 8,43 bilhões foram gastos com ou por partes interessadas chinesas em cinco países africanos para projetos de Rota da Seda Digital (DSR)<sup>154</sup>. Alegadamente, a Huawei foi contratada para instalar 70% da rede 4G da África até o momento<sup>155</sup>. O recente lançamento do 5G da Huawei na África do Sul e o teste na Nigéria, Uganda, Quênia e Gabão sinalizam uma infraestrutura de internet digital aprimorada na África. Em 2019, Uganda adquiriu aprox. US \$ 126 milhões em câmara de reconhecimento facial da Huawei, enquanto em 2018 o Zimbábue assinou um acordo com a Cloudwalk da China para construir um sistema de reconhecimento facial em massa (ainda não implementado).

<sup>154</sup> Sheridan Prasso “China’s Digital Silk Road Is Looking More Like an Iron Curtain” (A Rota da Seda Digital da China se parece mais com uma cortina de ferro) 2019 <https://www.bloomberg.com/news/features/2019-01-10/china-s-digital-silk-road-is-looking-more-like-an-iron-curtain>

<sup>155</sup> Tom Bayes “African networks, smartphones - and surveillance” (Redes africanas, smartphones - e vigilância) 2019 <https://merics.org/en/analysis/african-networks-smartphones-and-surveillance>

- Como parte do DSR, a China está atualmente operando um cabo submarino PEACE (Paquistão com a África Oriental Conectando a Europa) de 15.000 km, conectando a China à Eurásia e do Paquistão a Djibuti, Quênia e ao longo da costa leste da África à África do Sul.
- Em 2020, o governo da Etiópia e a China iniciaram negociações para construir em conjunto uma estação receptora de dados de satélite continental na Etiópia, com base no primeiro satélite de sensoriamento remoto da Etiópia lançado ao espaço em dezembro de 2019.
- As partes interessadas chinesas estão envolvidas / investindo em projetos de cidades inteligentes (também chamadas de Cidade Segura) na África, implantando ferramentas digitais com recursos avançados de vigilância. Cerca de 13 países africanos fazem atualmente parte da iniciativa de cidades inteligentes da China. Por exemplo, a Huawei, em colaboração com o governo marroquino, lançou a cidade inteligente Tangier Tech, que deve receber 200 empresas chinesas. A China também está construindo data centers em diferentes partes do continente.
- Os telefones / smartphones Transsion da China são populares em países africanos.

**7. Este plano foi mencionado na Declaração e / ou Plano de Ação do FOCAC 2018?**

Não

**8. Até que ponto as contribuições chinesas até agora ajudaram a alcançar o plano da UA?**

- O foco principal das contribuições chinesas tem sido a infraestrutura digital, que contribui para a prioridade 3 do STISA e pode formar uma base para outros tipos de infraestrutura de pesquisa.
- Contribuições para projetos de cidades inteligentes e vigilância também podem melhorar a eficiência, a segurança e o policiamento comunitário e promover o transporte verde, embora haja preocupações com a privacidade e os direitos humanos relacionados.
- Tem havido uma importante contribuição direta da China para a prioridade 2 da STISA em saúde - a China apoiou (através da ajuda) o desenvolvimento do CDC Africano - que forneceu coordenação essencial entre as partes interessadas da saúde e está construindo a integridade da pesquisa em saúde.<sup>156</sup> No entanto, houve pouco impacto medido do envolvimento chinês em outras áreas prioritárias do STISA.

**9. Por que / como os países africanos trabalharam com a China para alcançar este impacto?**

A maioria das ações nesta área foi conduzida por atores estatais africanos, mas atores não estatais também estão envolvidos - por exemplo, parcerias

<sup>156</sup> Veja: [https://au.int/sites/default/files/newsevents/workingdocuments/37841-wd-stisa-2024\\_report\\_en.pdf](https://au.int/sites/default/files/newsevents/workingdocuments/37841-wd-stisa-2024_report_en.pdf) p.45

em logística de comércio eletrônico. A contribuição da China para a África CDC também é um exemplo notável de coordenação africana na cooperação com as partes interessadas chinesas até o momento..

**10. O que mais os países africanos poderiam fazer para encorajar a China a ajudar a cumprir este plano? Existem quaisquer prioridades / lacunas propostas?**

- O trabalho mais forte dos governos africanos para apresentar propostas conjuntas de infraestrutura digital de projetos transfronteiriços para as partes interessadas chinesas (também vinculadas ao PIDA) e para garantir uma boa relação custo-benefício, empréstimos e investimentos chineses serão úteis no futuro.
- Os bancos centrais e comerciais africanos, bem como o BAD devem trabalhar com empresas chinesas de fintech para fornecer aos africanos plataformas de pagamento digital que funcionem perfeitamente em todo o continente ou pelo menos em sub-regiões.
- A coordenação sobre os riscos e desafios em torno da privacidade pode ser útil, especialmente garantindo que os regimes de propriedade intelectual da África sejam mais protegidos.
- Encorajar as partes interessadas chinesas a direcionar a ajuda para outras áreas prioritárias do STISA (além das prioridades 2 e 3) também será crucial. África CDC pode ser usado como um precedente.



<b>Boosting Intra-African Trade (BIAT)</b> <sup>157</sup>	
1.	<b>Nome do plano e a partir de que data o plano está em vigor e se aplica a:</b> O BIAT foi criado em 2012 e visa aprofundar a integração nos mercados africanos e aumentar o volume do comércio intra-africano.
2.	<b>O que o plano da UA envolve?</b> Um elemento chave do BIAT é a Área de Comércio Livre Continental Africano (AfCFTA), que começou a operar em janeiro de 2020. Tem 7 “grupos” específicos de ação: (1) Facilitação do Comércio; (2) Política Comercial (sob a qual o AfCFTA e outros acordos comerciais regionais se enquadram); (3) Capacidades produtivas; (4) Infraestrutura relacionada ao comércio; (5) Financiamento do Comércio; (6) Informações de comércio e (7) Fator de integração do mercado (incluindo o fluxo livre de mão de obra em todo o continente) <sup>158</sup> .
3.	<b>Existem países ou setores prioritários identificados neste plano no futuro?</b> Embora o BIAT tenha 7 grupos de ação, ele não possui nenhuma prioridade setorial ou nacional específica.
4.	<b>Para quais ODS este plano da UA contribui?</b> O Plano contribui para os seguintes 4 ODS: 
5.	<b>O plano tem metas quantificadas?</b> O BIAT visa aumentar significativamente o volume de comércio que os países africanos realizam entre si dos níveis atuais de 10-13% a 25% ou mais na próxima década.
6.	<b>Este plano foi mencionado na Declaração e / ou Plano de Ação do FOCAC 2018?</b> Sim.
7.	<b>As partes interessadas chinesas já fizeram ajuda / empréstimos / investimentos nesta área em África antes? Em caso afirmativo, quais foram os principais componentes?</b> <ul style="list-style-type: none"><li>Além de financiar a infraestrutura de transporte para reduzir os custos do comércio (ou seja, cluster 4, que também se enquadra no PIDA), o investimento chinês nesta área tem sido bastante limitado. No entanto, existem alguns exemplos de equipamentos chineses sendo doados para a alfândega e inspeção de contêineres como projetos de "ajuda ao comércio"<sup>159</sup>.</li></ul>

<sup>157</sup> União africana. BIAT – Boosting Intra-African Trade (Impulsionando o comércio intra-africano). <https://au.int/en/ti/biat/about>

<sup>158</sup> Ibid

<sup>159</sup> Por exemplo, veja referências no China White Paper 2021: <http://epaper.chinadaily.com.cn/a/202101/11/WS5ffb7d83a31099a23435323b.html>

- A maioria das intervenções de política comercial entre a China e os países africanos têm se concentrado no acesso ao mercado de / para a China - por exemplo, Acesso DFQF para LDCs, acordos SPS, etc. O FTA Maurício-China tem ROOs bastante restritos, o que significa que o comércio intercontinental não pode ser incentivado<sup>160</sup>.
- Um meio bastante novo de engajamento foi o e-commerce, vinculado a vários clusters BIAT. Por exemplo, Ruanda e Etiópia expressaram interesse na plataforma de comércio eletrônico mundial da Alibaba (eWTP), que visa integrar o pagamento digital, comércio eletrônico e empreendedorismo digital. Kilimall, Amanbo e Chinabuy também são plataformas de comércio eletrônico de propriedade chinesa que operam na África. Alipay, Union Pay e WeChat pay da China estão fazendo parceria com bancos locais, como Ecobank, Equity Bank, bem como M-Pesa no Quênia para facilitar os pagamentos online para comerciantes africanos transfronteiriços.

**8. Por que / como os países africanos trabalharam com a China para alcançar esse impacto?**

A maior parte do envolvimento tem sido bilateral entre os governos até agora, especialmente em infraestrutura comercial e e-commerce. Algum envolvimento dos governos africanos também foi com empresas estatais chinesas e empresas do setor privado, por exemplo, para parcerias público-privadas (por exemplo, para construir estradas com pedágios).

**9. O que mais os países africanos podem fazer para encorajar a China a ajudar a cumprir este plano? Quaisquer prioridades / lacunas propostas?**

- Uma proposta africana conjunta de como o BRI ou FOCAC podem se conectar e apoiar o desenvolvimento e crescimento do AfCFTA é crucial. As opções a serem consideradas (e discutidas posteriormente no **Capítulo Seis**) incluem acordos preferenciais com certos países, regiões ou setores no continente, ou um ALC completo.
- Os países africanos podem encorajar as partes interessadas chinesas a serem mais abrangentes na capacitação e doação de equipamentos, usando o precedente das doações de equipamentos médicos do Alibaba durante o COVID-19 fornecido a todos os países africanos.
- Os RECs podem negociar ou apoiar negociações de centros e plataformas conjuntas de comércio eletrônico como acordos de financiamento de infraestrutura comercial.

<sup>160</sup> Ibid.

<b>Desenvolvimento industrial acelerado para a África (AIDA)</b>	
<b>1. Nome do plano e a partir de que data o plano está em vigor e se aplica a</b>	AIDA foi criada em 2008 (cobertura até 2063) para mobilizar recursos financeiros e não financeiros para melhorar o desempenho industrial de África.
<b>2. O que o plano da UA envolve?</b>	AIDA se concentra na integração da industrialização nas políticas de desenvolvimento nacional e estratégias de redução da pobreza, incluindo a política industrial que visa maximizar o uso das capacidades produtivas locais e insumos, através da adição de valor e processamento local dos recursos naturais do país.
<b>3. Existem países ou setores prioritários identificados neste plano no futuro?</b>	Os setores prioritários são: Processamento de alimentos; Têxteis e vestuário; Couro e produtos de couro Processamento de produtos minerais e metálicos; Madeira e produtos de madeira; Equipamento e montagem automotiva; Farmacêuticos; e materiais de construção. Em alguns desses setores, determinados centros nacionais ou regionais já foram identificados.
<b>4. Para quais ODS este plano da UA contribui?</b>	O Plano contribui para os seguintes 4 ODS:
	
<b>5. O plano tem metas quantificadas?</b>	Sim. No âmbito de cada cluster de programa, a AIDA define uma série de ações específicas a serem cumpridas através de 49 projetos diferentes. Cada cluster de programa é responsável por definir indicadores quantificáveis e marcos com limite de tempo. <sup>161</sup>
<b>6. Este plano foi mencionado na Declaração e / ou Plano de Ação do FOCAC 2018?</b>	Não.
<b>7. As partes interessadas chinesas já fizeram ajuda / empréstimos / investimentos nesta área em África antes? Em caso afirmativo, quais foram os principais componentes?</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Em 2006, a China prometeu “estabelecer de três a cinco zonas de cooperação econômica e comercial no exterior na África nos próximos três anos. Desde então, cada plano de ação do FOCAC tem de alguma forma destacado a construção, expansão ou atualização contínua de zonas comerciais e econômicas. As zonas agora são um dos principais mecanismos usados pela China para aumentar o investimento na África.</li> </ul>

<sup>161</sup> União africana. *Strategy For The Implementation Of The Plan Of Action For The Accelerated Industrial Development Of Africa* (Estratégia para a implementação do plano de ação para o Desenvolvimento industrial acelerado da África). 2008 [https://au.int/sites/default/files/documents/30983-doc-implementation\\_strategy\\_final\\_0.pdf](https://au.int/sites/default/files/documents/30983-doc-implementation_strategy_final_0.pdf)

- O Fundo de Desenvolvimento China-África (CADFund) também foi estabelecido em 2006 e forneceu capital para algumas SEZs, bem como fábricas específicas. Por exemplo, a Transsion (fabricante de smartphones) inicialmente se beneficiou do suporte do CADFund, assim como a Humanwell, uma empresa farmacêutica em Mali / Etiópia<sup>162</sup>.
- A China se tornou uma importante fonte de IED no setor manufatureiro na África<sup>163</sup>. De acordo com um relatório da McKinsey em 2017, as empresas chinesas do setor manufatureiro fornecem 12% da produção industrial da África, gerando cerca de US \$ 60 bilhões em receitas por ano e empregando centenas de africanos. As empresas relataram que, em média, suas receitas cresceram 8-9% ao ano de 2012 a 2015.<sup>164</sup>

**8. Até que ponto as contribuições chinesas até agora ajudaram a alcançar o plano da UA?**

Em termos gerais, as SEZs que seguem o modelo de industrialização da China e os investimentos do CADFund são bons exemplos do importante papel da China em ajudar a alcançar a AIDA, uma vez que direcionaram o IED para os principais setores da AIDA, especialmente têxteis e vestuário. Por exemplo, há vários exemplos de empresas chinesas, como Huajian, que mudaram a produção de têxteis e vestuário para zonas da África para aproveitar os acordos comerciais preferenciais com os mercados dos EUA e da Europa, enquanto os fabricantes também estão produzindo ou nos mercados africanos. 95% das empresas na Zona Industrial Oriental da Etiópia são fabricantes, com mais da metade delas gerando materiais industriais e peças automotivas. Na Zona Franca de Lekki, na Nigéria, cerca de 46% das empresas estão relacionadas à manufatura.<sup>165</sup> No entanto, o IED chinês ainda está voltado principalmente para construção e mineração, o que não contribui diretamente para a AIDA.

**9. Por que / como os países africanos trabalharam com a China para alcançar este impacto?**

- Os governos africanos em geral receberam bem as propostas chinesas para localizações de SEZ e a relocação de fábricas chinesas para seus países. A maioria oferece incentivos fiscais e outros incentivos para IED, incluindo da China. Eles também promovem locais existentes e novos para SEZs para os governos central e local chineses e partes interessadas privadas. Quase tudo isso é bilateral, por exemplo, não existem SEZs transfronteiriços na África. Onde a manufatura está servindo a vários mercados africanos, isso tem sido impulsionado pela busca de lucro chinesa, não coordenada por governos.

<sup>162</sup> <http://en.cadfund.com>

<sup>163</sup> Signé, L. *The Potential of Manufacturing and Industrialization in Africa: Trends, Opportunities, and Strategies*. Africa Growth Initiative (O potencial de fabricação e industrialização na África: tendências, oportunidades e estratégias. Iniciativa de crescimento da África), Brookings 2018 [http://www.iberglobal.com/files/2018-2/Manufacturing-and-Industrialization-in-Africa\\_brookings.pdf](http://www.iberglobal.com/files/2018-2/Manufacturing-and-Industrialization-in-Africa_brookings.pdf)

<sup>164</sup> McKinsey & Company. *Dance of the lions and dragons* (Dança dos leões e dragões). 2017 <https://www.mckinsey.com/~media/mckinsey/featured-insights/middle-east-and-africa/the-closest-look-yet-at-chinese-economic-engagement-in-africa/dance-of-the-lions-and-dragons.ashx>

<sup>165</sup> Cálculo do próprio DR com base na exploração de empresas nas SEZs.



**10. O que mais os países africanos poderiam fazer para encorajar a China a ajudar a cumprir este plano? Existem quaisquer prioridades / lacunas propostas?**

- Embora as SEZs sejam boas para a industrialização geral e a criação de empregos, as zonas de investimento da China são atualmente dominadas por empresas chinesas e estrangeiras. Um relatório da McKinsey revelou que apenas 44% dos gerentes locais em mais de 1.000 empresas chinesas pesquisadas eram africanos.<sup>166</sup> Políticas SEZ mais coordenadas ou de melhores práticas em toda a África para garantir empregos locais (especialmente em nível sênior) e transferência de tecnologia (por exemplo, através de requisitos de joint venture) seriam úteis.
- Os governos africanos poderiam encorajar uma reestruturação do CADFund ou a criação de um novo banco ou instrumento de financiamento comercial apoiado pela China dentro dos bancos africanos (por exemplo, AfriExim) para permitir que as empresas africanas se beneficiem diretamente - especialmente as PME africanas.
- Os governos africanos poderiam se coordenar para garantir incentivos mais fortes para o IED de manufatura de valor agregado e verde, limpo e ecologicamente correto (e SEZs) da China (e de outros lugares).<sup>167</sup>

## Analizando as lacunas

Como as tabelas acima sugerem, embora a relação África-China até agora tenha feito contribuições consideráveis para as seis estruturas continentais africanas, bem como para os ODS, há muito mais possibilidades. Em particular, ao se alinhar mais de perto com as seis estruturas, há uma grande oportunidade de contribuir para o ODS9 e o ODS1, que são os ODS mencionados com mais frequência nas tabelas acima

Existem também outras lacunas potenciais que podem ser preenchidas - por exemplo, outros ODS não diretamente ligados aos seis quadros da UA, mas podem ser importantes para o futuro dos países africanos, conforme ilustrado na Tabela 2 abaixo.

Embora essas lacunas surjam dos próprios quadros da UA, pode, no entanto, ser útil para a União Africana ou outros desenvolverem alguma orientação ou quadro que apoie o envolvimento chinês nestas questões, para evitar impactos negativos em outras áreas de cooperação.

<sup>166</sup> McKinsey & Company. *Dance of the lions and dragons*. Junho 2017.

<sup>167</sup> Global Times. *Africa, China build future road maps for pandemic prevention (África e China constroem futuros roteiros para prevenção de pandemia)*, BRI. 23 julho, 2020. <https://www.globaltimes.cn/content/1195419.shtml>

**Tabela 2: Desafios potenciais dos ODS apesar de ou devido ao aumento da cooperação África-China**

ODS	Desafios Potenciais
 <p>12 PRODUÇÃO E CONSUMO SUSTENTÁVEIS</p>	A maioria das importações da China da África e FDI envolvem matérias-primas, enquanto as exportações envolvem bens manufaturados, sem foco explícito na responsabilidade em termos ambientais (incluindo clima) ou sociais. Isso poderia ser melhorado.
 <p>14 PROTEGER A VIDA MARINHA</p>	Muito pouca atenção é dada à pesca sustentável na cooperação África-China e aos potenciais impactos ambientais negativos sob o mar de, por ex. pesca excessiva, pirataria, turismo, etc.
 <p>15 PROTEGER A VIDA TERRESTRE</p>	Embora a China tenha sua própria proteção doméstica de zonas úmidas e regulamentos de extração de madeira, muito pouca atenção é focada na proteção ambiental sustentável na cooperação África-China (por exemplo, fluxos de FDI) e potenciais impactos negativos em terras de registro comercial, turismo, etc.
 <p>16 PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES EFICAZES</p>	Embora a China faça contribuições para as forças de paz na África, isso revela mais um foco nos sintomas do que nas causas básicas. Por exemplo, as indústrias extrativas são propensas à corrupção, devido às altas receitas obtidas, enquanto o controle político centralizado pode exacerbar as desigualdades (embora nem sempre).

Este capítulo destacou a contribuição da China para os planos de desenvolvimento continental da UA e, por extensão, os ODS na África. No entanto, também destacou um espaço significativo para progresso em cada uma das estruturas, bem como algumas lacunas importantes no relacionamento. O **Capítulo 4** agora explora como a cooperação da China com a África se compara a outros grandes parceiros de desenvolvimento e outras regiões importantes.

## CAPÍTULO 4 - COMPARANDO O RELACIONAMENTO ÁFRICA-CHINA

### Capítulo Quatro em resumo

- Em comparação com as relações com outros parceiros de desenvolvimento, a África poderia fazer mais para alavancar mais fluxos financeiros da China - através de ajuda, empréstimos e IED.
- A China é o quinto maior investidor do continente, mas *ceteris paribus* pode ser o maior investidor em 2025. A proporção de IED chinês na indústria está um pouco atrás da dos EUA e da França. A China também está perto de ser o maior destino para os africanos estudarem, mas não necessariamente para trabalhar, enquanto o fluxo de turistas é baixo.
- Além disso, a China é o maior parceiro comercial bilateral da África há dez anos. No entanto, a UE detém a posição de liderança nas importações de produtos africanos. As tarifas de bens de consumo sobre produtos africanos permanecem relativamente altas.
- Existe apenas uma área analisada em que a África se sai “melhor” do que a Ásia no relacionamento com a China - a ajuda. Em todas as outras métricas - comércio, outros fluxos financeiros e fluxos de pessoas para pessoas - a Ásia atraiu mais ações até agora do que a África.

A crescente cooperação da China em toda a África foi destacada ao longo dos Capítulos Um a Três, no entanto, essa relação é exclusiva da China-África e onde a África se classifica na cooperação chinesa com outros países?



Para responder a essas perguntas, este capítulo primeiro faz uma referência da relação da África com seus principais parceiros de desenvolvimento (China, Estados Unidos, Reino Unido, França e UE) no que diz respeito ao comércio, capital e fluxos de pessoas. Em seguida, compara a cooperação chinesa com a África à Ásia (o parceiro regional mais próximo da China) para avaliar a escala da cooperação sino-africana.

Os infográficos que ilustram a análise abaixo são mostrados nas **páginas 64-65**.

## China como parceiro de desenvolvimento da África

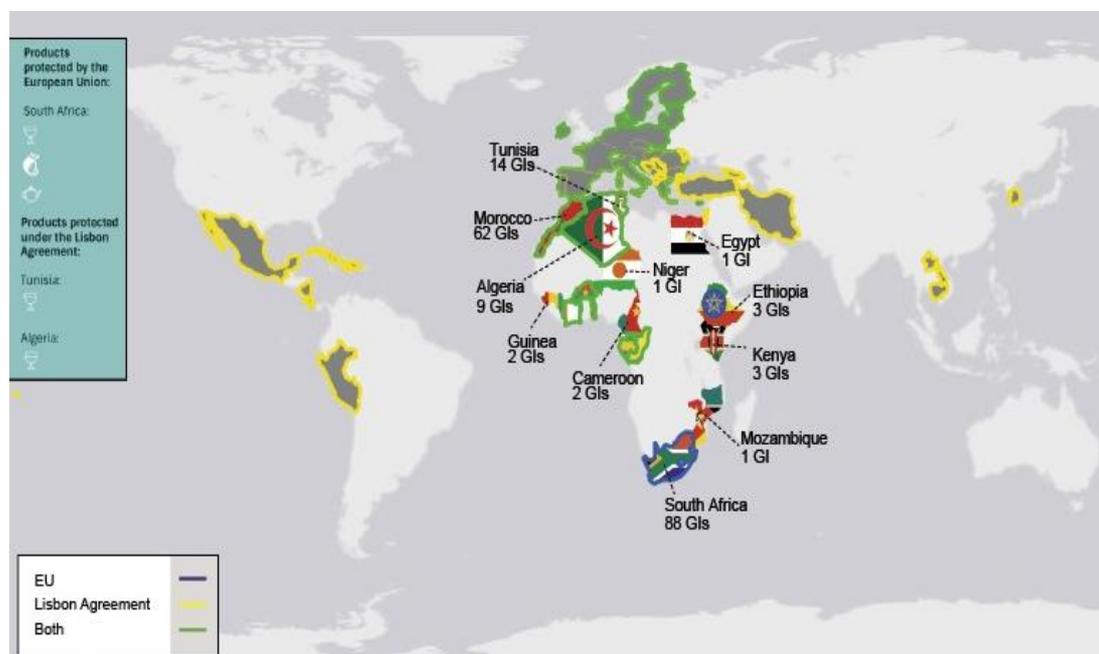
### Fluxos de comércio

Em uma base país por país, a China importa significativamente mais produtos africanos do que outros parceiros de desenvolvimento analisados - mas a região da UE teve a posição de liderança nas importações de produtos africanos em 2019.

No entanto, a China está atrás de outros na importação de produtos africanos não agrícolas ou de mineração, com apenas 16% de todas as importações. Outros parceiros alcançam 40% ou mais. A China também impõe as tarifas mais altas sobre bens de consumo do que qualquer outro parceiro de desenvolvimento.

Finalmente, o reconhecimento das indicações geográficas (IGs) na maioria dos parceiros de desenvolvimento é baixo. No entanto, um quadro está atualmente em discussão entre as recS de África e a UE em relação ao reconhecimento mútuo que poderia aumentar os valores comerciais<sup>168</sup>. A **Figura 25** resume.

**Figura 25: Onde as indicações geográficas africanas estão protegidas?**



### Fluxos de finanças

Em relação à “cooperação para o desenvolvimento” ou assistência externa como uma combinação de doações e empréstimos, de 2013 a 2018, a assistência externa da China à África foi de US \$ 3,0

<sup>168</sup> Ibid.



bilhões, atrás de todos os outros parceiros de desenvolvimento, exceto a França (US \$ 2,6 bilhões). Os EUA tiveram o maior montante (US \$ 10,4 bilhões). No entanto, a assistência externa à África como uma porcentagem do RNB da maioria dos parceiros de desenvolvimento é extremamente baixa. Por exemplo, a ajuda externa da China à África representou apenas 0,01% do seu RNB em 2018, enquanto o Reino Unido representou 0,13%, os EUA 0,05% e a França 0,08%. No entanto, exceto para a China, AOD de parceiros de desenvolvimento medida como uma porcentagem do RNB africano diminuiu ao longo do tempo<sup>169</sup>.

A China é o quinto maior investidor da África. No entanto, projeta-se que os fluxos aumentem e, com base nas tendências atuais, a China pode ser o maior investidor em 2024<sup>170</sup>. Em 2014, os fluxos de IED da China para a África foram maiores do que os dos EUA pela primeira vez, embora ainda estejam atrás do Reino Unido e da França. A China poderia aumentar a proporção da manufatura investida (em vez do setor de mineração e extração), já que isso está um pouco atrás dos EUA e da França. No entanto, os estoques de IED do Reino Unido na indústria são os mais baixos, 1% (contra 43% na mineração e extrativos).

### Fluxo de pessoas

A França é atualmente o país que mais recebe estudantes da África<sup>171</sup>, com a China em segundo lugar. No entanto, em uma base país por país, a China é o principal destino de 24 dos 55 países africanos, com a França em seguida com 21 países. Caso as taxas de crescimento de alunos anteriores se recuperem para os níveis anteriores ao COVID-19, a China poderá superar a França em termos absolutos em alguns anos<sup>172</sup>.

Em contraste, dada a população da China e o número de viajantes a cada ano, a China fica muito atrás no turismo. Não há nenhum país africano para o qual a China seja a principal fonte de turistas - enquanto este é o caso de outros parceiros de desenvolvimento. O número absoluto de turistas chineses está próximo do número de turistas britânicos que entram na África todos os anos - embora menos britânicos viajem para o exterior - e há pelo menos três turistas americanos e dois franceses para cada turista chinês que visita a África.

Finalmente, enquanto os sistemas de migração em outros parceiros de desenvolvimento deixam muito a desejar, a China é classificada globalmente como um dos destinos de imigração mais baixos em termos absolutos e também por população<sup>173</sup>.

### Resumo

Na maioria das métricas - exceto para níveis absolutos de importações e estudantes - levará mais alguns anos e esforços concertados para a China como um parceiro de desenvolvimento para a África para igualar e / ou superar outros. Dito isso, dada a familiaridade em termos de sistemas jurídicos e outros laços financeiros e comerciais - em particular entre o Reino Unido ou a França e os países africanos - este é um progresso impressionante.

## Relação da África versus Ásia com a China

### Fluxos de comércio

As importações de produtos do resto da Ásia para a China são significativamente maiores do que as da África. Além disso, 79% das importações da Ásia concentraram-se em outros setores que não os

<sup>169</sup> <https://www.africaunconstrained.com/options-for-reimagining-africas-debt-system/>, veja gráfico na página 17.

<sup>170</sup> <https://mp.weixin.qq.com/s/eQGhXR5i6KmFuxXPMVej7g>

<sup>171</sup> <https://thepienews.com/news/africa-buoys-french-international-education-as-security-concerns-remain/>

<sup>172</sup> <https://developmentreimagined.com/2020/09/08/where-africans-study-abroad-post-covid19/>

<sup>173</sup> <https://qz.com/1163632/china-still-has-the-smallest-share-of-incoming-migrants-in-the-world/>



agrícolas, petrolíferos e de mineração, enquanto apenas 15% dos produtos da África são setores não agrícolas / extrativos.

No geral, as taxas tarifárias médias impostas sobre bens importados da África são mais altas do que as da Ásia, apesar dos esquemas de isenção de impostos da China para países menos desenvolvidos. No entanto, as tarifas sobre bens de consumo são significativamente mais altas na África (17,39) do que na Ásia (4,29), o que significa que a China tem muito mais probabilidade de importar bens de valor agregado da Ásia do que da África.

### Fluxos de capital

O fluxo anual mais recente de empréstimos concessionais para a África (US \$ 1,47 bilhão) da China é maior do que para a Ásia (US \$ 1,21 bilhão). O fluxo de doações para a África foi cerca de 2,5 vezes maior do que para a Ásia. A assistência externa da China em 2018 foi responsável por 0,13% do RNB da região, contra 0,01% da Ásia.

Em contraste, em 2019, a Ásia recebeu cerca de 81% do total de fluxos de FDI da China, enquanto a África recebeu apenas 2%. Da mesma forma, no final de 2019, os estoques de FDI da China para a Ásia representaram 66% de todo FDI da China, enquanto apenas 2% foram para a África<sup>174</sup>.

Os principais setores de IED da China na Ásia e na África também são muito diferentes. O IED chinês para a África em 2019, por exemplo, estava concentrado na construção (31%), mineração (25%) e manufatura (13%). No entanto, para a Ásia, os estoques de FDI da China em 2019 estavam focados em leasing e serviços comerciais (42%), com manufatura e mineração em 8% e 5%, respectivamente<sup>175</sup>.

### Fluxos de pessoas

China é o maior destino da Ásia para estudantes<sup>176</sup>, com 3,6 vezes o número de alunos da Ásia indo para a China em comparação com a África. Da mesma forma, há mais cidadãos chineses dispostos a viajar para países asiáticos do que para países africanos para turismo. Em 2019, 50 milhões de turistas chineses visitaram países da Ásia, contra apenas 500.000 à África.

### Resumo

A análise acima sugere que a África e o resto da Ásia têm relações significativamente diferentes com a China. O relacionamento da África está mais focado na assistência e no desenvolvimento de "estágio inicial", mesmo quando se trata de comércio e IED, do que uma integração econômica profunda. Parte disso pode ser atribuída à proximidade geográfica, mas também significa a escala de oportunidades na relação África-China, se as políticas certas puderem ser desenvolvidas.

Então, como isso pode acontecer? Compreender as opiniões dos representantes diplomáticos africanos na China é um ponto de partida importante.

<sup>174</sup> Os fluxos de IED para a Ásia também incluem Hong Kong.

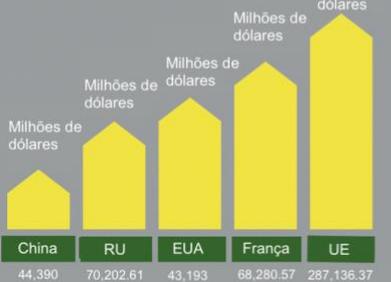
<sup>175</sup> Observe que em 2019 os estoques de IED chinês na Região Administrativa Especial (SAR) de Hong Kong representaram 66% do total de saídas de IED da China, o que pode distorcer o quadro em algum grau.

<sup>176</sup> [http://www.gov.cn/xinwen/2019-06/04/content\\_5397210.htm](http://www.gov.cn/xinwen/2019-06/04/content_5397210.htm)

# Avaliação comparativa

## China como parceiro de desenvolvimento da África

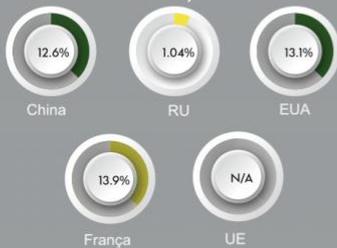
Estoque total de IED da China na África em 2019



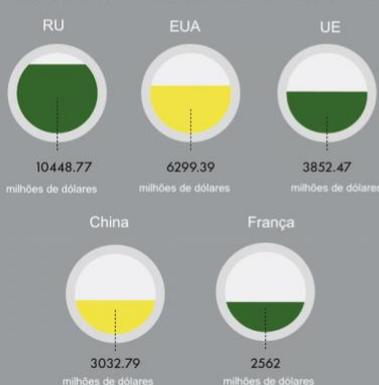
Estoque total de IDE na África 2019



Estoque de IDE na fabricação de 2019 (% por parceiro de desenvolvimento)



Média de assistência externa à África entre 2013-2018



## Cooperação da China com a Ásia em comparação com a África

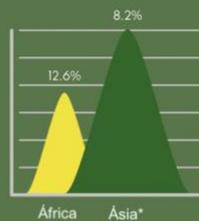
Estoque total de IED para a região como porcentagem de todas as saídas de IED da China em 2019 \*\*



Fluxo anual mais recente de IED da China para a região em 2019\*\*



Porcentagem do IED total da China na indústria em 2019



Porcentagem do IED total da China em mineração / extrativismo em 2019



Proporção média anual da assistência externa total da China entre 2013-2018



Fluxo anual mais recente de empréstimos (apenas concessionais) da China para a região



Fluxo anual de ajuda mais recente (apenas doações) para a região da China



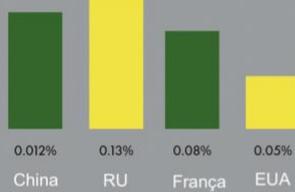
Fluxo anual mais recente de empréstimos + doações para a região como % do RNB da região



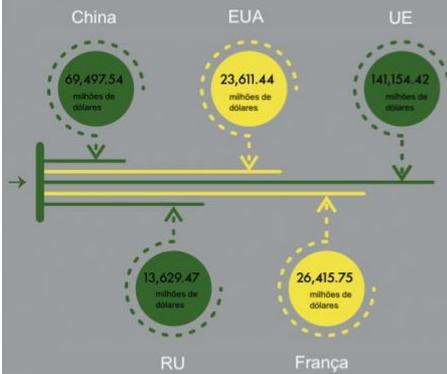
Tarifa média imposta a todos os produtos da África

	China	RU	EUA	França	UE
<b>Matéria prima</b>	10.25	8.93	9.31	11.88	11.05
<b>Bens intermediários</b>	9.76	6.23	7.9	7.45	6.4
<b>Bens de consumo</b>	17.39	14.73	16.84	15.76	14.94
<b>Bens de capital</b>	6.09	5.31	6.32	6.52	5.41

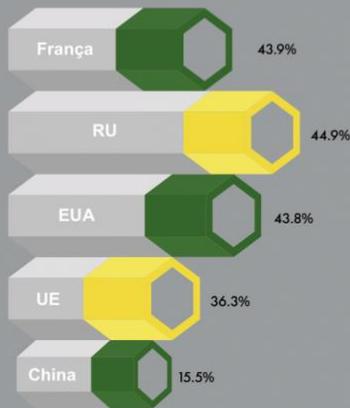
Média de assistência estrangeira (total) para a África entre 2013-2018 como % do DP RNB em 2018



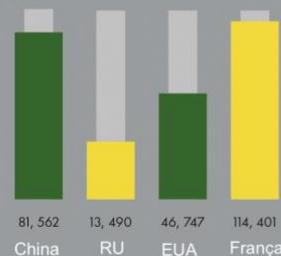
Importações anuais totais mais recentes de produtos africanos para a China



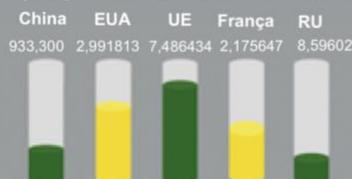
Importação de produtos africanos não agrícolas, não petrolíferos / mineiros (% por parceiro de desenvolvimento)



Número de estudantes africanos em 2018



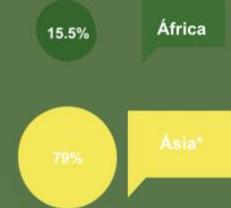
Número de turistas para a África em 2018 por parceiro de desenvolvimento



Importações anuais totais mais recentes de produtos da região para a China em bilhões de dólares



Porcentagem de importação de produtos do setor não agrícola / não petrolífero / mineração da região para a China



Taxa média da tarifa importada pela China sobre todos os produtos da região (tarifa (AHS) simples aplicada)

Resultado	África	Ásia*	Resultado	África	Ásia*
Matéria prima	10.25	4.19	Matéria prima	131	261
Bens intermediários	9.76	3.86	Bens intermediários	288	119
Bens de consumo	17.39	4.29	Bens de consumo	3530	201
Bens de capital	6.09	3.19	Bens de capital	172	49

Número anual mais recente de alunos da região para a China



Número anual mais recente de turistas da China para a região



Notas:

\* Exclui a China. Com base nos dados disponíveis, exclui a Palestina

\*\* Os dados dos fluxos de IED da China para a Ásia incluem Hong Kong (SAR).

\*\*\* Este é o número de tarifas no nível da linha tarifária AHS cujo valor está acima de 3 vezes a tarifa média simples

Número de tarifas domésticas \*\*\* de pico impostas pela China a todos os bens importados da África

	China	RU	EUA	França	UE
Matéria prima	131	38	122	53	441
Bens intermediários	288	57	106	77	617
Bens de consumo	3530	1,225	2,478	956	10,676
Bens de capital	172	48	134	38	422

Observações:

\* UE 27 países

\*\* Instituições da UE

\*\*\* Este é o número de tarifas no nível da linha tarifária AHS cujo valor está acima de 3 vezes a tarifa média simples usando a taxa de câmbio de 2018

## CAPÍTULO 5 - INSIGHTS DE REPRESENTANTES DO GOVERNO AFRICANO NA CHINA

### Chapter Five at a glance

- Os embaixadores e diplomatas africanos na China estão em uma posição única para avaliar o envolvimento China-África
- Os entrevistados acreditam que a China contribuiu e é essencial para contribuir no futuro para os ODS da África.
- Os entrevistados confirmam que há uma relação comercial desequilibrada em termos de produtos e agregação de valor entre os países africanos e a China, mas sugerem que isso mudará, inclusive por meio de mais relações de manufatura e comércio eletrônico (FDI)
- Os entrevistados esperam que seus países se beneficiem de empréstimos maiores e mais bem negociados da China para projetos regionais e maior foco no meio ambiente.
- Os embaixadores prestam muita atenção ao fluxo de pessoas, mas esta tem sido uma área desafiadora até agora.
- A maioria dos entrevistados tem uma estratégia bilateral em relação à China e preparou algumas propostas - principalmente bilaterais - para o FOCAC 2021, mas poucas são públicas.
- A maioria acredita que o envolvimento fortalecido em todo o continente com a China é importante e não afetará as relações com outros parceiros de desenvolvimento.



Os embaixadores e diplomatas africanos na China estão em uma posição única para avaliar o envolvimento China-África e, mais especificamente, os desafios e oportunidades vinculados ao relacionamento. Conforme observado na metodologia, esta seção se baseia no feedback obtido por meio de uma pesquisa estruturada de 60 perguntas com representantes do governo africano na China, bem como entrevistas e discussões com outras pessoas, cobrindo os principais aspectos para estudo, incluindo comércio, finanças e fluxos de pessoas. Um total de sete países participaram da pesquisa, mas os resultados foram anônimos para respeitar as relações diplomáticas.

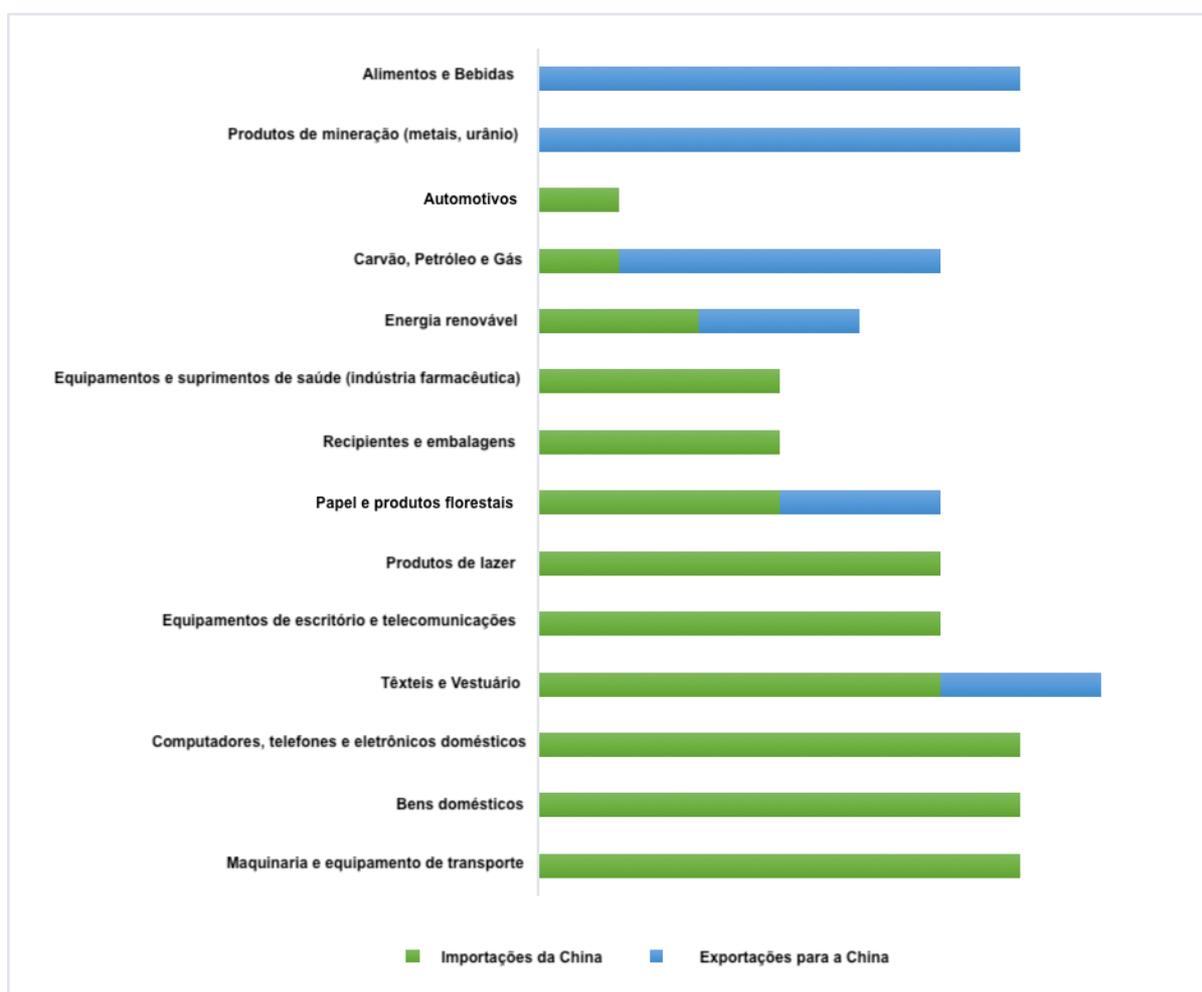
A ressalva com esta abordagem é o viés de seleção potencial, no sentido de que algumas respostas sobre o relacionamento de um país com a China podem ser positivamente correlacionadas com o nível de proatividade que o país tem em seu envolvimento com a China. A causa também é desconhecida.

No entanto, o anonimato ajuda, e o design da pesquisa incluiu uma mistura de perguntas que permitem percepções em uma escala, bem como números absolutos.

## Visão do Embaixador sobre o estado atual da cooperação China-África

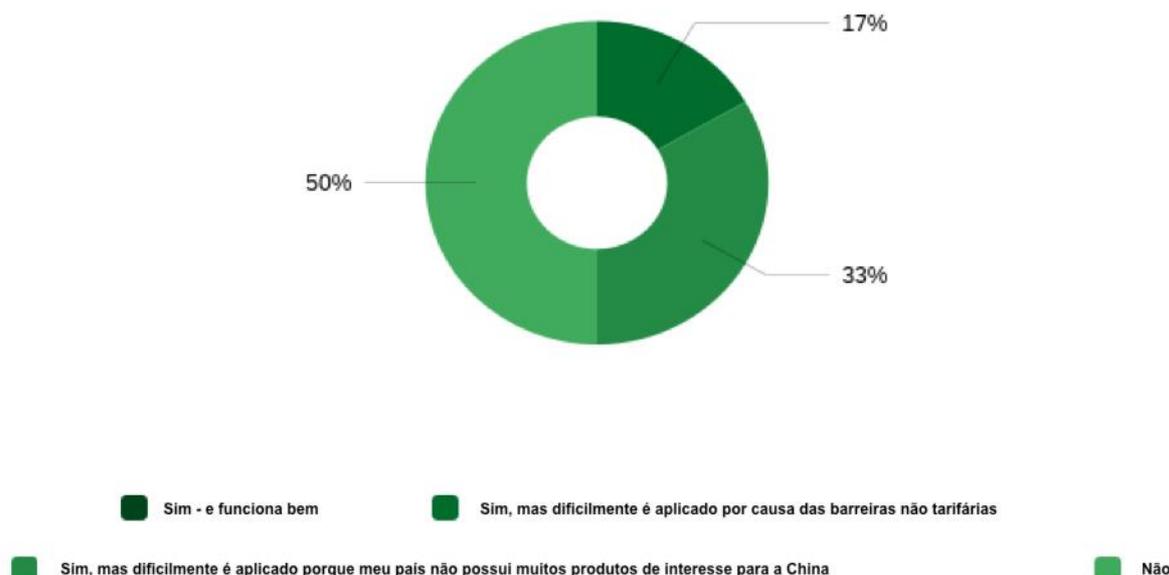
O primeiro resultado importante a observar é que os respondentes da pesquisa confirmaram os dados e análises no Capítulo 2 deste relatório, mas forneceram percepções adicionais exclusivas. Por exemplo, eles confirmaram as relações comerciais desequilibradas em termos de produtos e agregação de valor entre os países africanos e a China, como pode ser visto na Figura 26. Nenhum entrevistado notou quaisquer bens de valor agregado vindos da África para a China. É importante ressaltar que a maioria dos países pesquisados disse que tornará suas informações de estratégia da China públicas.

**Figura 26: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: Quais são os principais setores de bens exportados da China para o seu país e importados do seu país para a China?**



Os entrevistados também confirmaram que, embora a maioria de seus países sejam cobertos pelo regime de isenção de impostos da China (DFQF), isso não os beneficia muito no momento - seja devido a NTBs ou devido à falta de produtos que interessam à China ( Figura 27). Portanto, 75% dos entrevistados querem ou estão em processo de negociação de acordos SPS para desbloquear o comércio agrícola com a China.

**Figura 27: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: Seu país está se beneficiando do Duty-Free Quota Free da China (DFQF?)**



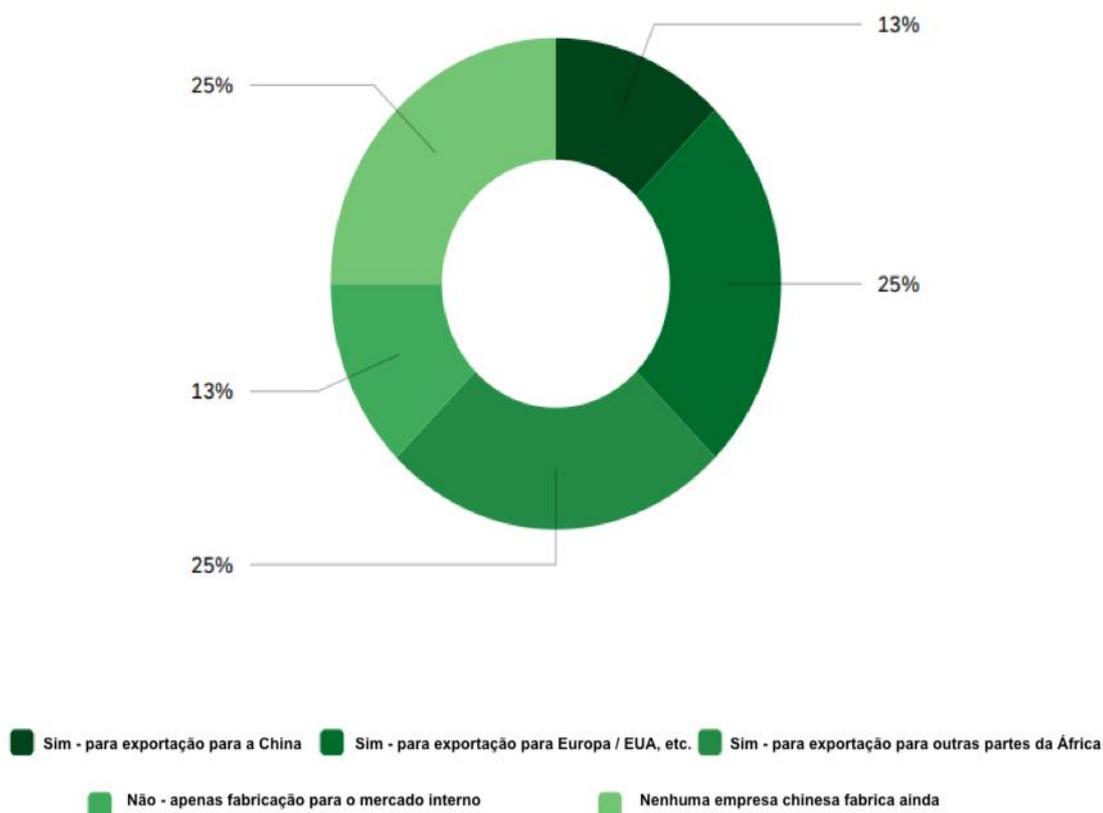
Ligado a isto, no acesso ao mercado, os respondentes sentiram que é mais fácil para os produtos chineses entrarem nos países africanos pesquisados do que para os produtos dos países africanos pesquisados entrarem no mercado chinês. Eles também confirmaram que não há produtos IG reconhecidos na China para seus países. No entanto, a maioria dos países respondeu que tinha ou está negociando BITs com a China, enquanto menos países tinham DTAs em vigor ou em andamento.

Os respondentes também sugeriram que, embora as Zonas Econômicas Especiais (SEZs) operadas pela China pareçam estar funcionando bem em seus países (**Figura 28**), não há empresas chinesas nos países africanos pesquisados que fabricam produtos para exportação para a China. Até agora, eles estão apenas manufaturados para consumo doméstico nos mercados africanos ou para exportação para os EUA / Europa (**Figura 29**).

**Figura 28: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: As zonas econômicas especiais financiadas ou operadas pela China em seu país estão funcionando bem?**



**Figura 29: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: As empresas chinesas fabricam em seu país?**



Por outro lado, menos de um quinto dos países africanos pesquisados atualmente hospedam plataformas de comércio eletrônico chinesas (**Figura 30**).

**Figura 30: Resultados da pesquisa do embaixador africano: as plataformas de comércio eletrônico chinesas estão operando em seu país?**



No que diz respeito às finanças, a maioria indicou que os subsídios da China foram úteis em vários graus para seu crescimento e desenvolvimento (**Figura 31**), embora um terço fosse um tanto ambivalente - isso também pode significar que não receberam (muitos) subsídios. A maioria também indicou que os empréstimos foram úteis, embora alguns discordassem (**Figura 32**).

**Figura 31: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: A ajuda que seu país recebeu da China nos últimos 5 anos teve um impacto significativo na vida das pessoas pobres em seu país?**



**Figura 32: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: A ajuda que seu país recebeu da China nos últimos 5 anos teve um impacto significativo na vida das pessoas pobres em seu país?**



Todos os entrevistados também indicaram que a China havia apoiado seu país de uma forma ou de outra durante a pandemia da COVID-19, inclusive por meio de ajuda - como doações de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), visitas de equipes médicas, doações de vacinas, bem como suspensão de dívidas de montantes de dívida não especificados. É importante ressaltar que, do lado africano, 80% disseram que seu país havia apoiado a China para lidar com a COVID-19, a grande maioria com “apoio diplomático” e um país também oferecendo doações de EPI.

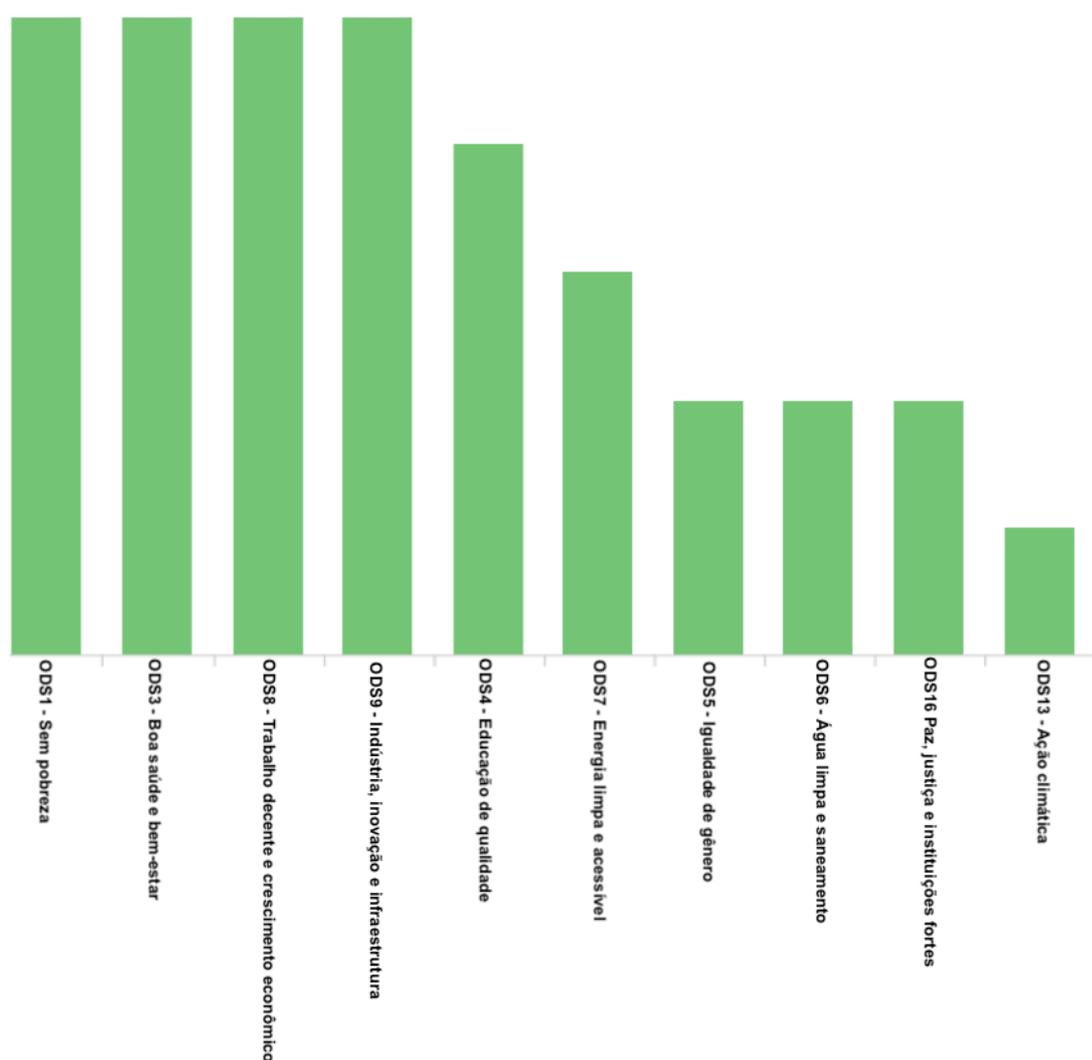
Todos observaram que havia alguns - embora um número limitado (1-5) - de investidores chineses envolvidos em PPPs também no mercado interno. No entanto, apenas um país indicou ter de 6 a 10 empresas de propriedade de africanos operando na China. Todos os outros disseram que não tinham nenhum.

Olhando para o fluxo de pessoas, a pesquisa confirmou o desequilíbrio de mais viajantes da China para a África em relação ao contrário. A maioria dos turistas da China para a África, de acordo com a pesquisa, eram viajantes individuais, seguidos por viajantes de negócios e de luxo.

No entanto, embora os embaixadores acreditem que seus cidadãos na China recebem tratamento igual aos cidadãos chineses na África, a pesquisa também sugere que as regras de imigração na China tornaram mais difícil para os empresários de países africanos trabalharem na China do que para os empresários chineses trabalharem na África. países pesquisados.

No geral, os Embaixadores veem os ODSs para os quais a China contribuiu até agora na África de forma um pouco diferente daqueles avaliados no **Capítulo 3**. Como pode ser visto na **Figura 33**, quatro ODSs (versus dois no Capítulo 3) se destacam - redução da pobreza (ODS1) boa saúde e bem-estar (ODS3) trabalho decente e crescimento econômico (ODS8) e infraestrutura e inovação (ODS9)<sup>177</sup>. Além disso, seis ODSs não são priorizados para a cooperação África-China - Segurança alimentar (ODS2), redução da desigualdade (ODS10) cidades sustentáveis (ODS11), bem como os ODS 12, 14 e 15 que aparecem como desafios potenciais no **Capítulo 3**.

**Figura 33: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: Contribuições da China para ODS na África**

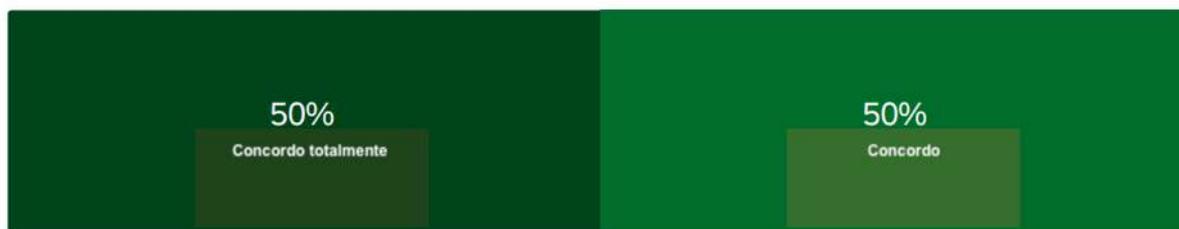


<sup>177</sup> O Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD) descreve os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que foram adotados por todos os Estados-Membros das Nações Unidas em 2015 como um apelo universal à ação para erradicar a pobreza, proteger o planeta e garantir que todas as pessoas desfrutem de paz e prosperidade em 2030. (veja <https://www.africa.undp.org/content/rba/en/home/sustainable-development-goals.html>)

## Expectativas de oportunidades e desafios do relacionamento

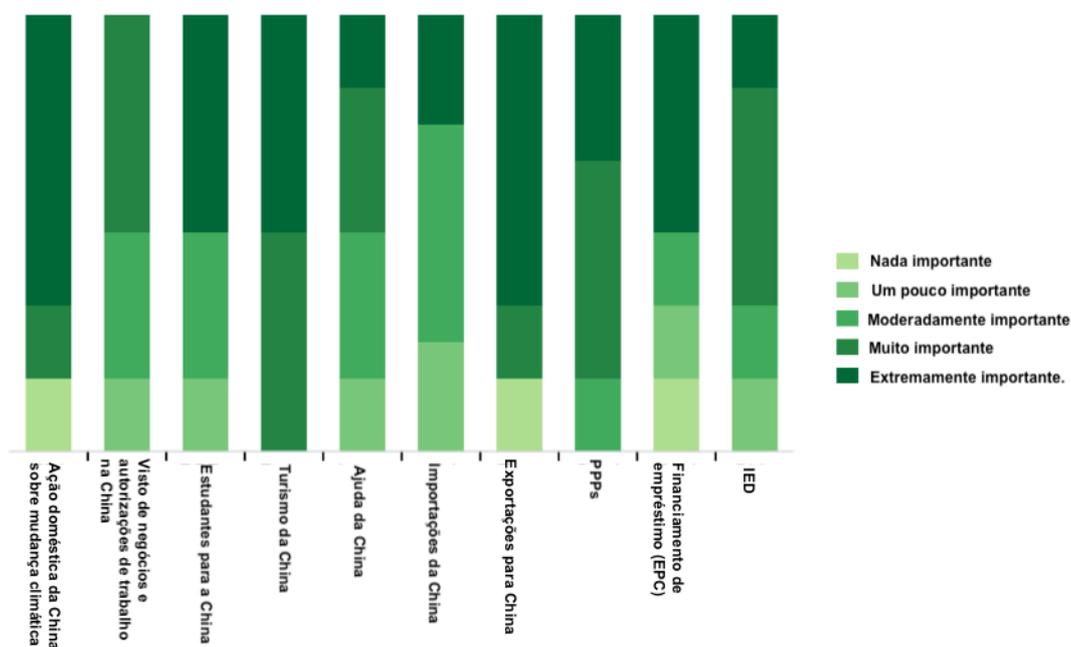
Conforme mostrado na **Figura 34**, todos os Embaixadores entrevistados acreditam inequivocamente que a cooperação futura com a China é crucial para cumprir os ODS em seus países.

**Figura 34: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: A cooperação com a China é importante para como seu país cumpre os ODSs?**



Além disso, em termos de priorização de questões para cooperação futura (Figura 35), os entrevistados indicaram que as exportações para a China são fundamentais para se concentrar, seguidas da atração de IED, a gestão de estudantes africanos na China e o aumento do turismo. Curiosamente, a negociação de PPPs futuras parece ser mais importante para os Embaixadores do que a negociação de empréstimos futuros (na forma de contratos de Aquisição de Engenharia, Construção) e ajuda. Gerenciar negócios e autorizações de trabalho na China e acompanhar as ações domésticas da China sobre as mudanças climáticas parecem ser prioridades inferiores ou áreas em que sua influência é limitada.

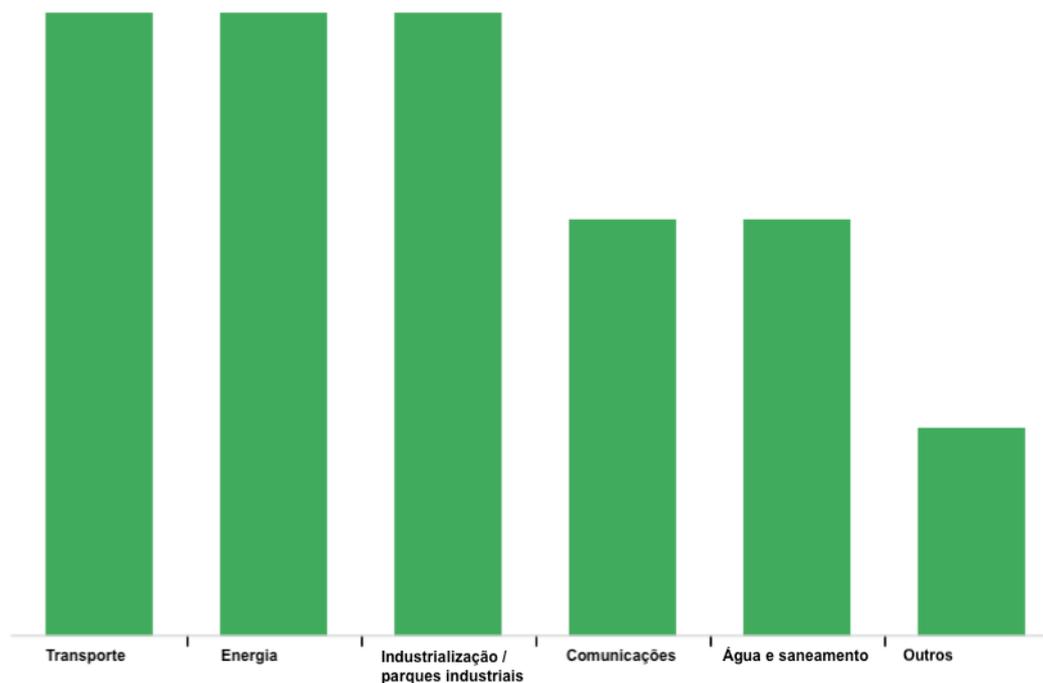
**Figura 35: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: Áreas de cooperação que são importantes para o desenvolvimento sustentável dos Países da África**



Os setores em que os embaixadores africanos julgam que seus países precisam de mais apoio financeiro são mostrados na **Figura 36**. A maioria está relacionada à infraestrutura. Mais de 80% dos

entrevistados também deixaram claro que seu país se beneficiará com o aumento dos empréstimos da China para projetos regionais. A maioria dos países também quer ver mais investidores chineses envolvidos em PPPs.

**Figura 36: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: Setores em que os países africanos precisam de financiamento da China**



Os embaixadores também têm expectativas claras para o futuro em certas questões, especialmente comércio e IED. Mais de 80% esperam que a manufatura chinesa aumente em seus países e esperam que, nos próximos cinco anos, as empresas chinesas façam produtos em seus países para exportação para a China. Todos esperam que o investimento das empresas chinesas de comércio eletrônico em seus países aumente nos próximos três anos.

Porém, em relação aos desafios, quatro áreas se destacam na pesquisa.

Em primeiro lugar, todos os embaixadores acreditam que deve haver mais foco nas questões ambientais quando se trata de seu envolvimento com a China (**Figura 37**).

**Figura 37: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: Deve haver mais foco em questões ambientais no envolvimento do seu país com a China?**



Em segundo lugar, mais de 80% dos entrevistados sentiram que há uma necessidade de os países africanos negociarem melhor os termos e condições dos empréstimos chineses (**Figura 38**).

**Figura 38: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: Seu país precisa negociar melhor os termos e condições dos empréstimos com a China?**



Terceiro, os resultados da pesquisa também sugeriram a percepção de que deveria haver mais estudantes dos países africanos pesquisados buscando estudos na China e mais turistas chineses visitando os países africanos, refletindo suas prioridades acima.

Quarto, a única área em que os embaixadores não têm certeza sobre a direção futura do relacionamento são os empréstimos. Um número igual de entrevistados espera que os empréstimos reduzam à medida que aumentam (**Figura 39**).

**Figura 39: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: Você espera que os empréstimos da China diminuam nos próximos três anos?**

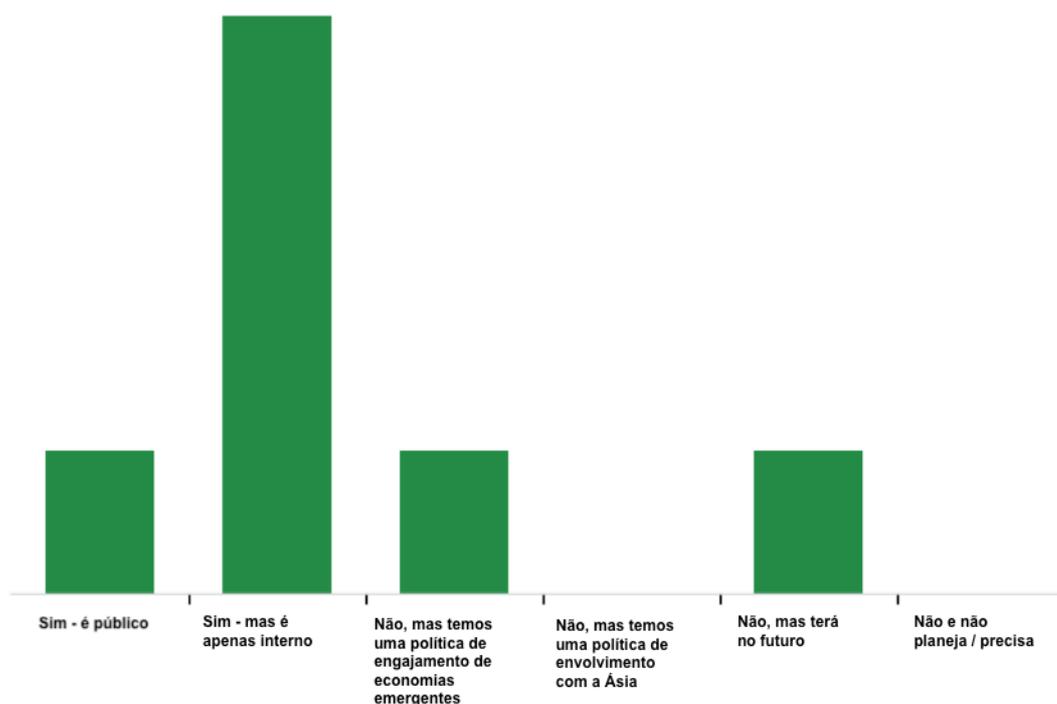


## Insights sobre os processos de envolvimento com a China

O terceiro resultado principal da pesquisa está relacionado ao processo de engajamento com a China e à realidade de alcançar as oportunidades e enfrentar os desafios descritos acima.

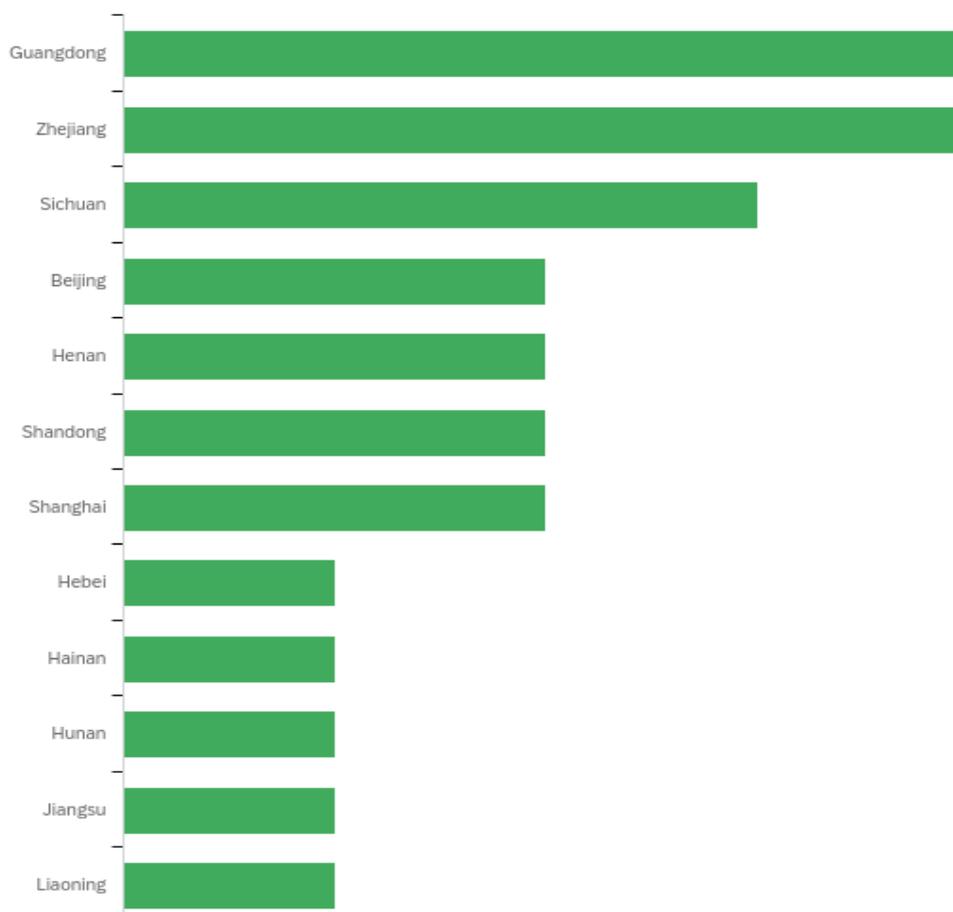
Conforme observado na introdução, quase todos os países africanos com relações diplomáticas com a China têm um embaixador na China. Além disso, todos os países respondentes disseram ter uma estratégia específica para a China - incluindo ter uma equipe ou mesa dedicada em suas capitais com foco na China ou uma estratégia ampla em economias emergentes (**Figura 40**). Apenas 17% disseram não ter uma estratégia ou mesa. No entanto, a maioria disse que sua estratégia para a China não é pública, embora a maioria também acredite, por exemplo, que a transparência dos empréstimos chineses é importante para os cidadãos.

**Figura 40: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: Estratégia nacional dos países africanos na China**



A maioria dos países pesquisados (80%) também têm províncias que consideram prioritárias nas suas relações com a China (**Figura 41**). Das 31 divisões de nível provincial da China continental, apenas 11 foram identificadas pelos entrevistados como tendo compromissos com países africanos. A maioria prioriza Guangdong e Zhejiang - as províncias mais orientadas para o comércio na China, e onde dados anedóticos sugerem que vivem as maiores comunidades africanas.

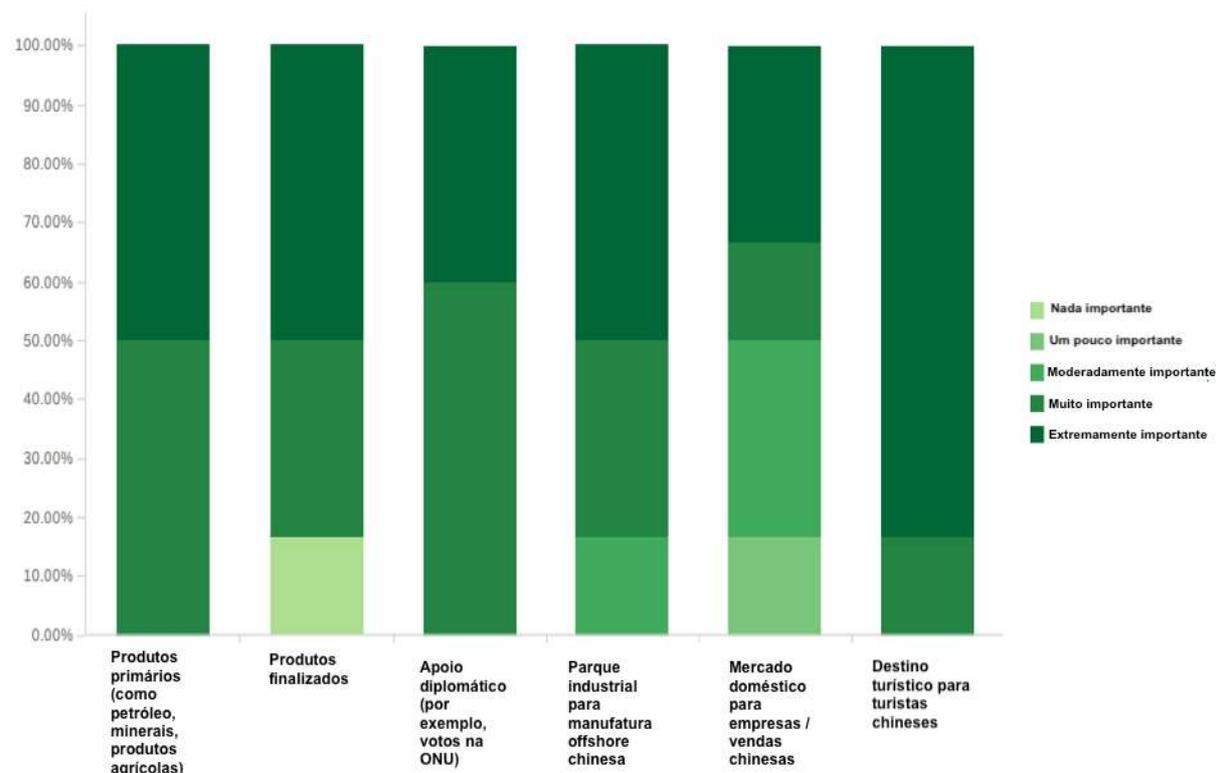
**Figura 41: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: Províncias chinesas prioritárias para cooperação**



A pesquisa também forneceu evidências de que os embaixadores africanos são proativos ao considerar o que seu país oferece à China. As principais áreas são mostradas na **Figura 42**, incluindo produtos primários, parques industriais para manufatura chinesa offshore, bem como seus mercados domésticos para produtos acabados chineses. Produtos acabados (com valor agregado) da África à China são considerados os menos importantes, indicando a situação das relações comerciais.

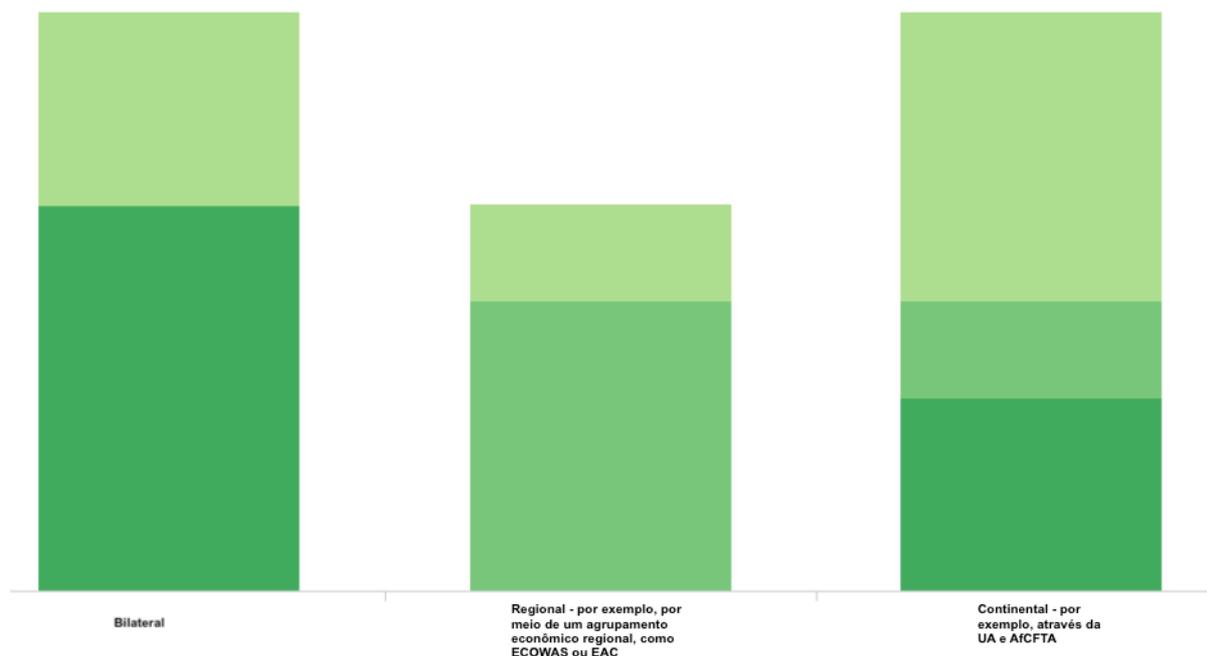


**Figura 42: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: O que os países africanos podem oferecer à China**



No entanto, existem diferentes pontos de vista sobre a importância do envolvimento continental e regional para o sucesso dos países africanos nas negociações com a China. Em um nível mais amplo, os entrevistados expressaram uma preferência clara pela cooperação bilateral, seguida pela cooperação em todo o continente (**Figura 43**).

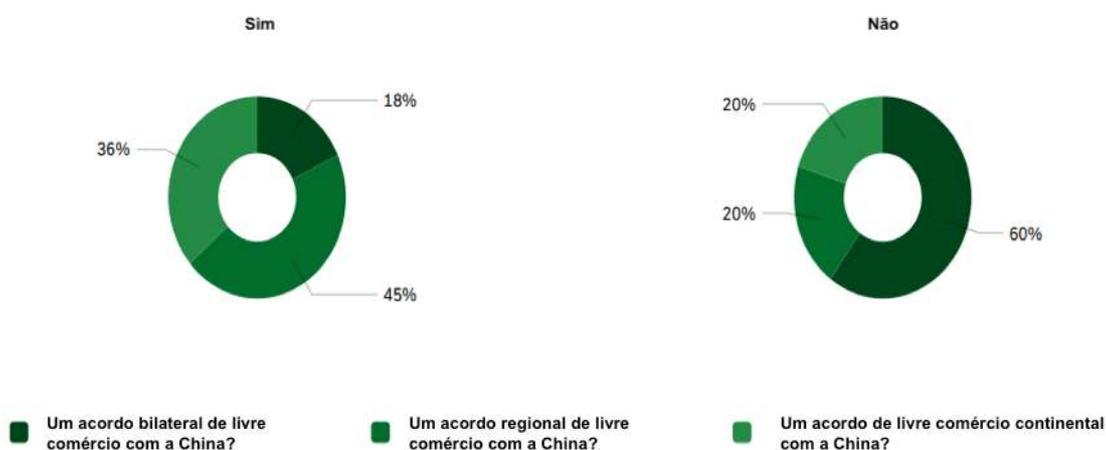
**Figura 43: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: Cooperação preferida com a China (verde escuro = mais preferencial)**



No entanto, isso pode depender do problema.

Por exemplo, para tratados de investimento, a maioria dos países prefere uma abordagem regional, enquanto para acordos de dupla tributação a maioria prefere uma abordagem bilateral. Para um acordo de livre comércio, a maioria evitaria uma abordagem continental (Figura 44). O Capítulo 6 desenvolve esta questão específica.

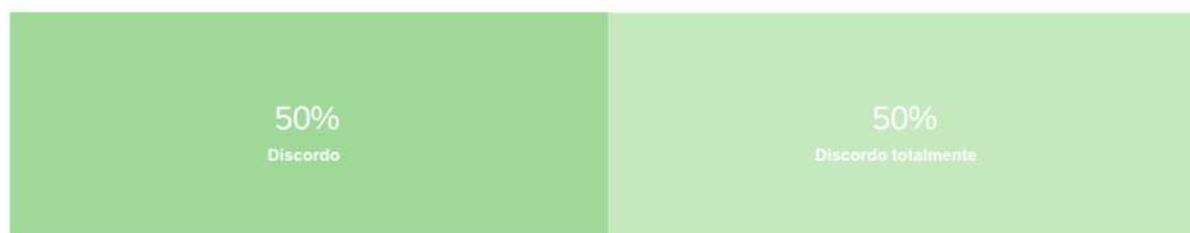
**Figura 44: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: Que tipo de acordo de livre comércio com a China seu país prefere negociar?**



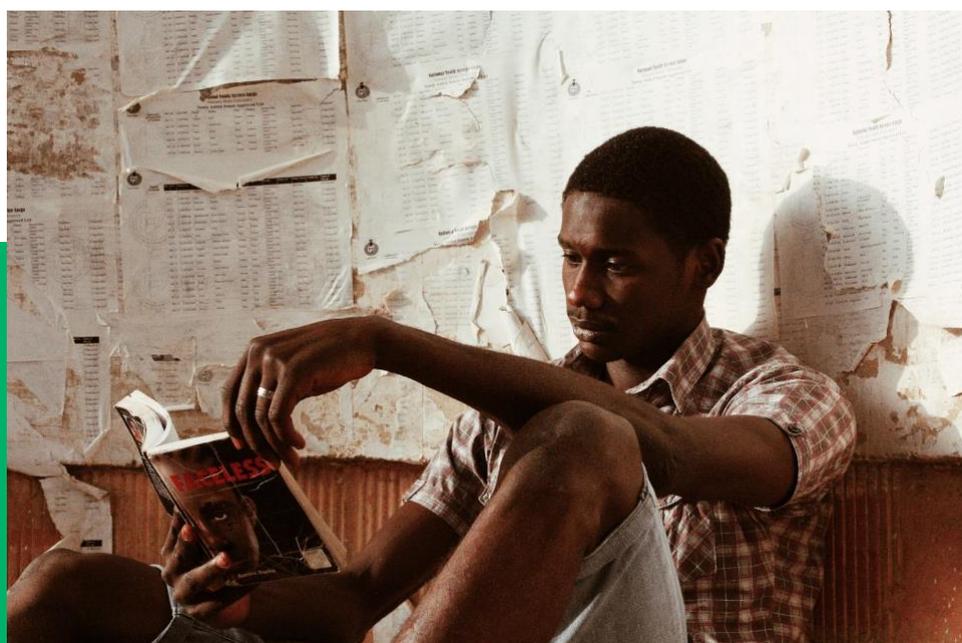
Além disso, no que se refere ao FOCAC 2021, 57% dos países pesquisados elaboraram propostas de cooperação com a China. Destes, um número igual tinha propostas bilaterais e regionais, e apenas 14% tinham propostas para todo o continente.

Uma área final de interesse para a pesquisa foi se os embaixadores veem a relação de seu país com a China em comparação com sua relação com outros parceiros de desenvolvimento. A resposta foi muito clara - nem todos esperavam concorrência (**Figura 45**).

**Figura 45: Resultados da Pesquisa do Embaixador Africano: Nos próximos três anos, você espera que a relação do seu país com outros parceiros de desenvolvimento em relação à China se deteriore?**



No geral, os Embaixadores, em sua posição única, juntamente com a análise anterior fornecem uma base para recomendações estratégicas, que agora abordaremos no **Capítulo 6**.



## CAPÍTULO 6 - RECOMENDAÇÕES ESTRATÉGICAS PARA A CAPTURA DA OPORTUNIDADE DA CHINA

### Chapter Six at a glance

- Dois conjuntos de recomendações podem ser feitos em termos de uma estratégia África-China - recomendações substantivas e baseadas em processos.
- Substancialmente, uma estratégia africana para envolvimento com a China deve incluir os seguintes aspectos-chave:
- Em primeiro lugar, no comércio, o foco para as economias africanas deve ser expandir e diversificar as exportações para a China, usando o comércio eletrônico e incluindo o incentivo e a proteção de marcas e produtos de valor agregado - incluindo minerais e produtos agrícolas. Além disso, com base na modelagem da gravidade, um acordo preferencial com base no setor continental com a China poderia ser útil. Tudo isso poderia contribuir para BIAT, AMV, AIDA e CAADP.
- Em segundo lugar, quanto aos fluxos financeiros, os países africanos devem procurar mais empréstimos concessionais, incluindo para um crescimento verde e resiliente, e um enfoque transfronteiriço mais forte, incluindo infraestruturas digitais, para contribuir para o PIDA e AIDA, em particular. Os países africanos também devem buscar mais IED da China, direcionados à fabricação / agregação de valor para contribuir com os objetivos da AIDA e AMV.
- Terceiro, os fluxos de pessoas são fundamentais para as relações econômicas - não apenas as trocas culturais. Os países africanos devem buscar mais ativamente turistas de lazer e negócios da China para diversificar a dependência econômica, enquanto substituem os trabalhadores chineses em projetos por empregos locais. Os investimentos em capital humano da China devem continuar a aumentar, vinculados ao STISA, e os processos de imigração de longo prazo abertos e totalmente recíprocos devem ser o objetivo final.
- Em termos de processo, os países africanos devem institucionalizar o processo de envolvimento chinês, através da UA em particular, incluindo para agilizar os compromissos provinciais.
- É também necessário aumentar a coordenação do envolvimento africano com a China em áreas específicas - como uma melhor coordenação dos termos e condições dos empréstimos, incluindo RBLs, desenvolvimento de minerais, estratégias de acesso ao mercado, IED e planos de atração turística.
- Finalmente, publicar e discutir estratégias da China como esta em público será crucial para garantir que os cidadãos africanos compreendam as razões para o envolvimento com a China.

Com base nos três tipos de análise fornecidos até agora - pesquisa documental, benchmarking e a pesquisa - este capítulo agora resume as oportunidades estratégicas futuras oferecidas pela China para a África e discute as estruturas políticas para aproveitar essas oportunidades. Propõe como os atores em África trabalham para permitir que os países africanos colham os benefícios desta relação de uma forma que acelera o progresso para a Agenda 2063 e a realização dos ODS da ONU.

Adotamos uma abordagem dupla em nossas recomendações.

Em primeiro lugar, as recomendações abordam os desafios substantivos em relação ao comércio, finanças e fluxos de pessoas para garantir que a relação África-China alcance o maior impacto em termos de redução da pobreza e desenvolvimento sustentável nos próximos anos. Essas recomendações estão focadas no que pode / deve ser negociado com a China a curto e médio prazo.

Em segundo lugar, e com base no interesse específico expresso no **Capítulo 5** para a cooperação em todo o continente com a China, as recomendações abordam as etapas relacionadas com o processo que os próprios países africanos devem tomar dentro das instituições africanas, incluindo no que diz respeito aos processos do FOCAC e da UA.

## Recomendações estratégicas substantivas

### 1. COMÉRCIO

Quando se trata de comércio, com base nas evidências coletadas neste relatório, as seis recomendações estratégicas a seguir se destacam:

**1.1. O foco na política comercial com a China deve ser expandir e diversificar as exportações da África para a China, com foco em produtos e marcas de valor agregado.**

Quer seja analisado a nível bilateral, regional ou continental, o comércio africano com a China é elevado - mas altamente concentrado em produtos primários. O mercado chinês tem alto potencial para contribuir para o desenvolvimento da África como fonte de demanda de bens, mas o baixo valor agregado pelos países africanos pode deteriorar ainda mais a balança comercial. Além disso, a maioria dos países da África está procurando se industrializar. Embora os embaixadores e outros especialistas sugiram que não é necessário restringir o comércio de alto valor que vem da China, os governos africanos devem, no entanto, encorajar a China a fornecer um ambiente de política comercial que priorize as importações africanas de valor agregado - incluindo a remoção imediata de tarifas sobre bens de consumo de todos os países africanos. Este tratamento comum também estará de acordo com o AfCFTA.

**1.2. O foco da política agrícola e de segurança alimentar com a China deve mudar de foco (apenas) na capacitação na África para (também) remover as barreiras à entrada no mercado de produtos agrícolas da África na China. Um meio poderia ser estender os acordos SPS existentes e futuros para produtos agrícolas frescos regionalmente (e eventualmente continental).**



A maioria das economias africanas baseia-se na agricultura, especialmente no que diz respeito ao emprego. A criação de novos mercados confiáveis para produtos agrícolas pode ser um meio fundamental para garantir a segurança alimentar na África e, portanto, contribuir para a geração de renda do CAADP para os agricultores. Embora geralmente certas medidas não tarifárias sejam necessárias para a proteção da vida animal, vegetal e humana, a experiência até agora sugere que as negociações SPS com a China geralmente levam anos que as economias africanas não podem pagar. Estes atuam como barreiras não tarifárias e explicam, em certa medida, a baixa utilização das taxas de DFQF por países de baixa renda. Onde acordos já foram feitos com um país africano, e a fim de permitir e aumentar o comércio regional e centros sob o AfCFTA, as economias africanas podem considerar solicitar à China que permita a esse país trazer produtos frescos do REC ao qual pertence e, em seguida, exportar para a China, até que os demais países tenham concluído suas próprias avaliações. Isto deve-se ao facto de as próprias CERs já possuírem padrões como o SPS regional. Esta abordagem também garante cadeias de abastecimento estáveis e incentiva a criação de cadeias de valor regionais. Esse acesso ao mercado poderia estar ao lado de intervenções para desenvolver a capacidade de agricultores / processadores na África.

**1.3. Elaborar e negociar com a China uma proteção robusta em todo o continente de Indicações Geográficas (IG), a fim de agregar mais valor aos produtos africanos na China.**

Nem o algodão egípcio, nem os vinhos sul-africanos ou rooibos são reconhecidos na China como produtos especiais geograficamente distintos. Esta é uma oportunidade perdida de garantir valor e proteção de propriedade intelectual para os produtos africanos que entram na China. Deve ser elaborada uma lista abrangente de produtos potenciais para protecção, e tal acordo pode ser facilitado pelas CERs, o Secretariado do AfCFTA ou departamentos relevantes da UA. Além disso, as negociações em andamento sobre o Protocolo de Propriedade Intelectual (PI) devem chegar a um sistema sui generis de proteção de IG, que é regido tanto pelo Acordo sobre Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual Relacionados ao Comércio da OMC (TRIPS), mas também pelo Acordo de Bangui. Esta é uma das maneiras mais seguras de garantir que os produtos IG de países africanos sejam protegidos e, portanto, valorizados na China.

**1.4. Buscar e canalizar apoio para utilizar acordos comerciais existentes, como DFQF**

A maioria dos países africanos tem acesso DFQF à China para 97% dos seus produtos, uma vez que são PMDs. No entanto, as taxas são notoriamente subutilizadas, não apenas por causa do SPS e outras barreiras não tarifárias. Como uma ferramenta para acesso preferencial ao mercado, os países africanos devem procurar utilizar ou projetar acordos de capacitação relacionados à entrada no mercado específico da China no mecanismo de Tratamento Especial e Diferencial (SDT) da OMC, bem como buscar apoio de outras organizações internacionais para investir na seus produtos são mais competitivos no mercado chinês, inclusive subsidiando a logística e a entrada no mercado de comércio eletrônico, se necessário. O suporte chinês para a conscientização do mercado, marketing e branding na China também pode ser útil.

**1.5. Um ALC continental com a China pode ser uma meta de longo prazo, no entanto, um esquema preferencial continental para certos setores pode ter um alto impacto positivo nas balanças comerciais**

A modelagem (ver **Quadro 7** abaixo) sugere que o impacto do comércio da China na África varia de acordo com o país, portanto, um acordo comercial de tamanho único pode ser difícil de negociar e implementar para os países africanos. Além disso, as tendências no **Capítulo 2** e as percepções da pesquisa no **Capítulo 5** implicam em um ALC completo com os riscos da



China, permitindo que produtos mais baratos entrem nos países africanos em um ponto em que o continente está tentando se industrializar, e também poderia atuar como um desincentivo para a manufatura chinesa e outras. IED para entrar na África (veja a próxima seção). Desta forma, pode não estar de acordo com BIAT. No entanto, em contraste, os acordos comerciais preferenciais que são bilaterais e / ou selecionam apenas alguns países africanos - como o AGOA - podem não estar em conformidade com as metas e objetivos do AfCFTA, que trata todos os países africanos de forma igual.

Conforme explicado no Capítulo 4, os setores de recursos naturais para todos os países africanos - qualquer que seja o nível ou categoria de renda - já se beneficiam de tarifas zero ao entrar na China. Este conceito poderia ser usado como precedente para estender a abertura de tarifas zero para determinados setores prioritários para exportação para a China. Isso pode incluir, por exemplo, eletrônicos leves, baterias, fabricação de veículos e utensílios domésticos, produtos agrícolas não sensíveis, cosméticos, têxteis e vestuário, e assim por diante. As CERs, o secretariado do AfCFTA ou departamentos relevantes da UA podem propor uma lista de tais sectores para consideração pela China. Isso também sinalizaria aos investidores da China que a China leva a sério o incentivo à realocação de certas indústrias na África. A lista pode ser revisada a cada 3 a 5 anos.

### Quadro 7: Modelling the pros and cons of a China-Africa FTA

Uma das estruturas de relações comerciais populares que tem validade é a criação de um ALC entre a África e a China ou quaisquer outros parceiros comerciais. Os prós e os contras de um ALC entre a China e a África podem ser verificados usando um modelo de gravidade, com base em dados de comércio país por país dos últimos 20 anos. A modelagem revela o seguinte:

- O comércio da África com a China é afetado positivamente pelo PIB dos países africanos e pelo PIB da China, no entanto, esses efeitos variam por país. Por exemplo, um aumento de 1% no PIB da China leva as exportações africanas médias a um aumento de 0,67%. No entanto, para o Egito, quando seu PIB aumenta em 1%, suas exportações para a China aumentam em 0,82%, para Gana, as exportações aumentarão em 1,43% e Zâmbia em 1,59%.
- Há um grande potencial de mercado para as exportações da África para a China, no entanto, esse potencial não se traduz em comércio real, quando se compara as magnitudes das elasticidades entre 'comércio real devido a mudanças na renda' versus 'população' (uma representação do tamanho do mercado) . Por exemplo, com um aumento de 1% no crescimento da população da China, apenas alguns países registram crescimento das exportações - Egito, Gana, Mauritânia, Moçambique, Namíbia e Zâmbia. Isso pode ser devido a barreiras de mercado para os outros países, especialmente para setores não extrativos.
- O investimento de IED da China na África parece ter pouco ou nenhum impacto no desenvolvimento do setor de exportação de produtos para a China, baixas porcentagens atuais de IED na indústria.
- A maioria dos países africanos tendem a desviar as exportações da China para o consumo interno quando suas populações (ou tamanhos de mercado) aumentam.

Embora a modelagem com base em dados anteriores não preveja necessariamente o futuro, o que a modelagem mostra é que o impacto de um FTA pode variar significativamente por país, e o domínio do setor extrativo (e as próprias exportações da China para a África) pode ser exacerbado ainda mais. Isso aponta para a necessidade de revisar outros tipos de acordos comerciais que permitem uma gestão e direcionamento mais cuidadosos.

#### 1.6. Trabalhar com a China para construir um ecossistema de infraestrutura de e-commerce para exportações para a China complementado por política comercial

A análise no **Capítulo 2** e os resultados da pesquisa no **Capítulo 5** confirmam que a maioria dos países africanos não tem links para plataformas de comércio eletrônico chinesas. No entanto, em linha com STISA e BIAT, o comércio digital deve aumentar à medida que os governos investem em infraestrutura digital, especialmente na esteira do COVID-19. A China tem algumas das maiores empresas de comércio eletrônico do mundo, como Alibaba ou Tencent. Por exemplo, em 2019, a economia digital da China respondeu por 36% do PIB, com uma taxa de crescimento três vezes maior que a economia manufatureira tradicional. No entanto, se não for bem administrado, existe o risco de que o envolvimento com empresas chinesas de comércio eletrônico não leve ao aumento das exportações da África para a China, mas ao contrário, piorando os déficits comerciais. Esse risco é exacerbado pelo fato de que os bens de consumo da África atualmente atraem tarifas mais altas do que os bens de consumo do resto da Ásia (ver **Capítulo 4**). Um meio de evitar isso poderia ser, portanto, explorar acordos pelos quais os produtos que entram na China vindos da África por meio de plataformas de comércio eletrônico chinesas recebam tarifas preferenciais ou zero.

**Juntas, essas seis recomendações para a estratégia da África para o comércio com a China apoiariam:**

- Os quadros BIAT, STISA e CAADP da Agenda 2063
- ODS1 (sem pobreza), ODS 8 (trabalho decente e crescimento econômico), ODS 9 (indústria, inovação e infraestrutura), ODS 10 (desigualdades reduzidas e ODS 17 (parceria).

## 2. FINANÇAS

Quando se trata de finanças, com base nas evidências coletadas neste relatório, as seguintes oito recomendações estratégicas principais se destacam:

### 2.1. Incentivar um enfoque da China no aumento de empréstimos concessionais no curto prazo, com vista a mudar para formas comerciais e outras, como PPPs, no médio prazo.

Conforme explicado no **Capítulo 4**, a Agenda 2063 da UA dá ênfase ao desenvolvimento de infraestruturas como uma das melhores formas de alcançar o potencial de crescimento de África, em particular através do PIDA. Uma vez que os investimentos em infraestrutura, especialmente transfronteiriços, tendem a cair na categoria de bens públicos, é improvável que possam ser lucrativos ou gerar retornos econômicos dentro da economia rapidamente. Portanto, os países africanos continuarão a exigir empréstimos concessionais, pelo menos no curto a médio prazo.

No entanto, embora os países africanos estejam enfrentando pressão para evitar assumir novas dívidas - inclusive da China, essas preocupações são contestadas em uma base histórica, enquanto os cálculos não levam em consideração os ativos criados pela dívida.

A chave não é evitar dívidas em si, mas evitar dívidas com juros altos, garantindo resultados produtivos e de qualidade. Assim, a experiência e a parceria da China até agora nesta área devem continuar e contribuirão para o PIDA. O fato de os Embaixadores não terem certeza se os empréstimos chineses irão aumentar ou diminuir (**Capítulo 5**) implica a certeza de um aumento é um enfoque de curto prazo necessário, com vista a eventualmente mudar para empréstimos comerciais e / ou PPPs.



## 2.2. Encorajar um maior enfoque dos empréstimos concessionais chineses em infraestruturas transfronteiriças, numa gama mais ampla de setores do que até à data, ligados ao PIDA e outras prioridades da Agenda 2063 da UA

O **Capítulo 5** sugere que os empréstimos para infraestrutura da China têm sido úteis. Os projetos de infraestrutura transfronteiriços também são uma prioridade agora devido ao AfCFTA. O **Capítulo 3** sugere, no entanto, que até o momento, o envolvimento da China em infraestrutura tem sido mais nacional do que internacional. Além disso, o foco tem sido mais no transporte do que na energia, por exemplo. Seguindo em frente, os países africanos podem fazer mais para se coordenar regionalmente para propor projetos, incluindo a utilização da estrutura do PIDA com a China. Outros projetos importantes de infraestrutura transfronteiriça para encorajar o apoio mais forte da China incluem a Rede Integrada de Alta Velocidade, a implementação da Grande Barragem de Inga e o estabelecimento de um Mercado Único de Transporte Aéreo Africano. CERs específicos também têm prioridades. O Plano de Desenvolvimento de Infraestruturas Regionais da SADC (RIDP) inclui o Plano do Setor de Energia (ESP)<sup>178</sup>; A ECOWAS tem o Plano Diretor Ferroviário da África Ocidental e o Plano de Ação de Transporte Aéreo <sup>179</sup> e a EAC também tem um plano de Sistemas de Transporte.

## 2.3. Incentivar a China a aumentar os empréstimos concessionais à África para infraestrutura digital

Os investimentos em infraestrutura digital formidável não são necessários apenas para melhorar o comércio no âmbito do AfCFTA (por exemplo, via e-commerce), mas também como meio de criar empregos e aumentar a educação e a saúde. Atualmente, os países africanos gastam cerca de 1,1% do PIB em investimento digital, enquanto as economias avançadas gastam em média 3,2%. Conforme explicado no **Capítulo 4**, a China se engajou até certo ponto no STISA, mas isso pode ser aprofundado vinculando-se ao PIDA e ao BIAT. Para a África, esses investimentos são uma chance de se beneficiar da transferência de tecnologia e de acessar o mercado da China por meio do comércio eletrônico.

## 2.4. Incentivar a China a apoiar mecanismos multilaterais nos interesses de África

Os países africanos precisam de investimento público global<sup>180</sup> para bens públicos globais - além do que a China pode fornecer diretamente. Incentivar a China, incluindo na ONU, FMI e Banco Mundial, onde a voz da China é significativa, a apoiar os países africanos na obtenção de financiamento suficiente para o investimento público global, por exemplo, através da realocação de Direitos de Saque Especiais (SDR) ou reformas na arquitetura financeira para evitar condicionalidade e ajuste da análise de sustentabilidade da dívida e muito mais.

## 2.5. Incentivar a China a simplificar e direcionar a ajuda para as principais áreas de bens públicos - como saúde, meio ambiente e investimento em capital humano

A análise do **Capítulo 4** demonstra que o subsídio de ajuda da China é inferior ao de outros parceiros de desenvolvimento, portanto, para ter o maior impacto, deve ser altamente direcionado. A análise no **Capítulo 3** sugere que muitos mecanismos de ajuda que a China implementou para a África são difíceis de rastrear, não visam necessariamente os principais desafios africanos e podem não ser os instrumentos adequados para o fazer. Portanto, propor um estreitamento da ajuda chinesa a áreas específicas relacionadas ao bem público, como saúde, metas ambientais (especialmente adaptação e impactos da mineração / pesca em pequena escala) e investimento em capital humano (educação - conforme STISA), pode

<sup>178</sup> [https://www.sadc.int/documents-publications/show/Regional\\_Infrastructure\\_Development\\_Master\\_Plan\\_Energy\\_Sector\\_Plan.pdf](https://www.sadc.int/documents-publications/show/Regional_Infrastructure_Development_Master_Plan_Energy_Sector_Plan.pdf)

<sup>179</sup> <https://www.ecowas.int/ecowas-sectors/infrastructure/>

<sup>180</sup> Veja: <https://globalpublicinvestment.org>

complementar outras ações, inclusive para a resposta COVID-19 pode ajudar a agilizar e garantir resultados mais sólidos deste suporte.

## 2.6. Incentivar a China a criar ou estender a flexibilidade de instrumentos para mitigar os riscos do setor privado e permitir mais IED para a África

O investimento da China nos mercados africanos pode estimular e revitalizar a economia do continente, e as evidências no **Capítulo 2** sugerem que o IED chinês fornece empregos significativos. Isso também ajudará os países africanos a mitigar e desafiar outros riscos externos, como ser rebaixado por agências de classificação de crédito e o chamado “Prêmio de Risco de África”<sup>181</sup>. No entanto, se a África deve se tornar um centro de manufatura conforme previsto pela AIDA, a escala do IED da China para a África precisa aumentar rapidamente, além de algumas economias selecionadas. Tendo pouca experiência nos mercados africanos, o governo chinês deve ser encorajado a fornecer mais incentivos aos potenciais investidores chineses para investir, realocar e se envolver em joint ventures.

## 2.7. Direcionar IED chinês para Zonas Econômicas Especiais para exportação para a China e incentivar a participação local

A China já apoiou seus investidores no desenvolvimento de SEZs na África, especialmente por meio do CADFund. Embora tenham criado empregos, eles permanecem dominados por empresas chinesas com transferência de tecnologia limitada. Além disso, conforme observado no Capítulo 4, o investimento chinês na África fica atrás do da Ásia e o Capítulo 5 confirma que as empresas chinesas ainda não estão fabricando na África para exportar para a China. Há, portanto, uma necessidade de trabalhar juntos no apoio, preenchimento e expansão de SEZs em linha com a vantagem da indústria local e as expectativas de crescimento do próprio mercado da China, e longe das indústrias extrativas. Isso contribuirá para AIDA e BIAT.

## 2.8. Apoiar o uso de RMB em países africanos para permitir FDI e e-commerce enquanto constrói a independência monetária africana

Uma questão emergente para os países africanos e a China, à medida que interagem mais, será o câmbio de moeda, que afeta o potencial comercial, bem como o acúmulo de dívidas. Ao tomar medidas para suavizar o câmbio, será importante que a China e os países africanos tenham em mente e priorizem os objetivos africanos de independência monetária (por exemplo, um Fundo Monetário Africano) e eventual união monetária.

**Juntas, essas oito recomendações para a estratégia da África de financiamento com a China aumentariam as contribuições da China para:**

- Os quadros PIDA, AIDA, BIAT e STISA da Agenda 2063
- ODS 1 (sem pobreza), ODS 9 (indústria, inovação e infraestrutura), ODS 8 (trabalho decente e crescimento econômico), ODS 5 (igualdade de gênero)

**As oito recomendações (especialmente aquelas focadas na ajuda) também forneceriam potencial para a China contribuir para as quatro lacunas dos ODS identificadas (12, 14, 15 e 16 - ver Capítulo 4).**

## 3. FLUXOS DE PESSOAS

<sup>181</sup> Veja o webinar Africa Unconstrained no. 2: A level playing field? Regulating the ratings agencies (Um campo de jogo nivelado? Regulando as agências de classificação): <https://www.youtube.com/watch?v=18zJSfOkp80&t=1s>

Quando se trata de fluxos de pessoas, com base nas evidências coletadas neste relatório, as seguintes seis recomendações estratégicas principais se destacam:

**3.1. Incentivar as organizações chinesas a se concentrarem na África como destino turístico**

Conforme mencionado nos Capítulos 2 e 4, não há um único país africano para o qual a China seja a maior fonte de turistas, e a África está muito atrás da Ásia nisso. As economias dependentes do turismo na África precisam fazer dos turistas chineses uma prioridade nas negociações de governo para governo, buscando também tratamento recíproco. Isso vai contribuir para o BIAT.

**3.2. Buscar suporte chinês para marketing e infraestrutura para atrair viajantes de luxo chineses**

Os países dependentes do turismo precisam se engajar em marketing estratégico, com foco nas experiências únicas que os turistas terão ao visitar esses destinos em comparação com o que eles podem obter, por exemplo, Locais turísticos domésticos da Ásia ou da China. Eles também precisam se engajar na pesquisa de turismo para garantir que as necessidades turísticas sejam adaptadas às necessidades chinesas. Em termos de infra-estrutura, os países africanos também precisam de investir em infra-estrutura de comunicações e outros sistemas de apoio, tais como clientes multilíngues e sistemas de suporte de guias turísticos para atender aos turistas chineses. O apoio e as parcerias chinesas nessas áreas serão muito importantes no futuro.

**3.3. Incentivar a China a criar incentivos para o investimento chinês no setor de turismo da África**

O número crescente de turistas da China para a África é uma chance de renovar o setor de turismo e contribuir para o BIAT. As economias africanas são ricas em belezas naturais, incluindo fontes termais e tipos de atrações turísticas que são consideradas interessantes principalmente pelos turistas chineses. Incentivar o investimento chinês na indústria hoteleira, personalizar experiências para turistas chineses, melhorar a rede de transporte em torno dos destinos turísticos e melhorar a segurança nos locais turísticos é crucial e contribuirá para o BIAT.

**3.4. Diversificar os estudos na China e tornar mais fácil para os alunos trabalhar e ganhar experiência na China**

As tendências demográficas africanas e a análise do **Capítulo 2** sugerem que a demanda de estudantes africanos para estudar na China continuará a aumentar. No entanto, existem lacunas nos tópicos de estudo e os desafios permanecem para que os alunos qualificados continuem a trabalhar na China, de onde possam enviar remessas e demonstrar seu valor - inclusive para cidadãos chineses. Incentivar a China a expandir os tipos de matérias que os africanos podem estudar e trabalhar contribuirá para o desenvolvimento humano africano e, portanto, para o STISA.

**3.5. Buscar mais dados e políticas de imigração abertas para empresas e empreendedores africanos na China**

Os dados sobre esta questão são escassos, mas a análise nos **Capítulos 2 e 5** sugere que os empresários africanos enfrentam mais dificuldades para trabalhar na China do que os empresários chineses enfrentam para trabalhar nos países africanos. Isso pode resultar em discriminação e racismo contra os africanos, como ocorreu no início de 2020 durante a pandemia COVID-19 em Guangzhou. Incentivar a China a compartilhar dados, remover barreiras e até mesmo fornecer políticas de imigração preferenciais para empresários e



empreendedores africanos na China, não será apenas um sinal de boa fé e confiança, mas também contribuirá para AfCFTA e BIAT.

### 3.6. Incentivar a China a concentrar a ajuda em investir mais no capital humano da África no continente

Esta recomendação ecoa a de 2,5 e garantirá uma contribuição mais forte da China para a STISA.

**Juntas, essas seis recomendações para a estratégia da África para fluxos de pessoas com a China aumentariam as contribuições da China para:**

- Os quadros BIAT e STISA da Agenda 2063
- ODS 1 (sem pobreza), ODS 9 (indústria, inovação e infraestrutura), ODS 4 (educação de qualidade), ODS 8 (trabalho decente e crescimento econômico), ODS 10 (reduzir as desigualdades), ODS 5 (igualdade de gênero) e o ODS 3 (saúde e bem-estar)

**As seis recomendações também forneceriam potencial para a China contribuir para algumas lacunas identificadas dos ODS (14 e 15 em particular - ver Capítulo 4).**

## Recomendações sobre processos

Em 2018, os resultados do 7º FOCAC foram elaborados em torno de “8 iniciativas principais”. No entanto, pode-se argumentar que eles poderiam ter sido organizados em torno das seis estruturas continentais da Agenda 2063 no Primeiro Plano de Implementação Decenal. De fato, conforme observado no **Capítulo 4**, apenas duas dessas estruturas - CAADP e BIAT - foram explicitamente mencionadas no plano de ação de 2018. A pesquisa dos Embaixadores no **Capítulo 5** também sugere alguns desafios de negociação. Então, como podem os africanos, em termos de processo, garantir que as prioridades africanas sejam refletidas de forma mais forte na parceria com a China?

Nosso conjunto final de oito recomendações (4-11) se relacionam a tais processos.

### 4. Institucionalização das relações África-China

Dado o grau de gestão institucional chinesa do FOCAC, as opções para vários graus de institucionalização do lado africano devem ser avaliadas o mais rapidamente possível. Por exemplo, o estabelecimento de um quadro jurídico africano âncora<sup>182</sup> contendo regras de engajamento, procedimentos de implementação podem ser considerados. O fortalecimento do escritório da União Africana na China, com o grupo de Embaixadores Africanos na China (incluindo aqueles que contribuíram para o Capítulo 5), para assumir mais responsabilidade pelo monitoramento africano proativo de dados e resultados de programas iniciados através do FOCAC em particular também é crucial. A Unidade de Coordenação e Gestão de Parcerias da UA também pode gerir a estratégia de parceria China-África de forma mais ativa a curto prazo.

### 5. Simplificar e aprofundar os compromissos de parceria provincial

A pesquisa revelou que apenas um terço das divisões administrativas de nível provincial da China são priorizadas pelos países africanos em questão, com sobreposições significativas à medida que as províncias se envolvem bilateralmente. Isso tem o potencial de fragmentar as relações. Também é necessário que os países africanos se concentrem nas províncias inexploradas por meio de pesquisas direcionadas. Recomendamos, portanto, mecanismos institucionais para agilizar o

<sup>182</sup> Veja o webinar da Africa Unconstrained no. 6: Can Africa Manage China? (A África pode administrar a China?) <https://www.youtube.com/watch?v=A00KZYI7zfs>



envolvimento provincial - estes irão mudar ao longo do tempo à medida que as prioridades da UA mudam. Isso poderia ser gerenciado por meio da (s) estrutura (s) institucional (is) sugerida (s) em 4.1.

## 6. Coordenar dentro da África os termos do contrato chinês para benefícios locais e resultados verdes

Dado o número de empréstimos, acordos de financiamento de projetos, bem como acordos bilaterais de investimento que os países africanos estão atualmente envolvidos com a China, a opinião dos Embaixadores de que os termos podem ser mais bem negociados é importante (**Capítulo 5**). A médio prazo, a China (e outros parceiros de desenvolvimento) deve desvincular a ajuda e os empréstimos e permitir que os empreiteiros locais africanos entreguem programas e projetos às prioridades locais. No entanto, como uma medida de curto prazo, abordagens podem ser empregadas para aumentar os benefícios. Por exemplo, os governos africanos podem negociar padrões mínimos coletivos para o uso de mão de obra local e conteúdo nos contratos, e as mais fortes condições ambientais<sup>183</sup>. A UA poderia coordenar essas normas no âmbito do PIDA, em alternativa os Embaixadores Africanos poderiam coordenar sobre isto, ou os Ministros das Finanças africanos reuniam-se para discutir e trocar experiências sobre negociação de instrumentos de empréstimo.

## 7. Coordenar dentro da África o envolvimento do setor mineral com a China

A transição de energia e transporte sugere que baterias e outros minerais se tornarão a chave para alavancar o potencial de crescimento da África. Como mostra o **Capítulo 2**, um IED chinês significativo está entrando neste setor, mas como o **Capítulo 3** explica, uma ação-chave deve ser negociar com as partes interessadas chinesas para garantir mais valor agregado no continente do investimento chinês (e outros) neste setor, para entregar nos objetivos AIDA e AMV. Este processo deve ser conduzido em particular por países do “cinturão” mineral.

## 8. Formular estratégias de entrada no mercado deliberadas e coordenadas para a entrada dos principais produtos africanos na China

O mercado chinês está evoluindo rapidamente, mas não é bem compreendido pelas empresas africanas. Também é caro e desafiador para as empresas por conta própria explorar o mercado, ou mesmo para um único país fazê-lo. Mesmo assim, muitos países africanos querem vender os mesmos produtos para a China. Dada a pequena pegada da África até agora (**Capítulos 2 e 4**), o mercado é grande o suficiente para absorver tudo. Assim, um papel fundamental para as entidades africanas de promoção do comércio é, portanto, juntamente com as CERs, o Secretariado do AfCFTA e os departamentos relevantes da UA, colmatar esta lacuna na compreensão, com foco na adição de valor, trabalhando juntos em estratégias de entrada no mercado para os principais países africanos. entrada de produtos na China.

## 9. Formular estratégias deliberadas e coordenadas de atração de IED para as ZEEs e centros de manufatura regionais

O cenário de manufatura e negócios na África está evoluindo rapidamente, mas não é bem compreendido pelas empresas chinesas. Também é caro e desafiador para as empresas chinesas explorarem o mercado por conta própria, ou até mesmo para uma única província. Além disso, as informações de que as empresas chinesas precisam para tomar decisões de investimento vão além dos incentivos tradicionais, como incentivos fiscais para os investidores, e vão além da tradução dessas informações para o chinês. Os investidores precisam entender os custos

<sup>183</sup> <https://thediplomat.com/2021/05/a-new-database-reveals-chinas-secret-loans-think-again/>



operacionais específicos para atividades específicas e compará-los aos custos operacionais chineses.

Mais uma vez, dados os níveis bastante baixos de IED chinês na África versus Ásia (**Capítulo 4**), a competição em toda a África é pouco relevante. As entidades africanas de promoção de investimento, bem como as CERs, o Secretariado do AfCFTA e os departamentos relevantes da UA, devem fazer a ponte com estratégias de atração de IED mais personalizadas. Isso também pode ser feito por setor. Por exemplo, alinhado com a estratégia do CDC da África e AIDA, centros esperados / planejados para a fabricação de medicamentos e equipamentos médicos podem ser lançados diretamente para as empresas farmacêuticas chinesas.

#### **10. Trabalhar juntos em meios para tornar mais fácil para os turistas chineses viajarem pelo continente**

O **Capítulo 2** indicou um grande aumento de turistas chineses em alguns países africanos como o Marrocos, mas isso é limitado a alguns países importantes. No entanto, a maioria dos países africanos está à procura de categorias semelhantes de turistas, conforme sugerido pelos Embaixadores no **Capítulo 5**. A UA e as CERs podem encorajar e ajudar a coordenar as rotas para pacotes de vistos multi-entradas, multi-anos, voos fretados, ligados ao Single Air Mercado de Transporte, contribuindo para BIAT.

#### **11. Fortalecer as comunicações com os cidadãos africanos sobre o relacionamento com a China**

É necessária uma estratégia de comunicação específica destinada a garantir que os cidadãos africanos compreendam a extensão, âmbito, oportunidades e desafios da relação China-África em termos de comércio, finanças e fluxos de pessoas. Esta comunicação deve ser facilitada pela UA, em coordenação com os Ministérios Africanos da Informação.

## CAPÍTULO 7 - CONCLUSÕES E PRÓXIMAS ETAPAS



Este relatório, destinado principalmente aos líderes e formuladores de políticas africanos dentro da União Africana, nas capitais e em Pequim, bem como às partes interessadas africanas, incluindo o setor privado e a sociedade civil, tem como objetivo fornecer um "plano" abrangente inicial para um continente em toda a estratégia para a África.

Este tem sido um projeto desafiador e ambicioso. Mas é necessário por três razões.

Em primeiro lugar, com demasiada frequência, como expõe a nossa introdução, a análise da relação África-China sofre de ser percebida a preto e branco, bem como de ser vista através do prisma da competição - de perspectivas não africanas e não chinesas. Este relatório, baseado em chamadas de acadêmicos africanos em particular,<sup>184</sup> assim como líderes africanos, representa a primeira tentativa abrangente de desalojar essas narrativas, vendo e avaliando a relação África-China ancorada de uma perspectiva puramente africana e baseada em demandas.

Em segundo lugar, e como resultado de narrativas binárias e relacionadas com a competição, existe o risco de que as oportunidades para um envolvimento mais profundo com a China sejam perdidas pelos líderes e cidadãos africanos. O fato de que a China é o atual centro de manufatura do mundo e a segunda maior economia do mundo (a maior por algumas medidas), enquanto a Agenda 2063 da África prevê que o continente seja a terceira maior economia global e substituindo a China como o futuro centro de manufatura do mundo - embora com uma tonalidade mais verde e mais ecológica - significa que o envolvimento da África com a China é absolutamente crucial, potencialmente mais do que qualquer outro parceiro de desenvolvimento da África.

<sup>184</sup> <https://www.palgrave.com/gp/book/9783030530389>



Terceiro, não há tempo a perder com relação a esta ou qualquer outra relação de desenvolvimento. O ritmo necessário para cumprir o ODS1 para o continente africano até 2030 exige que cerca de 400 milhões de pessoas saiam da pobreza em um período de pouco mais de 10 anos. Isso é duas vezes mais rápido do que os chineses alcançaram nos últimos 40 anos<sup>185</sup>.

No entanto, cada país africano é diferente e, portanto, a avaliação principal é contra os objetivos da União Africana, negociados e definidos coletivamente pelos Estados-Membros.

Ao fornecer este primeiro "plano", o relatório, portanto, em vez de usar narrativas simples ou contra-narrativas em torno do "progresso" ou "falha", concebe e utiliza uma estrutura imparcial, orientada por dados e holística para explorar o progresso até o momento no Relação África-China usando três elementos-chave - comércio, finanças e fluxos de pessoas.

Em todas as três áreas, o relatório identifica e resume o progresso. Sem dúvida, os fluxos comerciais, financeiros e de pessoas em conjunto entre os países africanos e a China aumentaram rapidamente nos últimos vinte anos em particular, embora em graus diferentes. O relatório conclui que os fluxos de pessoas, em particular, permanecem atrás dos fluxos de comércio e finanças.

Para aumentar isso, e com o objetivo de identificar lacunas e oportunidades no relacionamento que poderiam ser preenchidas, comparamos a relação África-China de três maneiras diferentes, cada uma fornecendo percepções especiais e únicas.

1. Nós comparamos a relação África-China com as seis estruturas continentais da União Africana - que cobrem tudo, desde infraestrutura até agricultura, mineração e tecnologia e inovação. Nossa principal conclusão desta análise é que, embora a China tenha feito contribuições significativas, mais pode ser feito para vincular as atividades da China aos objetivos da UA e melhorar seus resultados, especialmente o desenvolvimento transfronteiriço.
2. Nós comparamos a relação África-China com a relação da África com outros parceiros de desenvolvimento, como os EUA, Reino Unido e França. Encontramos resultados muito mistos, o que significa que a África poderia fazer mais para alavancar o relacionamento.
3. Comparamos a relação África-China com a relação da China com o resto da Ásia. Descobrimos que a África é apenas "melhor" do que a Ásia no relacionamento com a China - ajuda. Em todas as outras métricas, a Ásia atraiu mais engajamento até agora com a China.

O relatório também usa os resultados de uma pesquisa detalhada de 60 perguntas de embaixadores africanos selecionados na China. A pesquisa reitera a análise acima e revela uma série de percepções - particularmente visões sobre como a China pode melhor contribuir para a realização dos ODS, suas principais áreas de foco (especialmente o comércio), a facilidade de negociação com contrapartes chinesas nas prioridades africanas e os desafios relacionados às pessoas fluxos em particular.

Por fim, realizamos modelagem para entender melhor as perspectivas de um ALC com a China, revelando que um processo mais gradual e direcionado pode estar mais em linha com os objetivos de desenvolvimento da África.

Por meio dessa análise, derivamos o "plano", a "estratégia" - recomendações dirigidas aos governos africanos para priorizarem juntos o que fazer a seguir em relação à China. Essas recomendações são apresentadas em duas partes: a substantiva - usando a estrutura de três partes de comércio (6 recomendações), finanças (8 recomendações) e fluxos de pessoas (6 recomendações); e o processo - como essas - ou outras - prioridades estratégicas podem ser colocadas em ação, inclusive por meio do FOCAC (8 recomendações).

<sup>185</sup> <https://news.cgtn.com/news/2019-10-17/China-s-poverty-reduction-was-fast-Can-Africa-s-be-faster--KRbfGQUne0/index.html>



As 28 recomendações neste relatório são recomendações iniciais. Eles exigem muito mais discussão e análise e irão evoluir com o tempo. No entanto, eles fornecem um ponto de partida útil.

A análise também tem limitações e pode ser aumentada em relatórios futuros ou por outros atores. Por exemplo, existem vários outros parceiros de desenvolvimento com os quais a China poderia ser comparada - do Japão aos Emirados Árabes Unidos. Da mesma forma, a região africana pode ser comparada com outras regiões além da Ásia. No entanto, não tivemos tempo para adicionar essas outras dimensões. Além disso, só alcançamos um número seleto de embaixadores africanos na China que sabíamos que confiariam em nós para compartilhar seus pontos de vista com mais franqueza. No futuro, gostaríamos idealmente de captar as opiniões de uma maioria ou mais dos embaixadores africanos na China. A modelagem concluída também representa um primeiro passo. Modelos de equilíbrio geral ou parcial podem analisar os efeitos dinâmicos das diferentes relações comerciais entre a África e a China.

Apesar dessas advertências e limitações, nossa esperança é que esta primeira estratégia África-China forneça a base para que os líderes africanos expressem mais agência em relação à China. O plano também pode ser usado como base para desenvolver a posição da UA e de países africanos específicos na próxima oitava edição do FOCAC, que se espera realizar em Dacar, Senegal no final de 2021. A abordagem e a análise também podem ser aplicadas a parcerias com outros parceiros de desenvolvimento de África. Em tudo isso, o objetivo principal deve ser cumprir a Agenda 2063 da África e os ODS da ONU - o teste final.



## REFERÊNCIAS ESSENCIAIS

- i. Adebola T(2020) Mapping-Africas-Complex-Regimes-Towards-African-Centred-Afcfta-Intellectual-Property, The African Journal of International Economic Law, Vol 1, pp 233-290, Disponível online em: <https://www.afronomiclaw.org/journal-file/mapping-africas-complex-regimes-towards-african-centred-afcfta-intellectual-property> [Acesso 28 maio 2021]
- ii. Adlung, R. & Molinuebo, M (2008) Bilateralism in Trade Services: Is there Fire Behind the (BIT) Smoke?, Staff Working Paper No. ERSD-2008-01 World Trade Organisation.
- iii. Ado, A.(2020)Africa Cooperation: FDI, Informal Institutions, BRI, and Guanxi, African Studies Quarterly | Volume 19, Issues 3-4, Disponível online em: <https://asq.africa.ufl.edu/files/V19i3-4a5.pdf> [Acesso 28 maio 2021]
- iv. Aebischer, C. (2019). China Avocado Deal Signed,AsiaFruit, 29 abril, Disponível online em: <http://www.fruitnet.com/asiafruit/article/178558/kenya-china-avocado-deal-signed> [Acesso 28 maio 2021]
- v. African Union Agenda 2063: The Africa We Want (Agenda 2063 da União Africana: A África que Queremos), Disponível online em: <https://au.int/en/agenda2063/overview>
- vi. African Union Agenda 2063 Agenda 2063 Aspirations (Agenda 2063 da União Africana, Aspirações da Agenda 2063), Disponível online em: <https://au.int/en/agenda2063/aspirations> [Acesso 28 maio 2021]
- vii. African Union Continental Frameworks (Estruturas continentais da União Africana), Disponível online em:<https://au.int/en/agenda2063/continental-frameworks> [Acesso 28 maio 2021]
- viii. African Union Agenda 2063 Flagship Projects (Projetos emblemáticos da Agenda 2063 da União Africana), Disponível online em: <https://au.int/en/agenda2063/flagship-projects>{ Acesso 28 maio 2021]
- ix. Anshan, L. et al, (2012). FOCAC Twelve Years Later achievements, challenges and the Way Forward (FOCAC doze anos depois, realizações, desafios e o caminho a seguir), Discussion Paper 74, Peking University, School Of International Studies in cooperation with Nordiska Afrika institutet, Uppsala , Disponível online em: <https://www.files.ethz.ch/isn/151831/FULLTEXT01-4.pdf> [Acesso 28 maio 2021]
- x. Brautigam, Deborah, Jyhjong Hwang, Jordan Link, and Kevin Acker (2020) "Chinese Loans to Africa Database," (Banco de dados de empréstimos chineses para a África) Washington, DC: China Africa Research Initiative, Johns Hopkins University School of Advanced International Studies.
- xi. China-Africa Trade and Economic Relationship Annual Report 2010 (Relatório Anual de Relações Econômicas e Comerciais China-África 2010), Disponível online em: [http://www.focac.org/eng/zfgx\\_4/jmhz/t832788.htm](http://www.focac.org/eng/zfgx_4/jmhz/t832788.htm) [Acesso 28 maio 2021]
- xii. China Africa Research Initiative e Boston University Global Development Policy Center. 2021. Chinese Loans to Africa Database, Version 2.0. (Banco de dados de empréstimos chineses para a África, versão 2.0). Disponível online em: <https://chinaafricaloandata.bu.edu/>.



- xiii. China Africa Research Initiative (2019) Chinese Investments in Africa (investimentos chineses na África), Disponível online em: <http://www.sais-cari.org/chinese-investment-in-africa> [Acesso 28 maio 2021]
- xiv. China Africa Research Initiative (2019), Chinese Workers in Africa Africa (investimentos chineses na África), Disponível online em: <http://www.sais-cari.org/data-chinese-workers-in-africa> [Acesso 28 maio 2021]
- xv. China Daily (2019) Huajian Group puts its Best Foot Forward (Huajian Group dá o melhor de si) 20 de junho, Disponível online em: [http://www.chinadaily.com.cn/cndy/2019-06/27/content\\_37485271.htm](http://www.chinadaily.com.cn/cndy/2019-06/27/content_37485271.htm) [Acesso 28 maio 2021]
- xvi. China News (2020). 20 Days Setting Up A Business in China (20 dias abrindo uma empresa na China), Disponível online em: <https://www.chinanews.com/business/2020/11-06/9332299.shtml>
- xvii. Dankwah , O.K & Amoah, A. P (2018). Gauging the Dispositions between Indigenes, Chinese and other Immigrant Traders in Ghana (Avaliando as disposições entre indígenas, chineses e outros comerciantes imigrantes em Gana), Asian Ethnicity, Volume 20, 2019 – No. 1
- xviii. Development Reimagined (2020), Which African Countries are Most Vulnerable and Resilient to the Global Covid19 Slowdown? (Quais países africanos são mais vulneráveis e resilientes à desaceleração global da Covid19?) 28 maio 2020, Disponível online em: <https://developmentreimagined.com/2020/05/28/which-african-countries-are-most-vulnerable/> [Acesso 28 maio 2021]
- xix. Development Reimagined (2020). Geographical Indications: An opportunity for Africa to Add Value to Exports (Indicações geográficas: uma oportunidade para a África agregar valor às exportações), Disponível online em: <https://developmentreimagined.com/2020/01/24/geographical-indications/> [Acesso 28 maio 2021]
- xx. Development Reimagined (2020) China- Africa FDI Localization, Disponível online em: <https://developmentreimagined.com/wp-content/uploads/2020/10/fdi-localisation-1.pdf> [Acesso 28 maio 2021]
- xxi. Devermont, J. (2020) A Seat at the Table: African Leadership in Post Covid-19 World, Centre for Strategic and International Studies (CSIS) (Um lugar à mesa: Liderança Africana no Mundo Pós Covid-19, Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais) 12 junho, Disponível online em: <https://www.csis.org/analysis/seat-table-african-leadership-post-covid-19-world> [Acesso 28 maio 2021]
- xxii. ECOWAS Infrastructure Plan (Plano de infraestrutura da ECOWAS), Disponível online em: <https://www.ecowas.int/ecowas-sectors/infrastructure/> [Acesso 28 maio 2021]
- xxiii. Relatório anual do Banco Exim (2019) 2019, Disponível online em: <http://english.eximbank.gov.cn/News/AnnualR/> [Acesso 28 maio 2021]
- xxiv. FOCAC Johannesburg Action Plan (2016-2018), Disponível online em: [http://www.focac.org/eng/zywx\\_1/zywj/t1327961.htm](http://www.focac.org/eng/zywx_1/zywj/t1327961.htm) [Acesso 28 maio 2021]
- xxv. FOCAC Beijing Action Plan (2019-2021), Disponível online em: [http://www.focac.org/eng/zywx\\_1/zywj/t1594297.htm](http://www.focac.org/eng/zywx_1/zywj/t1594297.htm) [Acesso 28 maio 2021]

- xxvi. General Agreement on Tariffs and Trade (GATT), Disponível online em: [https://www.wto.org/english/docs\\_e/legal\\_e/gatt47\\_01\\_e.htm](https://www.wto.org/english/docs_e/legal_e/gatt47_01_e.htm) [Acesso 28 maio 2021]
- xxvii. Giuseppe, C. (2018). China-Africa Trade to Benefit from Growing Economic Cooperation—China Briefing News. Disponível online em: <https://www.china-briefing.com/news/china-africa-trade-to-benefit-from-growing-economic-cooperation> [Acesso 28 abril 2021]
- xxviii. Kates, H.(2021). Rwanda’s Dry Chili Debut Chinese-Market, The New Times, 11 março, Disponível online em: <https://www.newtimes.co.rw/news/rwandas-dry-chili-debut-chinese-market> [Acesso 28 maio 2021]
- xxix. Li, B.(2015)Africans Also Investing In China, Disponível online em: <https://www.un.org/africarenewal/magazine/august-2015/africans-also-investing-china> [Acesso 28 maio 2021]
- xxx. McKinsey & Company (2017) Dance of the lions and dragons; How are Africa and China engaging, and how will the partnership evolve? junho 2017, Disponível online em: <https://www.mckinsey.com/~media/mckinsey/featured%20insights/Middle%20East%20and%20Africa/The%20closest%20look%20yet%20at%20Chinese%20economic%20engagement%20in%20Africa/Dance-of-the-lions-and-dragons.ashx> [Acesso 28 maio 2021]
- xxxi. Ministry of Commerce of the People’s Republic of China. “Annual Report on China international Project Contracting 2019-2020.” 20 janeiro, 2021.
- xxxii. Namibia Broadcasting Corporation (2018), Namibia China Sign Various Trade Agreements, 29 March 2018, Disponível online em: <https://www.nbc.na/news/namibia-china-sign-various-trade-agreements.16826> e <http://na.mofcom.gov.cn/article/jmxw/201905/20190502862471.shtml> [Acesso 28 março 2021]
- xxxiii. Nyabiage, J.(2020). China To Start Buying soybeans From Tanzania As It Seeks New Suppliers, South China Morning Post, 20 outubro, Disponível online em: <https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3107445/china-start-buying-soybeans-tanzania-as-it-seeks-new-suppliers> [Acesso 28 maio 2021]
- xxxiv. Riccardo Crescenzi and Nicola Limodio (2021), The Impact of Chinese FDI in Africa: Evidence From Ethiopia, London School of Economics, Disponível online em: [http://eprints.lse.ac.uk/108455/1/Paper\\_22\\_the\\_impact\\_of\\_chinese\\_fdi\\_in\\_africa.pdf](http://eprints.lse.ac.uk/108455/1/Paper_22_the_impact_of_chinese_fdi_in_africa.pdf) [Acesso 28 maio 2021]
- xxxv. Ryder, H. & Benefo, A.(2020) China’s Coronavirus Slowdown: Which African Countries will be Hit Hardest, The Diplomat 19 março , Disponível online em: <https://thediplomat.com/2020/03/chinas-coronavirus-slowdown-which-african-economies-will-be-hit-hardest/> [Acesso 28 maio 2021]
- xxxvi. SADC Regional Infrastructure Development Mater Plan, Disponível online em: [publications/show/Regional\\_Infrastructure\\_Development\\_Master\\_Plan\\_Energy\\_Sector\\_Plan.pdf](https://www.sadc.int/publications/show/Regional_Infrastructure_Development_Master_Plan_Energy_Sector_Plan.pdf) [Acesso 28 maio 2021]



- xxxvii. Shalal, A.(2020) Kenya Wants Close Ties with both USA and China, Reuters, 15 fevereiro, Disponível online em: <https://www.reuters.com/article/us-kenya-china-trade-idUSKCN1TB1EC> [Acesso 28 maio 2021]
- xxxviii. Shinn, David H. and Joshua Eisenman. China and Africa: A Century of Engagement. 1st ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2012
- xxxix. Sundray,R. & Edinger. H. Examining the South African- China Agricultural Relationship, Case Study 42 , Available Online: <https://www.files.ethz.ch/isn/100675/42.pdf> [Acesso 28 maio 2021]
- xl. State Council Information Office of the People's Republic of China (2021). China's International Development Cooperation in the New Era,10 January, Disponível online em: <http://english.www.gov.cn/atts/stream/files/5ffa69cac6d0cc300eea77af> [Acesso 28 maio 2021]
- xli. UN Sustainable Development Goals, Disponível online em: <https://www.africa.undp.org/content/rba/en/home/sustainable-development-goals.html> [Acesso 28 maio 2021]
- xlii. Winkler, M.A (2020) Coronavirus Is Helping African Economies Compete, Bloomberg 25 novembro Disponível online em: <https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2020-11-25/coronavirus-is-helping-african-economies-compete> [Acesso 28 maio 2021]
- xliii. Xinhua (2020). Kenya To Prioritize Avocado Exports China, CGTN, 7 novembro, Disponível online em: <https://africa.cgtn.com/2020/11/07/kenya-to-prioritize-avocado-exports-to-china/> [Acesso 10 janeiro 2021]
- xliv. Yu-Wen Chen & Niall Duggan (2016), Soft Power and Tourism: A Study of Chinese Outbound Tourism to Africa, JCIR: VOL. 4, No. 1 (2016), Disponível online em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229009061.pdf> [Acesso 28 maio 2021]